

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: As Idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilugão — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822). Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e epíodos do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrizes de Ruy Barbosa — (Segundo texto escolhido).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Pomero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição (Illustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — W. Hericly Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª ed.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visconde Taunay: Pedro II.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Mouá (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo da Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de Adoctrinamento.
- 25 — Mario Mattoso: A Inguan do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem no Araguaya — 4.ª ed.
- 29 — José de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Edição illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Lettão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Angyone Costa: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. X. Sampaio: Phytogeographia do Brasil — Edição illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Dualismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Edição illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas inéditas, Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Laesambe) — Ed. illustrada.

- 39 — E. Roquette-Pinto: *Rondonia* — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
- 40 — Pedro Calmon: *Historia Social do Brasil* — 1.º Tomo — *Espirito da Sociedade Colonial* — 2.ª edição ilustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Mariaello: *A Intelligencia do Brasil*.
- 42 — Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil* — 3.ª edição (com 3 mappas fora do texto).
- 43 — A. Saboyr Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
- 44 — Estevão Pinto: *Os Indigenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: *Expansão Geographica do Brasil Colonial*.
- 46 — Renato Mendonça: *A Influencia africana no portuguez do Brasil* — Ed. Ilustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Mauá.
- 48 — Urbino Vazina Bandejas e serafinistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: *Historia Militar do Brasil* — Ed. Ilustrada (com 50 gravuras e mappas).
- 50 — Mario Travenço: *Projecção Continental do Brasil* — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: *Boenças africanas no Brasil*.
- 52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.ª edição completa, com parte original Tupyguary.
- 53 — A. J. de Saunier: *Biogeographia dynamica*.
- 54 — Antonio Couto de Carvalho: *Calogeras*.
- 55 — Hildibrando Acioly: *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America*.
- 56 — Charles Exbury: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penna.
- 57 — Fláscio Rodrigues Valle: *Elementos do Folklore musical Brasileiro*.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: *V viagem a Provincia de Santo Catharina* (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — Emílio Rivasseau: *A vida dos Indios Guayetés* — Edição Ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: *V viagem militar no Rio Grande do Sul* (Prefacio e 12 cartas do Príncipe d'Orléans, commentadas por Max Fleury) — Edição Ilustrada.
- 62 — Agostinho Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição Ilustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: *Na Plantação Amazonica* — 1.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: *Saberes e Memórias* — *Decadência e decadência rural no Brasil* — 1916 — 1.ª edição — Ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: *Silva Jardim*.
- 66 — Primitivo Moacyr: *A Instrucção e o Império* (Subsídios para a historia da educacão no Brasil) — 1823-1825 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: *Problemas de Governo* — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *V viagem ás Nascentes do Rio S. Francisco e pela Provincia de Goyaz* — 1.º tomo — Traducção e notas de Cláudio Ribeiro de Lencastre.
- 69 — Irado Malin: *Atravez da Historia Naval Brasileira*.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: *Conceito de Civilização Brasileira*.
- 71 — F. C. Hochne: *Mocantia e Agricultura no Brasil no Seculo XVI* — (Pesquisas — Contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — *Segunda viagem no interior do Brasil* — "Espirito Santo" — Traducção de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — *Machado de Assis* — (Estudo Critico-Biographico) — Edição Ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — *Estudos Historicos e Politicos* — (1823-Nos. 1) — 2.ª edição.

- 75 — Affonso A. de Freitas: **Vocabulário Mikéngatú** (verbalizado pelo português falado em S. Paulo) — Língua Tupy-guarany, (com 3 Illustrações fóra do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: **Historia secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicación de Pedro I" — Edição Illustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: **Zoologia do Brasil** — Edição Illustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: **Vingenta ás nascenças do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz** — 2.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 79 — Cravinho Costa: **O Visconde de Sabará** — Sua vida e sua atuação na politica nacional — 1840-1888.
- 80 — Oswaldo R. Costa: **Santa Catharina** — Edição Illustrada.
- 81 — Leôncio Brito: **A Gloriosa Sufocação do Primeiro Império** — Frel Crucea — Ed. Illustrada.
- 82 — C. de Mello-Leitão: **O Brasil Vista Pelos Inguezes**.
- 83 — Pedro Calmon: **Historia Social do Brasil** — 2.º Tomo — **Espectro da Sociedade Imperial**.
- 84 — Orlando M. Carvalho: **Problemas Eminentissimos do Municipio** — Edição Illustrada.
- 85 — Wrendesley Pinho: **Catolipe e seu Tempo** — Ed. Illustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: **A Margem do Amazonas** — Ed. Illustrada.
- 87 — Paulo de Menezes: **A Instrução e o Império** — (3.ª Parte para a Historia da Educação no Brazil) — 2.º volume — Referencia do periodo 1854-1888.
- 88 — Helio Lobo: **Um Anão da República** Fernando Lobo.
- 89 — Coronel A. Loureiro de Moura: **As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil**.
- 90 — Alfredo E. de Junier: **A Evolução da Economia Paulista e suas Causas** — Ed. Illustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: **O Rio da Unidade Nacional: O Rio Francisco**.
- 92 — Almirante Antonio Alves Camarã: **Ensaio Sobre as Construções Navaes Indigenas do Brasil** — 2.ª edição Illustrada.
- 93 — Seraphim Lelker: **Paizinas de Historia do Brasil**.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: **O Pico — Minas e os Mineiros da Independencia** — Ed. Illustrada.
- 95 — Luiz Aguiar e Elizabeth Cary Agassiz: **Viagem no Brasil — 1865-1866** — Trad. de Edgar Süsselind de Mendonça — Edição Illustrada.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: **A Politica que convém ao Brasil**.
- 97 — Lima Figueredo: **Oeste Paranaense** — Edição Illustrada.
- 98 — Fernando d'Azvedo: **A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões** (quebrado para 70 dias de S. Paulo) — em 1926).
- 99 — C. de Mello-Leitão: **A Biologia no Brasil**.
- 100 — Roberto S. Jansen: **Historia Economica do Brasil** — 3.ª Ed. Illustrada em 2 tomos — 100 — 100-A.
- 101 — Herbert Balthus: **Genesis de Hippologia Brasileira** — Edição Illustrada.
- 102 — S. Fiches Azevedo: **A riqueza mineral do Brasil** — Edição Illustrada.
- 103 — Souza Castro: **Mythos Africanos no Brasil** — Ed. Illustrada.
- 104 — Arnaldo Lobo — **Amazonia — A Terra e o Homem** — (Introdução á Anthropogeographia) — 2.ª edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: **A Provisão** — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: **O Vulto da Amazonia** — 2.ª edição.
- 107 — Luiz de Camargo Cardoso: **O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1796)** — Ed. Illustrada.
- 108 — Pad. Antonio Vieira: **Por Brasil e Portugal** — Serões compuztos por Pedro Calmon.
- 109 — George Haderes: **D. Pedro II e o Conselho de Gobierno** (Corresponsabilidade) — Ed. Illustrada.
- 110 — Nery Rodrigues: **As regras humanas e a responsabilidade perante o Brasil** — Com um estudo do Sr. Affonso Peçoto.

- 111 — Washington Luiz, Capitão de São Paulo - Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos Indígenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruls: A Amazonia que eu vi — Ob'des-Tumuc-Humac — Prefácio do Roquette-Pinto - Ilustrado. - 2.ª edição.
- 114 — Carlos Sussekind de Mendonça: Sylva Romero — Sua formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma indicação bibliographica — Ed. Ilustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos. Cartas do Solitário — 3.ª edição.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: Estudos Piahyenses - Edição Ilustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Souza: Tratado Descrptivo do Brasil em 1587 — Commentarios do Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Atravez da Bahia — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição Ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Phil. Joseph — Vida de D. Pedro II — Edição Ilustrada.
- 121 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio — (Schuldis na a Historia da Educação no Brasil 3.º volume — 1954 1959).
- 122 — Fernando Saboya de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wätjen: O domínio Colonial Holandez no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Celso Uchón Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos e cartas diplomaticas da Imperatriz Leopoldina - Edição Ilustrada.
- 125 — João Dorcas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira. 125 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas Provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes — em 2 tomos — Edição Ilustrada — Trad. e notas do Cláudio Ribeiro de Lessa.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO

Série 5.^a

BRASILIANA

Vol. 16

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

ALBERTO TORRES

O Problema Nacional Brasileiro

Introdução a um programma
de Organização Nacional

3.^a EDIÇÃO



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SAO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PORTO-ALEGRE

OBRAS DO MESMO AUTOR

Vers la paix — Études sur l'établissement de la paix générale et sur l'organisation de l'ordre internationale — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

Le problème mondial — Études de politique internationale — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

A organização nacional — Primeira parte: A Constituição — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.

As Fontes da Vida no Brasil — Rio, 1915.

A MEMORIA DE MEU PAE

DR. MANOEL MARTINS TORRES,

Senador da Republica, antigo magistrado, fallecido em 16 de Dezembro de 1905, depois de haver prestado á Patria, com austero civismo e ardente amor ao trabalho e a justiça, todos os serviços que a sua abnegação, a sua modestia e a sua nobreza de caracter não o impediram de prestar;

E A MINHA MÃE

D. CARLOTA DE SEIXAS TORRES,

cuja existencia, consagrada, com incansavel lida, a obras de amor e de virtude, é um dos maiores estimulos da minha confiança no valor da nossa raça.

INDICE

Algumas palavras de introdução	23
I — Senso, Consciencia e Caracter Nacional	55
II — Em prol das nossas raças	119
III — A soberania real	179
IV — Nacionalismo	239

Desvanecce-me sobremaneira a honra de dizer algumas palavras para a segunda edição do "PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO".

Outros o fariam com mais autoridade e mais brilho. Mas poucos, entre tantos que conhecem e admiram a obra do grande pensador fluminense, sentem mais profunda e sinceramente a gloriosa integração da sua obra com as mais altas finalidades nacionais. E foi por isso que não recusei, por um sentimento de insuficiência, a honra que me outorgou a família de Alberto Torres.

O grande brasileiro deixou obras que são um justo título de orgulho para o intellectualismo e para o pensamento brasileiro. Interessou-se pelo problema universal da Paz e concebeu estes monumentos de perspicacia, de saber philosophico, historico e de analyse, que são seus livros "VERS LA PAIX" e "LE PROBLÈME MONDIAL".

De todas as obras de Alberto Torres, as que, entretanto, mais intimamente nos interessam são: "O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO", a "ORGANI-

ZAÇÃO NACIONAL" e as "FONTES DA VIDA NO BRASIL".

Nesses trabalhos revelou-se Alberto Torres a nossa mais completa organização de sociólogo e de pensador.

Como obra constructora e obra nacionalista tem um brilho, uma utilidade e um valor incomparáveis; são como catecismos políticos onde se contém tudo o que é de util como compreensão do nosso passado e como perspectiva para o futuro.

Ninguém, até hoje, falou da nossa história, dos nossos problemas, dos nossos erros, das nossas virtudes e dos nossos deveres com tanta superioridade de entendimento e com tanta força de persuasão.

Alberto Torres não fulminou o homem com o anathema da sua pequenez, nem exaltou a natureza com a afirmação delirante da sua pujança como tão corunemente procede o pessimismo nacional. Humano e bom, raciocinador e philosopho, comprehendeu que essa dualidade de aspectos não pertencia somente á nossa história, mas se

enquadrava nas leis que regem a vida dos homens e das coisas; procura harmonizá-las, aproximando-as, comparando-as, concluindo, aconselhando.

O livro "O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO", que não omite nada do que se refira ás grandes necessidades da nossa patria é, por essa razão, um livro que anima, que fortalece, que engrandece nossas energias e disciplina nosso desejo de progredir. É só a introdução a esse livro, cheio todo de uma grande sinceridade, basta para enlevar o mais indiferente espirito. Esta sinceridade é o caracter dominante em toda a sua obra, desde quando o autor denuncia e combate o "espirito romantico e contemplativo" brasileiro, tão inútil no nosso esforço de construção social e politica, até quando declara que "nas finanças, na administração, na justiça, na ordem politica, na moralidade administrativa, na instrução, o declínio é manifesto".

E esta sinceridade é que o levava a appellar para os homens públicos para que lessem os seus trabalhos e discutissem as suas idéas.

É a propósito, é significativo o trecho seguinte de uma carta de Alberto Torres a Pedro Lessa, datada de Fevereiro de 1915, quando se pensou na revisão constitucional.

Dizia o Mestre:

"O nosso paiz, que nunca se consolidou em nação e em sociedade, é presa de uma das mais escandalosas anarquias, de que há exemplo; e, para o simples criterio juridico, nada mais facil do que demonstrar que muitas das causas dessa anarchia resultam, não de se não praticar a Constituição, mas da indole e do espirito das snas instituições, visivelmente repugnantes ao uosso temperamento politico. Nessa serie de desordens a que se chama, entre nós, politica — exhibição flagrante e superlativa da verdade de que a vida institucional dos povos contemporaneos é ainda a mesma fórmula de exploração dos postos de direcção publica, como *butins* da luta social — os conflictos que se reproduzem annualmente demonstram a insufficiencia da lei de 24 de Fevereiro. Mas isto é apenas a prova feita pelos levedos da espuma, agitada na superficie politica, pela

excitação das ambições e das paixões — estímulo quasi exclusivo das luctas partidarias. Abaixo disso, a nossa patria é um colosso em dissolução, — nessa época em que se está pleiteando a grande concorrência mundial entre os povos no terreno da synergia organizadora. Permita que lhe diga com sinceridade a causa psychologica da sua opinião: a sua educação mental é, neste assumpto, uma educação jurista, e como jurista, seguindo, aliás, os methodos das nossas escolas, — de applicador e de interprete da lei e do Direito. Faltam-lhe o habito da observação politica e o criterio da organização. Esse é o immenso mal do nosso paiz, onde as intelligencias não sabem manter, sobre todas as cousas, senão a attitude critica e a de diletantismo literario, quando o que se nos está impondo é a coragem da iniciativa e da responsabilidade de solver. Se o seu espirito se applicasse ao exame da anarchia que por ahí vae, a simples consideração da desaggregação deste paiz — onde cada reguio de aldeia é mais soberano do que a nação, que tem vinte Estados de uma federação de caudilhagem e não tem o

Estado nacional — bastaria para provar-lhe que esta fórma de governo, que vem comprometendo a nossa sorte, com a sustentação de uma sociedade de parasitas mantidos pelos cofres publicos ou vivendo á custa dos interesses illegitimos creados pela organização anti-social da nossa politica, e com essa ostentação megalomaniaca de luxos, de vaidades e de grandezas, sem gosto e sem cultura, que se exhibe nas nossas cidades, ao passo que a producção permanece em eterna crise, e que não formamos ainda economia nacional, nem para o simples effeito alimentar — não pode deixar de ser substituída por uma verdadeira organização politica.

Os livros que lhe mandei são o espelho desta realidade e contém o remedio para esta anarchia. Tenha paciência, meu caro Lessa, leia e medite esses meus trabalhos: é o appello que faz ao seu alto espirito e ao seu recto character um Brasileiro que está estudando as cousas do seu tempo e da sua terra com a attenção e o cuidado pratico de um capitão de navio em acção e para a acção.

Leia attentamente esses meus trabalhos, mas leia-os na terra e na vida, e não de camarote de theatro, seja do theatro comico, dramatico ou tragico; e se tiver duvidas e objecções, dê-me a honra de vir conversar conmigo. Desculpe a fôrma deste appello, do homem modesto e isolado — o mais fraco e o mais esquecido dos seus patricios, o mais abandonado dos trabalhadores mentaes desta terra, que cumpre deveres de existencia, e não deveres de cargo, e não conta, para compensação da alma, do sangue e dos nervos, que põe em seus trabalhos, senão com a consoladora animação, puramente *moral*, da sua divisa: *In posterum*. Muito *ex-corde* — ALBERTO TORRES.

Infelizmente toda a obra maguifica e authenticamente grande de Alberto Torres não teve repercussão em vida do seu autor.

Edificante sarcasmo este da indiferença patricia para com o maximo exegeta do seu caracter, e das suas indoles historico-sociaes!

E este sarcasmo foi talvez a maior amargura que ferira a mentalidade de Alberto Torres. Elle morreu sem ver

a sua palavra doutrinaria e sincera ouvida pelos dirigentes e pelos legisladores brasileiros.

Humberto de Campos escreveu recentemente que "Alberto Torres teve, de facto, a previsão de todas as calamidades que tomariam, dentro de vinte annos, sobre o paiz, e chamou para ellas a attenção dos homens publicos. Das eminencias era que pairava o seu espirito, elle viu e annunciou as navens sinistras que se acastellavam no horizonte. Daniel, em Babilonia, decifrou a Balthazar a verdade das palavras mysteriosas. Os generaes e fidalgos assyrios sorriram, porém, da ameaça do céo. E o resultado ahí está: a anarchia politica, a anarchia economica, a anarchia social, o edificio de um paiz novo desmantelando como as ruinas de um imperio oriental".

E conclue o brilhante escriptor:

"Durante tres lustros o Brasil esqueceu esse grande homem que devia ter sido o palinuro da nau virgiliana dos seus governos.

"Ninguém acreditava nas suas predicções. Até que os acontecimentos, confirmando o que elle predissera, o impuzeram á admiração das gerações novas, que iniciaram, finalmente, agora, para a admiração publica, a resurreição da sua obra e do seu nome. Morto ha dezesseis annos, Alberto Torres está hoje mais vivo do que na vespera da sua morte. As verdades que elle disse, levantam-se, agora, do seu tumulo. Como o cajado de Elias: a pedra de uma sepultura realiza o milagre que não fez, sobre a terra, o homem que sob ella dorme.

"Este grande homem morto é, na verdade, nesta hora, o melhor general para os vivos".

Sente-se, de facto, que a obra do pensador fluminense vai viver com o sopro animador dos homens vindouros. E' que a cultura sadia do seu espirito procurou criar a consciencia politica da nacionalidade.

SARAJA LIMA

**Algumas palavras
de introdução**

Dos trabalhos aqui reunidos, é o primeiro inteiramente inédito; compõe-se o segundo de um estudo publicado em 1912 no *Jornal do Commercio* sob o título "Chanaan", de trechos do discurso que pronunciei, no mesmo anno, perante o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao tomar posse do lugar de socio honorario desta instituição, e mais um longo desenvolvimento inédito; e os dous ultimos, de estudos publicados tambem em 1912 no mesmo jornal, o penultimo com o título "Nação ou Colonia", e o ultimo com o de "Nacionalismo", que conserva. Estes dous ultimos receberam alguns additamentos, e todos os escriptos já publicados soffreram as alterações de fórma impostas pela diversidade dos fins que têm em vista.

Representavam os escriptos já publicados antecipações impostas pela urgencia dos acontecimentos, de estudos comprehendidos para trabalhos

definitivos, sem a fôrma de combate que os factos me impuzeram.

Ainda uma vez ficou aqui demonstrado que a maior independencia moral é garantia fragilima á firmeza de projectos e á segurança de planos. Uma sociedade perturbada, aos azares do desgoverno, não deixa livre a mais solida vontade. Se Tennyson tinha razão quando escreveu: "I am a part of all I have seen", a vida parece toda concertada para nos convencer que, muito mais que fracções das cousas que temos visto, somos penas e flocos de neve, á mercê de todos os ventos que varrem a sociedade.

E se um proposito forte e tenaz vence, por vezes, os estímulos do interesse e da ambição, e as proprias sollicitações da saúde, não ha resistencia possivel ao commando do patriotismo, quando nos aponta o cumprimento de um dever, inscripto na alma, como voto de apostolado, desde a idade primaveril em que, lançando-nos á vida, abrimos á fecundação dos ideaes a flor do nosso espirito...

Meus estudos eram o reatamento de uma vida intellectual e moral, nascida com as primeiras inspirações da mocidade, que os azares da existencia e, principalmente, os da politica, haviam perturbado.

A vida dos homens que atravessam crises revolucionarias é toda feita, egualmente, de revoluções pessaes. Só quem haja acompanhado, dos primeiros movimentos a seus ultimos reflexos, os torvelinhos de uma época critica, poderá conhecer e avaliar os abalos que a desordem geral vem produzindo em nossos destinos.

Dos homens que fazem as revoluções, conseguem dominar a onda os que são colhidos pelas primeiras vagas, já definitivamente consagrados, conquistando uma victoria pessoal, cuja efficacia, a bem das idéas, fica dependendo da maturidade da reforma que promoveram e do seu preparo para consummal-as.

Os que as revoluções produzem, nem são, em regra, expoentes das idéas que ellas representam, nem instrumentos de suas obras. Rebeldes á tradição e extranhos ás aspirações, sem linhagem politica no passado, e sem solidariedade com as tendências da época, prolongam para o futuro o impulso e o espirito da desordem. Bonaparte foi, em sua obra politica, o producto mais legitimo da Revolução Franceza.

Quem atravessa uma crise revolucionaria, sem temperamento revolucionario, é victima de todos os seus embates. Tal foi a minha sorte, durante os vinte e quatro annos em que a República

tem-procurado applicar ao Brasil a fôrma adoptiva com que foi concebida. Duas aspirações viviam em combate em meu espirito, durante todo este tempo: servir ao meu paiz e ao regimen republicano, e completar a minha formação mental, que o advento da Republica interrompera.

Dos meus serviços, prestados com despreendimento que resgata seus erros provaveis, nem todos aproveitaram, porque a Republica foi sempre volúvel, e não fundou glórias e reputações senão sobre as ruinas de suas obras.

Não foi sem certo contentamento que acci-tei, assim, com a inactividade na ultima das minhas funcções publicas, a liberdade de trabalhar, para repôr minha carreira no ponto em que a deixara, quando entrei em actividade politica.

Estudos desordenados me tinham feito entre-vêr a tremenda confusão das idéas em nossa época. Insubmisso ao despotismo mental da auctoridade, formar consciencia propria sobre os problemas que me interessavam, como homem e como brasileiro, foi a ardente aspiração que me dominou; e, abandonando systemas, categorias e divisões de conhecimentos; despreoccupado de ser philosopho, sociologo, economista, ou cultor de qualquer outra sciencia, abri caminho ás minhas pesquisas politicas e sociais, tomando por guias os

primeiros ideaes da minha vida e a ambição de cooperar praticamente por sua realização, através de sciencias e de systemas, mas, principalmente, através das realidades e dos factos, á proporção que as interrogações se iam formulando em meu espirito. Esclarecendo a intelligencia, e resolvendo as duvidas, eu ia chegando, assim, a formar juizo meu e a educar o criterio, para solver com os dados correntes da vida os problemas da pratica.

Foi um preparo essencialmente "humanista", o que me dispuz a realizar, mas "humanista" num dos sentidos contemporaneos da palavra, como expressão de uma philosophia da vida e dos factos, capaz de abrir e de illuminar os olhos, a toda a luz da claridade, para os horizontes do futuro.

Formar consciencia não significava, para mim, encher a memoria com alguns milhares dos milhões de conceitos e verdades, em circulação nas sciencias, nas letras e na politica; não significava, tambem, atar o discernimento ao poste de um systema; mas, ao em vez de atopetar o espirito com formulas e normas, dilatal-o e abril-o, largamente, á franca illuminação da percepção, da analyse e da synthese.

A intelligencia contemporanea atravessa a crise de mais anarchia a que jamais chegou o es-

pirito humano. Em nenhuma outra phase da Historia é mais apparente a impressão de que a marcha do homem se tem realizado por cyclos, com voltas frequentes a uns tantos pontos, firmados pelo habito. Raro tendo chegado a conclusões praticas, o espirito humano encerrou sempre o labor de suas investigações, regressando a esperanças e crenças antes abandonadas. Resultado da confusão dos problemas da realidade humana com problemas metaphysicos, da intervenção de elementos transcendentés nas operações de sua solução, e, principalmente, do desalento e fraqueza dos pensadores, ante a falta de influencia effectiva e de acção efficaç na sociedade — vencidos pela impossibilidade de realizar as soluções que apontam, quando não tolhidos pelo temor das verdades que enxergam.

Foi no trabalho de reunir os resultados de meus estudos, para obras definitivas, que a crise que atravessa a nossa Patria me veio encontrar. Não tinham os estudos, então publicados, a pretensão de assentar conclusões geraes definitivas. Formavam, entretanto, os principios ali sustentados certezas bastante firmes para serem expostas sem receio á critica, traduzindo os mais puros, os mais praticos, os mais vivos interesses das nacionalidades e do proprio futuro da nossa especie.

As idéas destes trabalhos convergem para uma conclusão final, que deve representar, como conquista do progresso contemporaneo, um principio juridico da Humanidade culta; é a sua doutrina geral:

A civilização tem o dever de conservar as riquezas inexploradas da Terra, reservas destinadas ás gerações futuras, e de defender as que estão em produção, contra a exploração imprevidente, assim como o de proteger todas as raças e nacionalidades contra as formas de concorrência que possam importar ameaça a seus interesses vitaes, bem como á segurança, propriedade e prosperidade de suas descendências.

O Brasil tem os interesses organicos da sua sociedade e os da sua economia, não simplesmente ameaçados, senão effectivamente atacados pela sua anarchia social e politica, e pelas imprudentes aventuras financeiras que se estão praticando na America do Sul. Para dar idéa da justiça de sua causa, bastaria lembrar que, segundo um principio ainda vigente entre as nações cultas, os governos recusam-se a submeter á decisão arbitral os litigios que tocam a seus "interesses vitaes". Invocar o mesmo principio, não contra a serena e alta auctoridade de justiça arbitral, mas contra a exploração colonial da sua terra e da sua gente,

vale por invocar o mais limpo, o mais certo dos direitos.

Este programma começa a ser prestigiado pela opinião em todo o paiz, e ha de ter por si a sympathia de todos os espiritos bem intencionados e reflectidos.

No que toca á subordinação social e economica das nações sul-americanas — fôrma aguda e superlativa de sua desorganização — aqui registo as opiniões de tres das mais altas personalidades dos Estados Unidos, profundamente expressivas.

Em discurso recentemente pronunciado, proferiu o Sr. Woodrow Wilson, que á auctoridade de Presidente dos Estados Unidos junta a de ser um dos mais notaveis publicistas e historiadores contemporaneos, as seguintes palavras:

“O que esses estados (os da America do Sul) estão procurando realizar é emancipar-se da subordinação, que foi inevitavel, a empresas estrangeiras. Não tenho senão motivos para me congratular com a perspectiva de que consigam levar a effeito essa emancipação, e considero meu dever ser o primeiro a tomar lugar entre os que os auxiliam a levar-a a termo”.

A estas palavras, accrescentou o Sr. William Jennings Bryan, secretario de Estado do Presi-

dente Wilson, candidato, em mais de uma eleição, à Presidência da Republica, e figura muito popular em seu país, por seu talento oratorio e pelo ardor de suas opiniões democraticas:

“E’ uma politica esta que toma o lugar da *dollar diplomacy*. O capitalista estrangeiro foi muitas vezes um elemento perturbador na America Latina”.

Depois da palavra dos chefes do partido democratica, refuzalmente no poder, eis a palavra de uma das mais illustres figuras do partido republicano: o Sr. Elihu Root, ex-ministro do Sr. Theodor Roosevelt, e, innegavelmente, o homem de maior capacidade em seu partido:

“Uma falsa concepção da doutrina de Monroe, do que ella prescreve e do que ella justifica, de seu escopo e de seus limites, invadiu a imprensa e affectou a opinião publica, nestes ultimos annos. Grandiosos planos de expansão nacional invocam a doutrina de Monroe. Interesses por obrigar os países da America Central e do Sul a fazer ou deixar de fazer qualquer coisa de que cidadãos americanos possam tirar proveito, invocam a doutrina de Monroe. Ambições de gloria nacional, alimentadas por cerebros muito vãos para apprehenderem, em seu conjuncto, o senso do dever nacional, invocam a doutrina de Mon-

roc. A pretensão intolerante de exercer essa especie de superintendencia sobre a conducta e as opiniões de outros povos que é da essencia da tyrannia, invoce a doutrina de Monroe. Individuos irreflectidos que não vêem a differença entre a acção legal e a força physica, sustentam que a doutrina de Monroe é um titulo de intervenção nos negocios internos das nações mais fracas do novo mundo. Contra estas suppostas doutrinas, muitos protestos têm sido levantados, tanto nos Estados Unidos como na America do Sul. Estes protestos não têm applicação á verdadeira doutrina de Monroe”.

A transcripção destes trechos tem o alto valor de dar ao nosso paiz a imagem, clara e inilludível, do pensamento politico dos americanos, expresso pelo orgão de seus mais eminentes estadistas.

Como succede com todos os pensamentos novos, surprehendeu este, em começo, a nossa opinião, habituada a ter por dogmas idéas correntes, e a adoptar por criterio, de julgamento e de acção, conceitos geraes e fórmulas vagas. Em nosso paiz, mais que em qualquer outro, a força dessas generalidades e abstracções é ainda poderosissima.

A necessidade de capitães e de braços estrangeiros era um dos abrigos a que se tinham acolhido a nossa indolência e o nosso despreparo, em face dos problemas da nossa economia, que, não sabendo solver, iludiamos por essa fórmula. Esse apello não tem por si o apoio de nenhuma theoria. Ninguem concebeu jámais o credito como meio de solução ás crises de prodigalidade e da desorganização economica, nem a importação de gente, ás da desorganização do trabalho: é um simples recurso protelatorio, explorado por intermediários que vivem nas capitães e cercam os governos, e implorado pela necessidade sequiosa da produção, em eterna fallencia, enquanto os dirigentes, sem capacidade para dar soluções praticas, continuam a comprometter os povos nos riscos de suas concepções phantasistas.

Nossa historia é toda feita dessas successivas peregrinações em prol de idéas arbitrariamente concebidas — para as quaes caminhamos ás ceugas, pensando realizal-as de improviso e objectivando-as com o mesmo olhar ingenuo do homem rustico que fosse collocado deante da tæla, onde tivesse de pintar uma paisagem. E nem são sempre aspirações idealisticas que assim nos distraem. Já em outro trabalho tive occasião de me referir ás *utopias retrogradadas*, invocadas, em todos os

tempos, pelo espirito reaccionario, sob auctoridade de principios tão ficticios como os mais arrojados sonhos de reformadores. A Humanidade vive de ha muito a terçar armas por causas que não comprehende e que nada dizem a seus fins, seus destinos defraudados sob flammulas que invocam preconceitos e flammulas que proclamam illusões. E' tempo de a fazer descer á terra, para cuidar de si e do seu patrimonio physico. de que tem sido tão descuidado e ingrato gester.

Nenhum outro povo tem tido, até hoje, vida mais descuidada do que o nosso. O espirito brasileiro é ainda um espirito romantico e contemplativo, ingenuo e simples, em meio de seus palacios e de suas avenidas, de suas bibliothecas e de seus mostruarios de elegancias e de vagos idealismos. Com uma civilização de cidades ostentosas e de roupagens, de idéas decoradas, de encadernação e de fórmulas, não possuimos nem economia, nem opinião, nem consciencia dos nossos interesses praticos, nem juizo proprio sobre as cousas mais simples da vida social.

A affirmação desta verdade é, de habito, recebida, entre nós, como signal de pessimismo, e até, por vezes, de despeito. Por optimismo — termo que, entre parenthesis, bem merece a censura do bom senso — entendemos essa attitude de

aceitação e de applauso, senão de extasis e de admiração, deante das nossas apregoadas maravilhas, com que estamos anquilosando o criterio e cultivando a simpleza, ao passo que nos desforramos do dever de pensar e de agir.

Quanto á Republica e ás suas obras, a intolerancia partidaria nunca permittiu, nem a adversarios nem a confrades, negar os beneficios e progressos, que attribue ao regimen. A simples observação da decadencia, a que descemos, nos costumes electoraes — base do systema representativo e titulo dos governos democraticos — bastaria para provar aos mais zelosos defensores da fama do nova “fórma de governo”, que vem de azedo pessimismo o desgosto com que muitos republicanos desconhecem, nas instituições dominantes, a *Republica que faziam sonhado*.

Nas finanças, na administração, na justiça, na ordem politica, na moralidade administrativa, na instrucção, o declinio é manifesto; e só se comprehende que o contestem, justamente, porque o habito da vida em desordem nos está varrendo dos espiritos os criterios, que formavam a base da nossa consciencia social, e, com elles, a propria sinceridade — virtude profunda e ingenita em nossos maiores.

Na cultura, a decadencia da sociedade nacional é evidente. Nunca chegamos a possuir cultura propria, nem mesmo uma cultura geral. As duas primeiras gerações que se seguiram á Independencia eram, entretanto, formadas de espiritos a que o conjuncto e equilibrio do preparo davam certa solidez e firmeza. Mais variada, e muito mais vasta, a nossa illustração é, hoje, vaga, fluida, sem assento, não a dominando nenhum interesse por habilitar os espiritos a tomar juizos e a inspirar actos. No nivel geral da sociedade, e com respeito ás fórmulas superiores do espirito, o dilettantismo, a superficialidade, a dialectica, o floreio da linguagem, o gosto por phrases ornamentaes, por conceitos consagrados pela notoriedade ou pelo unico prestigio da auctoridade, substituiu a ambição de formar a consciencia mental para dirigir a conducta. O applauso e a approvação, as satisfações da vaidade e do amor proprio, fazem toda a ambição dos espiritos: attingir a verdade, ser capaz de uma solução, formar a mente e o character para resolver e para agir, são cousas alheias a nossos estímulos.

Nosso paiz está hoje transformado em vasto scenario onde se agita um povo que não sabe caminhar, conduzidos uns pela moda, outros pela ambição de effeitos literarios, jornalisticos e de

tribuna; pela da popularidade, terceiros; pela auto-admiração e cultura de estereis virtudes passivas e severas intransigencias pessoaes, alguns mais. Preparando-se aquelles para o céo, estes para a gloria, outros para o applauso, para a admiração, ou para a sympathy, renunciaram todos á aspiração da efficiencia, pela utilidade das idéas e dos actos.

Não temos opinião e não temos direcção mental.

Na economia — eis uma verdade que não temo submeter á contra-prova das mais rigorosas e profundas investigações da estatistica e da analyse social — toda a nossa apparente vitalidade consta, de extremo a extremo do priz, de extracção de productos e de limitado esforço de exploração extensiva, em que a nossa terra vae cedendo tudo quanto possui em riqueza natural, ao alcance da mão ou de rudimentarissimos processos de trabalho, com vertiginosa desvalorização, ainda não attingida — a não ser no valle da Mesopotamia — em regiões já exploradas ha muitas dezenas de seculos. Nesta terra, assim saqueada, o commercio, o trabalho estrangeiro e o credito de usura que possuímos, drenam, em capital, para o estrangeiro, quasi todo o producto d'essa inconsciente e brutal destruição, dando-nos, em troco,

generos e objectos, que, muitissimo longe de representar o preço da ruina de que resultam, não deixam, entre nós, em obras e bens voluptuarios, senão fracção minima de seu valor.

O augmento das nossas exportações e importações não traduz senão a expressão da troca dos productos e dos proprios elementos e forças productivas das nossas terras virgens, por cousas futeis, solicitadas pela nossa vaidade, ou que se fazem necessarias justamente por causa da nossa incuria. E' um facto que se pôde dar, e que se dá, na exploração de qualquer territorio selvagem por feitorias estrangeiras. Toda a nossa ficticia *circulação* economica é obra, assim, de uma federação de feitorias, que, desde as vendas do interior até ás casas de importação e de exportação, as estradas de ferro, as fabricas, o commercio intermediario e os bancos — em mãos, quasi totalmente, de estrangeiros — não fazem senão remetter para o exterior, em productos, lucros commerciaes, industriaes e bancarios, rendas de varias naturezas, a quasi totalidade dos fructos da nossa terra. As duas verbas da exportação e da importação equivalem para a nossa economia a verbas de passivo, e de um passivo colossalmente precario, enormissimamente lesivo. E' isto, e só isto, que está *em progresso*, entre nós, acarretando, com

immensa perda para a terra, e com o abatimento e a desmoralização do povo, o prolongamento, na vida mundial, da corrente de phenomenos que, havendo dado causa ás guerras e revoluções do passado, provocarão d'aqui por deante, se não forem tolhidos, ainda maiores e mais desastrosos conflictos.

Syntheses do estudo sincero das nossas cousas, estas verdades devem servir de base a toda acção patriótica, fundada na unica forma legitima do optimismo: o optimismo firmado na confiança e na esperança, que começa por apurar a verdade, para cumprir o dever de agir, não se contentando com se ferrar, alimentando e propagando illusões, da obrigação de advertir, de emendar, de melhorar.

Assim exgottando a terra, deixamos, tambem, de formar a nação. Abandonando a terra, e não cuidando da nação, abandonamos a Patria, porque a Patria é a terra, como *habitat*, mas principalmente, para o sentimento e para a razão, a nação, isto é, a gente. Fóra disto, a palavra "Patria" não exprime senão uma imagem supersticiosa — como as de qualquer culto feitichista — ou uma falsidade convencional.

O desenvolvimento destes trabalhos contém a melhor das lições de optimismo, conduzindo, de-

pois de consignar e de comprovar a verdade, a estas outras conclusões animadoras; que este nosso estado não resulta nem de uma inferioridade ethnica, nem de uma degeneração, da nossa gente; e, apontando as causas physicas, sociaes e historicas, que explicam, não só as nossas crises, como as razões da apparente superioridade de outros povos, propõe, depois do estudo critico, os meios de restabelecer a nossa marcha evolutiva.

No que respeita ás raças, o problema fica definitivamente dirimido com estas razões, que synthetizam os resultados destes estudos. Seja-se monogenista ou polygenista, é de necessidade reconhecer que os factores mesologicos são determinantes dos caracteres ethnicos: originaes, na segunda hypothese, de variação, na primeira. Produzidos pelos meios physicos, estes caracteres as-signalam, em cada um delles, os typos "mais aptos" para ali viverem: os "typos superiores", por consequencia, para esses meios. De parte a questão da capacidade destas raças para o aperfeiçoamento, a conclusão que resultaria, do phenomeno da selecção natural mesologica, é que as raças autochtones tenderiam, por natureza, a fortalecer-se, e as outras a decahir; mas, como a perfectibilidade daquellas raças está demonstrada pelos factos, uma outra conclusão se impõe: se o "meio arti-

ficial", formado pelas condições da vida no estado de civilização, permite a adaptação de indivíduos de outras raças em meios naturaes extranhos, o conjuncto destas condições, cooperando com os factores mesologicos naturaes, deve favorecer particularmente as raças indigenas. Ora, a nossa população, contendo, infelizmente, fracção pequena dos antigos povoadores do sólo, mas podendo aproveitar ainda muito das tribus em estado selvagem, conta grande numero de typos de raças oriundas de meios identicos: os negros; e consta, em suas camadas superiores, de descendentes das raças mediterraneas, raças do "meio-dia" europeu, quasi tropicaes, em cujo sangue se encontra grande mescla do sangue das raças trigueiras do Oriente e do Norte da Africa.

Não ha motivo para crêr, por outro lado, na degeneração das nossas populações. Physicamente, o conjuncto do nosso povo não tem feição menos robusta que a dos japonezes, de francezes do sul e das cidades, de hespanhoes, de portuguezes do continente, ou dos chinezes, que, emigrados, por exemplo, para as Philippinas, formam a aristocracia da população, tendo o mesmo character ethnico dos japonezes. Nos grandes centro europeus não é raro que o aspecto dos individuos impressione pela fraqueza do corpo e pela morbidez das phy-

sionomias, sendo commum verem-se figuras evidentemente degeneradas.

Se, com estas razões, se levar mais em conta que os criterios contemporaneos de avaliação da saúde são ainda empiricos, baseados em conceitos da saúde e da molestia induzidos de observações muy limitadas, no tempo e no espaço; que a reflexão sobre os phenomenos da historia nosologica da nossa especie e sobre os da hereditariedade mostra que as raças actuaes, contando seculos de vida em sociedade — nas classicas civilizações que conhecemos, onde a cultura dos espiritos e a elevação de arte floresceram a par do mais completo desmazelo, no que toca á hygiene e ao conforto, — devem ter, em circulação no sangue, germens de quasi todos os males que assolararam a humanidade, não ha motivo para duvidar da média da saúde do nosso povo e da possivel restauração de suas forças. Quanto aos caracteres psychicos, as nossas raças são constituídas, em sua natureza individual, de seres dotados das melhores tendencias humanas.

A tudo isto, sobreleva, porém, razão melhor para que confiemos no futuro da nossa progenie. Se a crise da adaptação climaterica não podia deixar de provocar, nos individuos immigrados e na prole da principal raça que povoou o Brasil, ver-

dadeirasas revoluções organicas, a falta de adaptação ao meio physico, perturbando a nutrição, e a falta de organização social e economica, impedindo a formação das instituições e dos costumes de conservação e de aperfeiçoamento, ainda mais nos desviaram do curso normal da formação progressiva de todas as nacionalidades.

Estes phenomenos estão demonstrados, nestes trabalhos, de forma rigorosamente convincente, para dissipar, de vez, o scepticismo do nosso desalento e da nossa meia sciencia de emprestimo.

As causas das nossas crises e do nosso endemico estado de dissolução ali estão demonstradas com illações e interpretações induzidas directamente dos phenomenos historicos, geographicos e sociais do nosso paiz, e não fundadas — como sóe acontecer, nos estudos até hoje feitos, — sobre inferencias analogicas e associações de contiguidade ou de semelhança, ou por deducções de idéas e doutrinas de sociologos e philosophos estrangeiros.

Verdades tiradas do concreto e do vivo, as que aqui se encontram são superiores a divergencias de escola, de orientação e de systema: são factos; e, como factos, impõem consequencias, que é força aceitar.

O nosso paiz precisa, de uma vez por todas, formar um espirito e uma directriz pratica, que o conduza, salvando-o do atrevancamento das opiniões e das tendencias particularistas e systematicas, em que está dividido, a organizar e pôr em movimento as suas proprias forças.

Tal é a base das conclusões destes estudos.

Estas causas podem ser resumidas em poucas linhas. As idéas em que se baseiam os estudos sociais e politicos até hoje feitos sobre a nossa vida, partem de postulados e dados, analyticos ou syntheticos, inferidos da vida e da evolução de povos de existencia multi-secular, e de seu progressivo desenvolvimento em regiões densamente povoadas, sob acção dos factores ordinarios da formação e desenvolvimento das velhas sociedades e civilizações. Estas idéas não têm applicação á interpretação dos phenomenos dos paizes, como o nosso, creados por descobrimento, com sociedades formadas por colonização, — nem á solução de seus problemas.

A evolução destes paizes, *criados* por acto do homem, ou resulta de uma successão de outras creações, tambem conscientes e deliberadas, ou é reflexo de actividade dos outros povos, — necessariamente dominantes, graças ás vantagens do avanço e da força — *sempre contraria ao interesse*

dos povos novos, cujo desenvolvimento tende a ser obstado, desviado, ou esmagado, por força de suas correntes, muito mais poderosas.

As causas apontadas nestes trabalhos explicam inteiramente a nossa desorganização: o descobrimento e o povoamento por uma nação de qualidades fortes por natureza mas fraquíssima pela estreiteza de seu território, que, comprimida entre as migrações e guerras do continente e a concorrência e as luctas do oceano, entrou, por isso, logo depois do descobrimento, em longo estado de subordinação e declínio, concentradas todas as suas energias num heroico, e, em grande parte, improficuo, esforço defensivo; a disparidade da terra colonizada com a terra dos colonizadores, apresentando problemas de adaptação e de cultura, até agora não solvidos; a syncope da evolução politica, com a vinda da casa de Bragança. Sem contar outras causas, de natureza social e politica, peculiares algumas, tambem, ao nosso meio, mais de uma, porém, commum á historia de outros povos de organização politica e progressos mais apparentes que reaes, são estas tres bastantes para dissipar todas as duvidas sobre os antecedentes da nossa organização.

No Brasil, o reseccamento das terras e do ar, as seccas periodicas, cada vez mais prolongadas,

a alteração e irregularidade das estações — facto ordinario em vastissimas regiões do territorio, e já patente em outras onde foram outr'ora abundantes as aguas, manifestando-se no atrazo das primaveras, relegadas, com quasi certo sacrificio das sementeiras, para o começo do estio, na quasi esterilização das pastagens e falta de forragens, durante longo periodo do anno, fructo principal das nossas devastações e da politica colonial que temos feito — já se manifestam aos proprios olhos distrahidos das afortunadas populações das grandes cidades, com as crises da "falta d'agua", de anno para anno mais penosas.

Destas causas ha uma que merece especial destaque. Pertence ao numero das mais perigosas illusões da nossa imaginação, a da riqueza do nosso paiz. O Brasil possui, talvez, ainda muitas riquezas; mas estas riquezas ou não são de facil exploração, ou a sua exploração não corresponde, actualmente, aos interesses politicos da nossa nacionalidade, tendo, como a da metallurgia, a perpetrar a applicação de actividades e capitales, muito provavelmente estrangeiros, em industrias improprias á consolidação da economia nacional, ou não corresponderá tambem, em breve, tão intensamente como até hoje, pelo menos — o que succederá, provavelmente, dentro em pouco, á pro-

pria metallurgia — aos interesses e necessidades da nossa éra.

Em abstracto, a questão da riqueza ou pobreza do nosso territorio é um problema sem interesse, pela simples razão de que, na pratica, a nossa terra é pobre para a sua gente.

De parte a riqueza mineral, que não sabemos explorar, — e que não convém explorar, por inoportuno, no interesse da constituição nacional, — temos, como todos os paizes intertropicaes, uma natureza contraria á exploração agricola, pelos processos europeus. Sem contar as forças e os elementos naturaes inacessiveis á acção humana, taes como os phenomenos da gravitação, do calor, da luz, das correntes maritimas e dos ventos, as regiões intertropicaes têm, contra a sua exploração, o percalço climaterico da falta das geleiras e das neves.

Se as montanhas, os rios e as florestas são, em toda a parte, fontes e depositos de fertilidade e de producção, e, portanto, de vida, estes elementos assumem, nas zonas intertropicaes, um valor extraordinario, como unicos mananciaes, que são, de aguas correntes, de chuvas e de humidade atmospherica.

Não tendo estudado os meios de conservar e de reparar tão preciosas riquezas do nosso solo;

desbaratando-as, pelo contrario, com as nossas audaciosas devastações, precisamos, d'agora per deante, não só poupar as que nos restam em estado virgem, senão reparar e restabelecer as que já estão compromettidas.

O espirito humano não aprendeu ainda a aproveitar as lições da Historia. E' singular a leveza com que a imaginação e a intelligencia do homem repetem os mesmos erros, as mesmas eternas causas de seus males e soffrimentos, esquecendo e perdendo os ensinamentos que os permittiriam evitar.

Entre nós, a inadvertencia attinge a proporções descomedidas com o nosso desenvolvimento intellectual. Vivemos a commetter perpetuamente as mesmas imprudencias — e não só as repetimos, como improvizamos outras eguaes, absorvidos, a cada passo, por preoccupações alheias á realidade, exaggerando pormenores, incidentes e aspectos superficiaes da vida publica, ao passo que reincidem, reproduzem-se, multiplicam-se e avolumam-se, as causas da nossa decadencia.

Os nossos eternos *deficits*, as nossas emissões de papel-moeda, as nossas Caixas de Conversão, as nossas valorizações, os nossos empréstimos á lavoura, os nossos proteccionismos, todas as

phantasias do inflacionismo, e da especulação, as nossas eternas luctas, aereas e estereis, de partidarioismo, e não menos frequentes agitações politicas, sem objectivo, por doutrinas e ideias sem base real, são experiencias que nos passam pe'os espiritos sem deixar a menor impressão educativa.

Da incapacidade para observar e adquirir a experiencia dos factos damos prova na simplicidade com que insistimos na politica de colonização, apesar da prova evidente de seus desastrosos resultados, dada pela nossa observação, e até da lição politica de outros governos, como por exemplo, a do governo italiano. Depois das famosas reclamações que deram lugar á celebre questão dos protocollos, da resistencia do governo italiano a emigração para o Brasil, e da missão, em nosso paiz, do ministro Antonelli — o mesmo eminente diplomata que havia iniciado, na Abyssinia, a politica de expansão colonial da Italia — tinhamos dados bastantes para comprehender que ao interesse que levava a Italia a fundar estas possessões correspondia identico interesse nosso em evitar a perpetuação do systema colonial, na organização do trabalho agricola.

Assim tambem deixamos de ver, na applicação que fez o governo dos Estados Unidos da lei

Sherman aos nossos depositos de café em território americano, evidentemente offensivos dos preceitos dessa lei geral contra os açambarcamentos commerciaes, além de um acto perfeitamente juridico, uma cooperação amigavel desse governo, na defesa dos nossos verdadeiros e legitimos interesses.

Não nos devemos illudir, quanto á gravidade destas crises, que se nos revelam gravissimas, justamente no momento em que toda a sociedade humana parece estar sendo submettida ás mais severas provas de capacidade e de energia; é preciso que encaremos, com rectidão e animo sereno, a feição dos nossos problemas. Se a Patria é, antes de tudo, a nação, isto é, a gente, o momento proprio para defendel-a não será aquelle em que qualquer inimigo, mais audaz que corajoso e sensato, se dispuzer a nos fazer a conquista material, *manu militari*, do territorio, mas aquelle em que o espectáculo da nossa derrota, nos processos da selecção social e economica, se nos apresenta com as fórmas flagrantes de uma positiva subordinação e de um já sensivel abatimento em amplas camadas da população.

A' politica, que não pôde, a principio, e á qual não occorreu, depois, acudir aos interesses e recla-

nos da nação, cumpre reparar, hoje, o esquecimento e abandono em que a deixou. Em face desta situação, nossos cuidados e trabalhos pela organização e defesa militar parecem — como aliás, muitas outras empresas humanas — verdadeiros passa-tempos de creanças barbadas. Uma nação, vencida no diuturno combate da vida, progressivamente despojada da gestão da sua economia e da sua influencia social, onde cada geração pôde lêr, na vida de seus coévos, os documentos do aniquilamento da sua estirpe, só entra em combate para repellir, de armas na mão e com risco da vida, o inimigo aggressor, por força da mesma fatalidade mechanica, ou do mesmo impulso animal, com que todos os povos, inclusive os selvagens e barbaros, luctam igualmente pela conservação e pelos objectos mais frivoios e ridiculos.

O nosso problema vital é o problema da nossa organização: e a primeira coragem de que nos cumpre dar provas, é a de longa, masculina e paciente tenacidade, necessaria para emprehender e sustentar, com vigor e intelligencia, o esforço multiplo e vagaroso da construcção da nossa sociedade. E' uma obra de architectura politica, mas de uma architectura destinada a edificar um colossal e singular edificio, que deve viver, mover-se, crescer e progredir, — a que incumbe á nossa geração.

O Estado é, no Brasil, um factor de dissolução. A influencia deleteria dos interesses anti-sociaes, creados e alimentados em torno do poder publico, desde os municipios até a União, sobre a vida brasileira, é um facto cujo alcance não foi ainda attingido pelos observadores das nossas cousas publicas. Este regimen deve ser substituido por outro, capaz de levar a termo o encargo da geração presente para com o futuro do Brasil.

E o povo brasileiro — é a minha inteira e viva convicção — é capaz deste esforço.

Rio de Janeiro, Junho de 1914.

A. T.

I

**Senso, Consciencia e
Caracter Nacional**

“Não terás deuses estrangeiros deante de mim!”, disse o Senhor a Moysés no Monte Sinai (1).

Javeh era o deus unico de um povo unico — unico pela origem, pela raça e pela lingua, e, ainda hoje, unico pela resistencia á dissolução, por secúlos de luctas e de soffrimento, de trabalhos e de perseguições, sem terra, sem lei e sem governo, entre gente adversa.

De Javeh de Israel nasceram dous deuses, cujos destinos seguiram rotas, vicissitudes e glorias distinctas: o Deus de Israel — deus ambulante de uma raça peregrina de mercadores — seguiu a sorte dos filhos, expulsos do solo natal, e não se installou na ara das synagogas, senão depois que a força do character hebreu — forjado, por esses

(1) Exodo, XX, 2.

tempos, em que a lucta crua era lei da vida, nas angustias dos exodos e nos flagícios da dôr physica — conseguiu comprar, a peso de ouro, nos balcões das casas de credito, o direito á vida, á liberdade e á segurança, da consciencia e do lar. O outro, o Deus Christão, perdeu, transportado para Roma, na ampla atmosphera que conquistou e ao carinho de almas de todas as raças — a feição nacional, para tornar-se o Deus do amor, no coração dos apóstolos do Christianismo, e o Deus do Imperio espiritual, no cerebro de seus politicos.

Mas Deus, ser ideal, absoluto e infinito, essencia e fim das cousas, foi um dos primeiros sonhos especulativos da alma humana, ao se lhe despertar a consciencia do proprio ser, como parcella de um universo enfeixado no ambito do horizonte, e de uma sociedade, confinada na vida gregaria do bando.

Deus era, mais que tudo, para os primeiros homens — seres ainda em transmutação, das fórmulas grosseiras do instincto para as fórmulas incipientes da consciencia, entre a meia noite da ultima animalidade e o primeiro minuto da vida racional — o Pai eterno da *estirpe*, seu creador, seu protector, seu chefe e seu guia. O ser superior e eterno, entidade universal e ubiqua, symbolizada no sol que trazia a luz, no animal, ou na arvore,

cuja presença, ou cuja vista, provocava a geração, curava as molestias, dava a saúde e a vida, e guiava os passos — estava *indissolvelmente* ligado ás duas maiores realidades atingidas pelo olhar mais amplo do espirito selvagem: o horizonte, encerrando todo o espaço e o *bando*, exprimindo a solidariedade entre a vida de cada um e as vidas que o interessavam. Deus, o espaço e a grei confundiam-se nos espiritos. *Estirpe e bando*: a sociedade de *interesse vital*, em gestação.

Por que? Não era Deus que interessava ao homem. No mundo physico, o que o interessava era o sol, a chuva, a luz, a terra, as plantas, os outros animaes; no mundo social, os seres que lhe eram eguaes e semelhantes em habitos. Mas o cosmos e a sociedade não se mostravam ao homem senão por sensações e apparencias grosseiras; a eterna pergunta sobre a *realidade*, ainda hoje insolvida, atormentava-o — não só como explicação das cousas, mas, até, como instrumento da acção humana sobre as cousas, e entre os demais seres. Onde, então, a chave da verdade: a explicação do senso, a origem da razão, o impulso do movimento e da vontade?

Deus. As syntheses humanas são tanto mais vastas e arrojadas, quando mais arbitrarías; Deus-Universo e Deus-Nação, Deus-creator e Deus-

protector, Deus-lei das cousas e lei das pessoas, Deus-origem, e Deus-fim, Deus-principio, e Deus-destino.

Na vida social, a imagem de Deus ficou, desde logo, ligada á idéa, fundamental em todo agrupamento, de protecção, de amparo, de assistencia, de soccorro e de guarda: protecção e soccorro, contra o estranho; amparo e assistencia, dentro do grupo. A primeira lei de todas as sociedades é a lei religiosa: lei a um tempo moral, politica, e civil, revela e manifesta a sociedade unida por vontade de Deus.

Este laço inicial de união, inexpresso no grupo gregario, despontando na tribo e no *clan*, engloba, com a "nação", diversos elementos confluentes: a raça; e, por força da raça, a lingua; um territorio, a tradição oral de uma lenda, uma religião já complicada de dogmas, mythos e liturgia, obra da imaginação e da consciencia de auctoridade, do feiticeiro...

Deus defende o homem dos males inaccessiveis do mundo cosmico, e, na sociedade, dos males, imprevistos e occultos, que não alcança e não póde combater.

O espirito da "nação" forma-se, assim, como um *sentido* colectivo de protecção, de amparo, de

assistencia e de soccorro, praticos e effectivos, contra riscos conhecidos e experimentados, entre homens e familias que vivem juntos, tendo interesses communs, e sabendo da existencia de outros grupos, com os mesmos caracteres, e ligados pelos mesmos interesses, contrarios, ou alheios, aos dos seus, e promptos a sacrifical-os, a bem da gente de seu sangue.

O "Deus estrangeiro" dos "gentios", inimigos dos filhos de Israel, não hesitaria em massacrar as tribus judaicas, da mesma fórma que Minerva, nos peemas homericos, dava todas as energias da sua divina coragem ao braço dos hellenicos contra as forças troyanas.

A "nação", fórma em que culminou a composição social dos grupos da mesma raça, da mesma lingua e da mesma religião, desenvolveu-se, ampliou-se, complicou-se, entrelaçando-se com o "Paiz", a "Patria", o "Estado". Seus attributos alteraram-se e multiplicaram-se; seu character modificou-se. Roma foi, egualmente, "nação", enquanto simples fusão tribal dos Ramnianos, dos Titias e dos Luceres; quando conquistou, depois, toda a Italia, e quando dominou, afinal, sob a égide imperial, o "orbis romanus". A propria "civitas" dilaton-se até as margens do Tibre, as arcias do Sahara, a Britannia, as fronteiras lon-

ginquas da Germania. Mas o espirito da nação permanteceu sempre o mesmo, dentro dos muros de Roma, ou, sob a auctoridade dos prefectos, nas provincias imperiaes e nas senatoriaes.

A nação era a sociedade de todas aquellas "gentes", congregadas á força pelas legiões romanas, mantidas, depois, em disciplina, por amor á paz e no interesse da segurança e da vida em commum: da ordem, em summa, fundada sobre a confiança na protecção, no amparo, na assistencia.

Feudal, na idade média, imperial, durante as grandes monarchias modernas, a idéa de "nação" requirre, por algum tempo, em mais recente periodo, ao influxo de doutrinas liberaes, o velho sentido de sociedade ethnica, com a denominação de "nacionalidade", mas crystalliza-se, por fim, no consenso geral, applicada ás grandes divisões politicas, no sentido de "povos" — sociedades dos habitantes de um paiz, comprehendendo toda a sua vida: a vida memorial dos antepassados e a vida effectiva da geração presente.

A "nação brasileira" é, assim — num primeiro sentido superficial — *a associação dos individuos e familias que habitam o Brasil* com animo de permanencia, protegidos pelo conjuncto dos órgãos da sua politica: o "Estado"; formando, sobre seu *habitat* territorial: o "Paiz", graças á con-

sciência de uma continuidade histórica de heranças moraes e materiaes e de uma sympathy e comunidade entre os vivos, uma aggremação fundada sobre a confiança em certas condições praticas de tranquillidade e de segurança, superiores á vontade e ao poder de cada um de seus membros: — uma “Patria”.

O laço de protecção, de amparo, de assistência, e, por accreção moral — desenvolvimento logico dos moveis primitivos — de amor e de solidariedade, abrange, assim, no tempo, o passado, o presente e o futuro, e, no espaço, toda a sociedade — e, pois que a terra é a base da vida social, fonte de sua prosperidade e desenvolvimento, o sentimento nacional transporta se, do seu objecto vivo, para o patrimonio material da nação — berço da sua existencia, séde da sua acção, recinto da sua vida, paizagem de suas dôres e de suas alegrias. Mas o patriotismo territorial só é, por isso mesmo, um sentimento real, como reflexo do sentimento affectivo entre a gente.

A sensação permanente desta communhão é o que forma o “senso nacional”; mas, assim como a natureza da “nação” variou, nos longos periodos de seu curso historico, e diverge entre varios typos de paizes, o “senso nacional” não pôde ser identico para todos os povos. O “senso nacional”

dos judeus liga individuos sem patria, espalhados pela superficie da terra; o dos francezes liga homens e familias, congregados com a mesma lingua, numa fusão, relativamente uniforme, de raças — ciosos de conservar o caracter e os brios de uma tradição; o senso nacional do allemão, distinctissimo, hoje, do senso do germanico, e, até, do senso dos coevos de Kant e de Frederico, o Grande, inspira a ardorosa ambição, commercial e expansionista, de uma geração conquistadora, cujo impulso psychico se revela num intrepido e pujante impulso para as victorias da força e da vontade. O senso do anglo-saxonio dos Estados Unidos está para o do anglo-saxonio da Inglaterra, como o do allemão para o do francez: sedentos de iniciativa, e ardentes de audacia, aquelles, tentando exploracões e empreendimentos, aniciando por engrandecer; vagarosos e seguros, os outros, absorvidos no zelo e nos cuidados da conservação, da experiencia, do aperfeiçoamento. O anglo-saxonio da Australia e da Nova Zelândia dir-se-hia um antipoda do seu antepassado britannico. Admiravel prova da falsidade da base ethnica das civilizações e tendencias dos povos!

A raça é, de todos os elementos da nacionalidade, talvez o menos activo. Nenhum dos povos contemporaneos é formado de uma raça homoge-

nea; alguns compõem-se de raças distinctas. A Suíça, com a sua população variada, de origem franceza, germanica, italiana e romaica, contém ramos, ainda hoje radicalmente destacadados, dos tres grandes typos ethnicos europeus: o typo nordico, o mediterraneo e o brachycephalo central. Os Estados Unidos reúnem representantes de todas as estirpes ethnicas; a população austro-hungara forma um verdadeiro mosaico de variedades humanas, desde os tentos até os descendentes, magyares, dos hunos. Nenhum destes povos deixa de formar uma "nação", moral, politica e socialmente. A Suíça e os Estados Unidos, paizes federados, são nações de forte e vigorosa unidade, no sentimento, no espirito e na harmonia dos interesses. O Brasil conta exemplares de raças extremas, mas só um cuidadoso estudo ethnologico autorizaria a classificação de cada allemão de Blumenau como germanico, e de cada italiano, hespanhol ou portuguez, de S. Paulo, de Minas e do Rio de Janeiro, como latino.

Esta denominação popular de "latino" é das menos caracteristicas, como expressão de parentesco ethnico; traduz, de preferencia, sob vaga reminiscencia de remota proximidade de origens, muito confundidas e diluidas no bulicio das migrações, um certo sentimento de sympathia mo-

ral, e, sobretudo, intellectual, que a semelhança das linguas gerou. A supposição de uma herança latina, sendo um erro ethnico e um prejuizo de cultura, pôde tornar-se perigoso guia politico — de que carecemos emancipar-nos, sem para isso afrouxar os laços que nos prendeu aos povos desse nome.

Da crença de que a origem latina importa uma identidade de temperamento e certa sympathy mais intima, resulta a adopção de uma affinidade que entra no espirito nacional como vehiculo de dissolução, desnaturando sentimentos reaes, ao contacto de uma affeição ficticia — de mera suggestão litteraria — e como impulso centrifugo, repellindo outras sympathias mundiaes. Provém dahi a imitação do typo intellectual e dos moldes do pensamento e da arte, dos costumes e do gosto, dos francezes e, principalmente, de Paris, capital moderna do mundo latino.

As civilizações européas chamadas latinas não estão em phase de actividade, nem de vigor; trabalha-se, hoje, mais intensa e energicamente, na Allemanha, nos Estados Unidos e na Inglaterra. A nossa curiosidade intellectual e o nosso interesse por assimilar producções e estudos alheios, a nossa aspiração de fusão na sociedade mental da

nossa época, devem conduzir-nos a dilatar o círculo das nossas colheitas de saber, substituindo a attitude passiva, que nos tem trazido a receber as idéas que nos exporta o acaso, ou o instincto político, de outros povos, por um trabalho autonomo de escolha e de selecção consciente. Aprender *com* allemães, *com* americanos, *com* francezes, *com* inglezes, e *com* brasileiros, quando fór possível, a ser brasileiros: eis a fórmula ideal do nosso cosmopolitismo mental.

Philosophia, sciencia, arte e politica, são systemas de abstracções e de conceitos, que nada dizem e nada realizam, quando se não adaptam, e não se vitalizam, como elementos motores da vida real — nervos e sangue, da nutrição e da vontade de um povo. Na pratica, cada terra e cada povo tem a sua philosophia, a sua sciencia, a sua arte, a sua politica, que não alteram as idéas geraes, aliás limitadissimas, do saber humano, mas fundam e desenvolvem fórmulas e processos autonomos de viver.

A idéa de “raça” é uma das mais abusivamente empregadas entre nós. A raça é um typo biologico, e, particularmente, morphologico, da especie humana. Para que se possa determinar distincção ethnica, é mister que se encontrem caracteres phisicos e psychicos, distinctamente marca-

dos, de identidade entre grande massa de indivíduos, e de divergencia destes com outros grupos. Onde um ou alguns destes caracteres estiverem apagados ou confundidos, deixa de se dar a figura característica da raça, para surgir uma variedade composita, que se pôde estender a uma tribu, a uma classe, a uma nação, ou a uma sub-raça. O numero das raças puras é limitadissimo, sendo poucos, em nossos dias, os exemplares de verdadeiros specimens de raças, virgens de mescla. No negro importado para o Brasil, o olhar instruido do ethnologista pôde encontrar, além da estampa da raça ethiophe, de Blumenbach, ou negroide, de Huxley, traços de malaios e arabes, introduzidos na Africa, em varias épochas de migração. Todos os typos mediterraneos, a que pertencem os nossos colonos antigos e modernos, são mestiços.

E', assim, difficilimo generalizar juizos sobre a capacidade especifica das diversas raças: a confusão tem obliterado os caracteres ethnicos; os tramites da evolução nacional e politica realçaram, por força dos costumes e das instituições, os factores puramente sociaes de selecção.

A idéa que nos cumpre assentar e consolidar no espirito, em lugar da noção inconsciente e pueril em voga, é a desta profunda e grave sentença de Ratzel: "A differença de civilização, entre dous

grupos da humanidade, não tem relação com a diferença de seus dotes (2)".

No conflicto dos caracteres ethnicos com os factores mesologicos e sociaes que operam sobre os diversos typos humanos, a victoria cabe á ultima destas influencias. O homem moderno resulta, muito mais directamente, do meio que habita, e, principalmente, da sociedade que o cerca, que dos impulsos congenitos da sua estirpe. É o caso do indio civilizado — hontem selvagem e anthropophago, hoje christão e moralizado, e do preto.

Brasileiros, o nosso affecto patriotico deve abranger, numa. egual e completa cordialidade, os descendentes dos portuguezes, dos negros, dos indios, dos italianos, dos hespanhoes, dos slavos, de allemães, de todos os outros povos, que formam a nossa nação. Fóra destes, não temos que reconhecer senão homens, senão semelhantes, seres da mesma natureza e do mesmo espirito, para quem o nosso paiz teve sempre abertas, com urbanidade e franqueza talvez inegualadas, e com vivos transportes de hospitalidade, casas e almas.

Entre os patricios é que cumpre estimular e cultivar o affecto que, sem o perceber, e contra o que de habito dizemos, sentimos intima e since-

(2) RATZEL. — The history of mankind.

ramente, não lhe dando, por falta de consciencia e de coragem civica, toda a exteriorização concreta. Transparece, ainda aqui, a fluidez da nossa mentalidade — leviana e volúvel, por falta de feitiço e de modelação social. Questão de convivio nos salões, a parte, e de relações intimas, pessoas ou sociaes — impulsos estheticos e de educação, naturaes, não raro exaggerados, porém, por vaidade, com adopção de preconceitos alheios — poucos serão, em nosso paiz, os que sintam repugancia, ou desprezo, pelo negro e pelo indio. Pelo preto, todo brasileiro da geração que testemunhou os costumes da escravidão, sente a ternura commovida que liga a imagem do servidor leal e bem clesses tempos á lembrança das emoções da nossa antiga vida domestica, tão encantadora em sua cordial simplicidade, e da nossa vida do campo, bizarramente poetizada pelo consorcio da alma portugueza, uma das mais lyricas dentre os povos modernos, com a meiga ingenuidade do africano. Pelo indio, se a raridade de seus typos cultos não nos permite observação muito ampla, não ha indicio de qualquer laivo de prejuizo ou de antipathia. Ninguém sente, no Brasil, constrangimento, ou desgosto, no tocar a mão e contemplar a face de um caboclo authenticico, virgem de sangue branco. O typo do caboclo não tem, entretanto,

vantagem esthetica sobre o do negro; alguns dos traços primitivos da raça são até mais grosseiros.

O contraste entre o nosso inteiro despreconceito para com o caboclo e o desdém que se affecta pelo negro, em certos meios, illumina a feição literaria e convencional de alguns dos nossos sentimentos sociaes.

Fóra dos annaes da colonização, onde os encontros entre brancos e indigenas não passaram quasi de tragedias de morticínio e de exterminação, o selvagem não tem historia literaria senão em livros de viajantes curiosos e nos estudos modernos, e já menos prevenidos, de anthropologistas. Certas concepções idyllicas do homem primitivo e do selvicola, de que o "contracto social", de Rousseau, é uma versão politica, decoram-lhe, mesmo, o typo com fulgores poeticos: a miragem da "idade de ouro", as lendas de heroes e semi-deuses, o culto pagão dos antepassados, as allegorias de Homero, dos poemas Traumaticos, dos sagas scandinavos, a fascinação extatica de Nietzsche, o primitivismo, heroico e sentimental, de Alencar...

Já nas relações com o preto, é differente a attitude *exterior* de muita gente.

O negro é, de ha muito, uma das caricaturas do humorismo literario. Unico escravo dos tempos modernos, recebeu, ainda mais, sobre os hombros, toda a carga dos labéos da escravidão. A escravidão — sorte de vencidos e commutação de morte, para povos inertes, em que cahiam, egualmente, raças incultas e povos abatidos, como os gregos que iam, entretanto, ensinar artes, letras, sciencias e philosophia, a seus poderosos senhores romanos — é de uma das instituições amaldiçoadas pela magistratura critica.

O narrador dos nossos costumes sociaes viu a escravidão, através deste prisma literario.

A escravidão foi, entretanto, uma das poucas coisas com visos de organização, que este paiz já mais possuiu; nas aereas instituições politicas, que temos tido, as boas intenções de segundo monarcha, a honestidade e o saber de seus ministros, não conseguiram fazer descer para o nivel dos factos a nuvem luminosa das doutrinas adoptadas; a Republica vae sendo um jogo floral de theorias, sobre um campo de miserimas realidades. Social e economicamente, a escravidão den-nos, por longos annos, todo o esforço e toda a ordem que então possuíamos, e fundou toda a produção material que ainda temos. A moral dos seus costumes foi superior á das relações, desapiedadamente cruas,

dos anglo-saxónicos com os pretos e indigenas, nos Estados Unidos.

Toda a oporosidade deste paiz, tudo quanto nelle se edificou como fonte de riqueza e de trabalho, o pouco que já possuímos em *estabilidade social e dynamismo organico progressivo*, assenta sobre a labuta do preto e sobre o esforço do senhor, porque — e eis aqui um ponto capital a assinalar — o senhor de escravos — o das primeiras gerações colonizadoras, em realce (coisa de que, no correr destes estudos, se encontrará a expliação) — foi um explorador da terra ignorante e desavisado, mas incansavelmente laborioso. Na vida propria do interior, a gente que, na “fazenda”, formava a nossa *familia rustica*, era occupada e activa como a de qualquer outro povo agricola.

Os que conhecem, por observação directa, os nossos antigos costumes, sabem que, na roça, entre os que lá se conservavam, e, nas cidades, entre os que mantinham os habitos ali adquiridos, a vida domestica era occupada, e os homens esforçavam-se por produzir.

Onde o nosso caso mostra as causas especificas da futura dissolução, é nos contactos da vida urbana com a do campo, na interpenetração da *civilização*, que iamoz fazendo, com a economia

que possuíamos: na fusão dos costumes das cidades, com os costumes da roça.

As praias, os portos, as fronteiras, as cidades à beira-mar e cosmopolitas, os povos dos á margem das grandes vias de comunicação — poisos de marujos, de aventureiros e de viajantes em jornadas de ambição, e em iérias, pelo menos, de disciplina social — são, em toda a parte, zonas mistas de difusão e desagregação social, áreas de invasão de costumes fáceis e de perversão dos caracteres. Antes das invasões guerreiras dos barbaros, Roma estava dissolvida por suas migrações pacíficas; o Pireu infectou Athenas; phenícios e carthagineses eram, na antiguidade, propagadores de vícios e auctores dos crimes os mais audazes; nas ilhas da Oceania, as populações selvagens das costas corrompem-se, pervertem-se e aniquilam-se ao contacto dos colonizadores europeus, ao passo que os aborígenes isolados nas costas mais altas das montanhas conservam, com a robustez physica, os caracteres da raça. No conflicto entre o exemplo dos colonos ordinarios e as suggestões da catechese, define-se o typo indigena, que se entrega, anemico e servil, quando não se extingue toda a raça, á faina dos serviços baixos dos civilizados.

Em nosso paiz, onde tudo, apesar do nosso extenso territorio, se diria regulado para submeter as populações á dictadura mental da Côrte -- o que, com a propria vastidão, passou a ser uma causa dissolvente; onde os espirites não receberiam senão o preparo para copiar e imitar cousas, homens, idéas e costumes estrangeiros, todo o mundo aprendeu a viver, a sentir e a pensar, conforme o que se lhe dava, no Rio, por typo e por modelo. O primeiro cuidado dos paes, a quem sorria a fortuna, era mandar os filhos para os internatos da cidade; os fazendeiros repousavam dos labores da fazenda, nos hotéis elegantes, nas palestras da rua do Ouvidor, no Lyrico e nos theatros alegres: era distincto citar os nomes em voga no Chiado e nos *boulevards*. Alguns versos de poetas afamados, phrases de oradores e publicistas, intrigas de romances sentimentaes e eroticos, misturavam-se, nos cerebros de bachareis e doutores, a proverbios populares e trechos de compendios. E assim se fizeram a philosophia e a orientação politica, que dispuzeram, durante quasi todo o seculo XIX, da sorte deste paiz.

O romantismo e o demagogismo da França -- credo de melancolia e de scepticismo, um, e simples anhelos de entusiasmo reformador, o outro, foram, subito, deslocados pelo realismo e pela con-

fusão scientifica, philosophica e politica espalhada pelo surto do evolucionismo e do positivismo e pelo estudo e critica das theorias liberaes. Ao positivismo, forte pela união, e pela integridade de consciencia que suggere aos espiritos, as outras escolas não juntaram nenhuma fundação estavel. Tudo isto deu ás intelligencias, quasi em branco, do nosso paiz sem cultura, essa attitude de erudição vacillante e de dialectos negativa, sempre de objecção em riste, em que idéas philosophicas e leis scientificas, temas de artigos e discursos, confundem-se nas memorias com proverbios e noções populares, correntes como as moedas de troco, e factos, cousas e dados concretos, baralham-se com aneddotas, imagens e ficções. Conservadores e catholicos agiam por sentimento, e conquistavam por actos. Só de recente data surgiu um movimento de proselytismo intellectual, na Igreja. A influencia mental da França fazia-nos repetir, por symbolos da nossa "psychose" (3), e alvo das nossas aspirações, a angustia e as duvidas de um povo, desordenado pela ruina de instituições seculares, e indeciso na escolha de novas fórmulas. O liberalismo, perito na destruição, não tinha aprendido

(3) Esta palavra está aqui empregada em seu sentido normal de "processo psychico".

a organizar; doutrinarios architectavam systemas e planos definitivos de construcção social, só com isto desprestigiados no juizo de espiritos praticos; por estas razões, e porque os reaccionarios disputavam dos instrumentos de uma habilidade finamente educada e da disciplina, contando com a vantagem da tradição e de instituições conhecidas, naturalmente sympathicas á ignorancia e ao comodismo das maiorias, a nossa tutora mental, oscillando entre os extremos de suas revoluções e reacções, não nos ensinava a caminhar; e nós iammos praticando, como vida normal de sociedade culta, uma existencia de colonia moral e intellectual, modelada pelos agentes d'essa occupação de espiritos com sede no Alcazar, nas livrarias e nas casas de modas, ao passo que outros, francezes e de outras nações, faziam-nos sua colonia economica, nos bancos e nos armazens do commercio internacional.

Portugal, por sua vez, passando por duas phases brillantissimas de actividade intellectual, no seculo XIX — bastante, cada uma, para firmar o prestigio de uma nação intellectual — foi em ambas agitado pelas crises, diversas, mas todas violentas, da paixão de um povo, que, havendo consummado obras de raro vulto historico, sentiu prematuramente tolhidas as energias com as fa-

dígas da secular reacção contra a pressão, quasi esmagadora, das luctas migratorias e dynasticas do continente, e a concorrência e a ameaça constante, e, depois, predominio das ambições imperantes no oceano. Destas crises, se a primeira foi desanimada e dolente — abatidos os espiritos ao peso dos “asperos desenganos”, que, no dizer de Herculano, os isolavam nos retiros, onde, “como no desabar do Imperio romano, tantas almas severas e energicas, desesperando do futuro de Roma, iam buscar os ermos” — foi a outra amarga e nevrotica, audaz sem confiança e revoltada sem poder. Exportou-nos, esta, a literatura que nos afigurava a sociedade dos nossos contraparentes como uma cafila de deliquescentes, poída de musculos na rotina, e enxovalhada na libertinagem.

A França, sob a propria influencia do naturalismo, contava com prestigio bastante forte: seus escriptores haviam sabido isolar zelosamente a Patria das penas de suas observações de *biologia* e *psychologia* social, para lhe manter a fama de raiz são: condemnando seus patricios, os literatos de Lisboa e do Porto condemnaram-nos tambem, e habituaram-nos mais a guindar em sentenças de critica social, bisbilhoticas de esquina e de cafés — a *psychologia* dos romances mundanos, onde se

julgam povos pelos escandalos da rua, e as pessoas, pela moral da ponta de lingua: o unico juiz expedito, talvez, no mundo inteiro.

Enquanto recebiamos de Portugal a literatura romantica, da primeira phase, e, renovando o impulso de autonomia intellectual, iniciado nos tempos da colonia, tentavamos, com Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Luiz Guimarães Junior, José de Alencar, e, depois, com Machado de Assis, reflectir a propria imagem e a emoção da nossa terra e das nossas almas nas obras literarias, não aprendemos a maldizer das nossas cousas; mas, quando o naturalismo francez e portuguez começou a circular, e, impotentes, quasi todos, para assimilar a grave philosophia emancipada do seculo, começamos a ingerir-lhe os bosquejos e interpretações, que nos supprimam jornaes e revistas, assim como philosophias bizarras e destruidoras, o contagio pessimista acirrou a severidade dos escriptores, excitada pela consciencia de raice intellectual numa sociedade quasi inculta, em sentenças de desespero e inexoravel condemnação. Está na logica das cousas que a illustração applique, em ardor e intensidade de critica e de combate, as energias que não dispõem de materiaes proprios para construir. E as phrases scepticas das literaturas estrangeiras tomaram mas-

caras de juizes sobre as nossas cousas. Nada escapou ao ardor punitivo: os costumes, o espirito, a moral, a raça; com esta, os avós; e, como não era esperado que a execução da sentença recebesse enbargos, tambem a sorte dos descendentes foi incluída, nessa partilha espontanea, em vida, dos despojos desta nação.

Tudo isto não passa, comtudo, de literatura; está no caracter dos espiritos juvenis fazer de tudo literatura: das cousas, das pessoas, dos factos, e das idéas: fazer, até da propria vida, literatura em acção; e, se se não tivesse dado que, em falta de philosophia e de politica, tal literatura invadiu-nos os habitos e installou-se como palavra official do nosso pensamento, nada haveria a temer. Cumpre, porém, arrancar toda esta vegetação maligna do cerebro deste povo, já bastante aturdido pelos problemas e duvidas de uma existencia arrastada entre os segredos, não desvendados, de uma natureza estranha, e a ignorancia da gente que lhe pretende ensinar a vida, sobre esta terra que ninguém estudou.

E, neste problema da vida, estão o nucleo e a essencia da Philosophia e da Politica — sciencia e arte pratica, esta ultima, a que hão de ahiñal convergir todas as especulações e pesqui-

sas, se quizerem continuar a merecer a atenção e a reflexão humanas. Toda a nossa biologia e psychologia podem, em summa, resumir-se nesta ultima synthese: o homem é o ser em quem o phenomeno da vida reuniu as condições e propriedades mais complexas da "adaptatividade". Indole, tendencias, faculdades, sentidos, instinctos, potencialidades, tudo quanto, em summa, nas investigações analyticas de cada a-pecto do organismo, parece crystallizar e traduzir caracteres, physicos ou psychicos, do modo de ser a que se chama "natureza humana", definir pendores, inclinações, limites e distincções, que predeterminem, encaminhem, fixem e guiem, a orientação dos nossos passos e do nosso espirito, tudo resume-se nessa palavra — affirmação da generalidade indefinida do nosso poder de desenvolvimento, sem limites e sem distincções subjectivas, talvez, mas fronteira, ao mesmo tempo, de sua extensão, fixada, no que é terreno, não por incapacidade do nosso poder organico — susceptivel, talvez, de imprevistos e extremos alcances — mas por uma necessidade geral de equilibrio e de harmonia das cousas, a que se não pôde furtar, na relatividade contingente do mundo cosmico e do finito, no tempo e no espaço, nem mesmo esse assombroso phenomeno complexo do espirito humano.

Este problema da vida é a interrogação inconscientemente posta pelo homem, em todas as perguntas feitas sobre os mais transcendentos objectos da especulação. Mas o problema da vida concreta, em suas realidades immediatas e parciaes, não se lhe fazia sentir em fórmula abstracta — como problema intellectual. A satisfação immediata da fome, a necessidade de abrigo e de calor, as primeiras exigencias de conforto, não foram os problemas que preoccuparam o espirito humano.

Cada necessidade isolada e cada interesse particular encontrava-se solvido, por obra de um dos muitos processos continuos pelos quaes o continuo da mente vae resolvendo o continuo da existencia. A vida desenrolou-se, assim, por um progresso lento de conquistas infinitesimaes, desenvolvendo a primeira sensação affectiva, que, combinada não se sabe com que força natural, a fez surgir — por series de sensações identicas e de memorizações repetidas e multiplicadas, tornando-se habitos automaticos, instinctos, impulsos immediatos, que, só em estado muito adiantado da especie, apresentaram as fórmulas superiores do cuidado permanente pela existencia, na fórmula geral do problema da conservação, da segurança, do “plano de vida”, e, afinal, da ambi-

ção. A vida concreta é, para o animal e para o homem primitivo, um problema encarado e solvido *au jour le jour*. Cada appetite instintivo não era um problema para a necessidade do instinto; cada satisfação não era uma solução. Mas, assim como a questão metaphysica do "ser" reflecte a curiosidade do homem pela sua relação com o universo, o mundo propunha ao espirito de nossos antepassados a questão de sua vida, em face da grandeza e do poder mysterioso das cousas colossaes que o cercavam, que produziam chuvas e torrentes, accidentes e mortes, e que lhe oppunham, da parte dos outros animaes e dos outros homens, tantas ameaças e tantos perigos á sua segurança e integridade, tantos obstaculos, desenganos e combates a suas empresas.

O problema da vida apresentou-se ao homem ancestral com esta feição pratica, nos primordios da sua actividade mental consciente. Um espirito de tendencia teleologica diria que esta noção é reflexo da consciencia da "função", sobre os moveis, apparentemente livres, do pensamento; mas o pensamento, só por si, explica toda a sua causalidade e toda a sua relatividade.

A's perguntas do homem sobre seu destino, em meio ás cousas, respondia o soccorro de Javeh; mas á pergunta sobre os perigos que vinham dos

homens e dos outros animaes, quem respondia era o companheiro da caverna, e, depois, o parente da tribu. Para os perigos das cousas, o soccorro de Deus; para o perigo dos inimigos, o soccorro da "nação". Religião e politica nasciam, assim, como roteiros á esperança e ao temor humanos, nos azares e nas penas do destino.

Deus era invocado sempre, sem duvida; mas á propria alma enlevada dos apóstolos, nas causas humanas da paz e da guerra, elle falava e agia pelas boccas e pelos braços da nação.

Para o homem inculto, a existencia desenhava-se como um plano horizontal no tempo; e a sociedade parava, na era contemporanea, como fechada por uma secção vertical no espaço.

No passado, vivia a lenda, poetizada, tragica ou divina, olympica ou demoniaca; Javeh ou Jupiter, Ptah ou Thor, foi, por muito tempo, o maior dos avós, o avô engrandecido até ao poder colossal do commando das forças physicas; o futuro era ignorado por elle, para quem a *genesis* estacava com sua propria existencia e o destino não comprehendia senão seu ser e os seres que o cercavam. Deus e os viventes resumiam a philosophia e a politica, faziam a ordem no universo e a policia na tribu — mas isso para a vida e no interesse de cada um.

Toda a historia synthetiza-se, então, nesse esforço do homem por assentar e amparar a segurança da sua existencia; perplexo entre os interesses immediatos, sua timidez não lhe permittia sequer formular o problema do futuro. Quando o amor pelos seus lhe suggeria, porventura, vagos cuidados por uma hora um pouco mais avançada, elle solvia a difficuldade, transportando o poder de Deus, do mundo siderico, para os tempos adiante: tergiversava, porque não era essa a solução que elle se dava, para os interesses proximos; e a consciencia dormia, sobre a tranquillidade dessa protecção, tão poderosa, que fazia cahir o raio sobre a arvore proxima para não deixar ferir a creatura, e arredava as avalanches para os abysmos do valle.

E assim se installou, por seculos, o fatalismo, providencial e depois sceptico, que encerrou o horizonte dos problemas e de cada individuo e de cada geração dentro do alcance da existencia.

Nos limites do presente, religião e politica sabiam, comtudo, que a vida tinha sua segurança e seu destino pependentes da nação, não só por força da policia e da justiça que ella creara, desde as suas fórmulas rudimentares, *mas porque a ordem social da nação organizava a subsistencia e o exito de todos.* A nação, prolongamento, a principio,

da estirpe, foi, depois, uma união de estirpes, accommodadas num regimen de paz, em prol do interesse de todos. Do "paria" ao rei, todos sabiam que a defesa de suas vidas contra o inimigo estava sob a guarda da nação, e que tinham a sorte confiada aos meios de vida, estabelecidos pela sociedade e por ella regulados; a fortuna do individuo era fortuna da nação; a fortuna da nação, fortuna do individuo.

No que respeita ao "sustento", á "conservação" e á "defesa" da vida, em sua fórmula directa, as organizações politicas primitivas olhavam, de mais perto, para o interesse e para a tranquillidade do individuo. Os "estados", dessas primeiras sociedades, eram "estados collectivistas". Sob o regimen domestico, com um rei, com um despota, ou sob uma oligarchia, na escravidão, ou na servidão, protegido ou vassalo, contava, cada qual, com o alimento, com o abrigo, com a união para defesa commun. O regimen social e politico era um regimen de mutualidade, por subordinação; a nação, um poder paterno sobre cada um de seus membros.

O animo paternal, que gerou essas primeiras associações de interesses, presidindo ao seu desenvolvimento e acompanhando seus progressos, formou, assim, a base psychica da sociedade, so-

bre um estado de confiança reciproca, que, salvo aberrações, mais numerosas, naturalmente, nos tempos primitivos, mas sem expressão estatística, como coefficients sociais, mantinham a normalidade de situações convenientes á satisfação dos requisitos minimos da vida.

Com a evolução dos povos, ampliadas as necessidades, multiplicavam-se, simultaneamente, os recursos: dilatadas as camadas superiores, desenvolviam-se os meios de satisfação; reduzida a acção patriarchal do Estado, surgiram os trabalhos, as industrias, as profissões, que iam contentando as precisões. Deixando, paulatinamente, de socializar a vida, no interesse dos dominadores, tornando-se politico, o regimen da ordem e da legalidade restringiu-se á esphera jurídica, á proporção que a vida economica ia crescendo, e emancipado, ia tambem o individuo encontrando, numa actividade social parallelamente desenvolvida, o apoio que o Estado retirava. Este processo, vagaroso, gradativo, diuturno e imperceptivelmente mais largo e mais alto, ia tambem formando uma sociedade, onde, sob as ondulações e linhas quebradas naturaes no nivel de grandes collectividades, se estendia uma linha média de populações cada vez mais vastamente prosperas. As nações de formação immemorial e evolução espontanea

produziram, mantêm e desenvolvem, assim, como que um leito, ou uma rêde, de condições de garantia individual, por entre as grandes massas da sociedade. A miseria, existente entre os grandes povos civilizados, fôrma excepção, ao lado de immensas populações para as quaes, não só não existe a fome, senão tambem as necessidades e aspirações, materiaes ou espirituaes, crescentes, contam com probabilidades de satisfação. Há um plano ascendente continuo na prosperidade material e no progresso moral destas populações.

O phenomeno do "pauperismo", das grandes civilizações, não tem comparação com o definhamento e a morte, em massa, de populações, como na China e na India contemporanea, ou com o nomadismo, miseravel e bruto, dos nossos sertanejos.

As condições sociaes da vida individual, conservando, nestas novas sociedades, o caracter de permanencia, firmaram o de continuidade. "Permanencia" e "continuidade" são caracteres fundamentaes da vida social (4).

Neste processo, Deus, libertando-se, com a espiritualidade das novas fôrmas religiosas, da fusão immediata com a materia e com o mundo

(4) LESTER WARD — *Pure Sociology*.

objectivo, emancipou o theatro das realidades terrenas, da sua interferencia permanente: o homem, livre, no conceito de todas as religiões, tomou posse do seu governo; e as cousas da vida collectiva formaram objecto de um pensamento, de uma acção, de uma arte secular. A separação do espirital e do temporal, e inteira emancipação da politica e da auctoridade espirital, é consequencia, immediata e logica, do dualismo do espirito e da materia, e do "livre arbitrio".

Reconhecendo no homem capacidade para reger e administrar os *universacs*, ainda que limitados ao presente, religião e politica reconheceram-lhe, implicitamente, a faculdade de *prever* as consequencias futuras dos actos da gestão social.

Providencia objectiva sobre os factos da vida commum e previsão dos successos e das consequencias dos actos humanos sobre a sociedade, são o *verso* e o *reverso* da mesma aptidão humana para viver em grupo social.

Desde logo, era fatal que surgisse o Estado, como órgão geral dos problemas e das soluções dependentes da acção collectiva e futura, confiada, nos limites do espaço e do tempo, ao "arbitrio" e á "responsabilidade" do homem.

Na vida espirital, o homem communica a sua relação com a realidade divina, pelo nexo da

fé, na esphera da *consciencia individual*; o *seculo* e o *mundo*, o tempo e o espaço, ao alcance da relatividade da sua vida objectiva, ficaram entregues á unica força e unica auctoridade effectiva e practica sobre seu arbitrio e sobre sua responsabilidade: o Estado, órgão da nação.

Doutrinas philosophicas podem contestar ao homem e á sociedade capacidade para prevêr o futuro, mas devem, por consequencia inevitavel, adoptar o anarchismo: negar ao homem aptidão de raciocinio logico sobre as cousas futuras, envolve, fatalmente, negar-lhe a de raciocinio logico sobre as cousas geraes no presente, isto é, importa contestar a legitimidade do Estado e do Governo.

Reconhecer a liberdade e negar a previsão, traduz-se pelo fatalismo mais cego das mais grosseiras concepções *naturistas*.

As massas humanas, assimiladas em "todos", compunham, com a possível adaptação, dados os nossos conhecimentos sobre a relação da especie com o mundo physico, e sobre a nossa natureza corporea e psychica, uma aggréguação, fundida com seu *habitat*, e integrada como sociedade, que se mantinha por si, salvo accidentes physicos ou guerras, e desenvolvia-se. Meio, povo e fôrma politica formavam membros de um corpo extremamente elastico e flexivel; enraizada na terra, ou

com a terra, desenvolvía-se a *vida* (que não a *gente*, por vezes nomade) graças á necessaria revelação e accumulção de indícios e hábitos, proprios a manter as funções de relação, satisfazendo appetites e instinctos, por força dessa especie de harmonia, integrada, numa atmospherá tónica, pela affinidade com o meio e pela assimilação objectiva na sociedade.

Formar-se, assim, as nações do mundo civilizado, apresentando a fórma de collectividades em que os individuos são funções da sociedade e a sociedade é função dos individuos, desenvolvendo-se, uns e outra, coordenadamente, sem choques e sem hiatos, como um processo continuo de elevação de um mesmo plano. A prosperidade e o *progresso* — no sentido ordinario do termo — do homem e da sociedade, nos paizes de longa evolução normal, são, assim, producto de uma elaboração vagarosa e lenta, semelhante, por exemplo, á acção dos factos physicos, chimicos e mechanicos, que serviram para compôr as partes geologicas da crôsta da terra.

Deste processo de elevação successiva do nivel da sociedade, organicamente integrada e diferenciada, surgiram as *nações*, os *povos* e os *homens*, do occidente moderno, caracterizados, em geral, por uma certa conformidade de hábitos evo-

lutivos. O processo soffre hoje diversas crises: — efeitos do desenvolvimento da cultura, sem a necessaria segurança, nos espiritos, da verdade scientifica e das suas applicações, e efeitos, ainda mais, da revelação e consciencia dos problemas positivos do homem, em seu aspecto duradouro, como theses geraes, da elevação do nivel da instrucção e da excitação das ambições, generalizadas a vastos grupos das sociedades, mas, principalmente, do surto das invenções materias e dos instrumentos mercantis que, dos fins do seculo XVIII, para nós, acceleraram a industria, as communicações e o commercio, em progressão vertiginosamente desproporcionada com os misteres e interesses humanos.

Profundamente perturbadores da evolução das sociedades organizadas, estes phenomenos tornaram-se, nas mãos daquellas de suas classes que os manejam, um poder tremendo sobre os destinos das classes inferiores, e, ainda mais, sobre as das novas sociedades, surgidas do desconhecido, mercê dos descobrimentos, e voluntariamente formados por esforços individuaes dos colonizadores, ou pela acção politica das metropoles.

As nações de origem remota e de lenta evolução não conheceram, nem conhecem, o *problema*

nacional, pela mesma razão por que os herdeiros de grandes fortunas desconhecem o problema da subsistência e cada indivíduo desconhece o problema da formação *structural* do seu organismo. As nações surgidas por descobrimento e formadas por colonização são *improvisos* sociais do acaso, ou de factos excepcionaes do progresso. Se fosse possível conceber que os governos metropolitanos ou as camadas colonizadoras transplantassem para as suas novas possessões a *structura* e *organização* das metropoles, poder-se-hia, também, admittir que as colonias teriam prolongado sobre os novos territorios o organismo das sociedades metropolitanas integradas; nem tal, porém, se dá, nem, ainda, seria de supôr — o que, aliás, não seria bastante — que as forças activas na manipulação das novas sociedades: governos das metropoles, seus delegados e colonos, tivessem agido sobre estes meios, obedecendo aos mesmos estímulos que lhes impelliam os passos, na vida ordinaria sobre o solo natal. O descobrimento e a colonização, factos imprevistos e mutações gigantescas, epicamente suggestivos, revolucionam, também, os espiritos, com as allegorias quasi lendarias e com os premios magníficentes das primeiras jornadas.

Governos coloniaes e colonizadores fazem invasões e conquistas: não fundam nações; são exploradores: não são socios.

Dos costumes, tradições, leis empiricas da pratica, e normas da consciencia, permanecem os que, por neutros, não tolhem os passos, em empresas e aventuras: a visão dos novos scenarios, a força impulsiva e os delirios da ambição despertam almas novas, nos cerebros transfigurados e ardentes de "bandeirantes", "emboabas", de toda a casta de pioneiros — evictores summarios de terras e summarissimos eliminadores de concurentes.

Nas nações novas, o facto, resultante da fórma peculiar da sua exploração, é que a *sociedade* não chega jámais a constituir-se: a assimilação e a integração, obras de lento e gradual evoluir, nos velhos paizes, não encontram os mesmos moveis de estimulo e de operação; e, pelo contrario, por entre a vizinhança, a contiguidade, e uma certa commuidade, material ou moral, de semelhanças e analogias: a lingua, a religião e a raça — fios de tecedura, entre outros, na composição dos elementos *vitacs* de associação, e forças de sua actividade solidaria — são aqui dissolventes. As religiões, por exemplo, como outras aggremações, agindo independentemente do mechanismo nacio

nal, onde se deveriam entrosar, e promovendo, sem a acção geral parallela das forças nacionaes, os ideaes que as animam, sob a direcção de sua auctoridade mundial e com a sua poderosa disciplina, contribuem para desagregar as nacionalidades.

Os paizes novos carecem de constituir artificialmente a *nacionalidade*. O *nacionalismo*, se não é uma aspiração, nem um programma, para povos formados, se, de facto, exprime, em alguns, uma exacerbação morbida do patriotismo, é de necessidade elementar para um povo jovem, que jamais chegará á idade da vida dinamica, sem fazer-se "ração", isto é, sem formar a base statica, o arcabouço anatomico, o corpo structural, da sociedade politica.

Não são os requisitos da prosperidade e do progresso, no sentido popular, que fallecem, mas os proprios órgãos e visceras de uma associação humana com assento topographico em um territorio e revestida de uma cupula politica.

Sua população é um agglomerado de familias, classes, associações, partidos, profissões, raças, nacionalidades, religiões: póde possuir, durante uma phase relativamente longa de sua vida historica, de dezenas de annos, ou, ainda, talvez, de um ou dous seculos, cidades ostentosas, estra

das de ferro, obras e empresas colossaes; tudo isso, porém, não viverá senão uma vida facticia, sem espirito e sem unidade, como a vida de um hotel, ou de uma estação de estrada de ferro, onde se encontram e cruzam-se, em movimento febril, milhares de individuos, camadas e gerações da sociedade, sem nenhuma consciencia de interesse commum. Taes sociedades não deixam, em pós si, senão riquezas mortas e monumentos mais mortos ainda: obras frias de uma historia, que não animou o espirito de um ideal.

Avenidas, theatros e estatuas registrarão para o futuro os annos infantis de um povo que não soube viver.

A *nacionalidade* não é, aqui, um desses conceitos verbaes a que a tradição habitua os espiritos, e que transforma em suggestão, mas a propria vida do povo, base da *vida* do individuo, da familia, das classes e das gerações, *medium* da tranquillidade, da confiança e da coragem, no presente e para o futuro. E' provavel que uma investigação positiva de psychologia social, pondo em contraste a *vida norte-americana*, por exemplo, com um *conceito de nacionalidade*, formulado com todos os rigoresos cuidados da relatividade e das proporções, no tempo e no meio physico dos Estados Unidos, chegasse tambem ao resultado

de que egualmente este paiz não fórma uma "nação"; mas os Estados Unidos illudem, por um lado, com o brilho e a grandeza espectacular da sua vitalidade, e mostram, por outro, evidentemente, solidissimos requisitos de evolução organizadora.

No Brasil, destruidos os rudimentos de organização que já tivemos, lançados em mau terreno, nada ficou de definitivo, e a fachada da nossa civilização occulta a realidade de uma completa desordem. Não ha uma só instituição no Brasil, como tambem, provavelmente, em quasi todas, senão em todas, as outras repúblicas sul-americanas, assente sobre bases proprias, para um crescimento evolutivo regular.

Vivemos, até aqui, de ensaios e reformas; cada idéa nova pousa sobre ruinas; cada transformação planta as aspirações de um systema sobre a agreste verdade de fórmas sociaes ainda grosseiras. Dahi, o desanimo e a descrença de um povo, para quem a vida publica não é senão uma chronica de anedotas pessoas e de audacias, escandalos e immoralidades, verdadeiros e falsos, exaggerados e deturpados; onde o merito não tem estimulo, o trabalho não tem valor, a produção não tem preço, as fortunas não têm garantias, o

povo não tem opinião, o cidadão não tem voto, os espiritos não têm idéas e as vontades não sabem mover-se. Não fosse a ingênita honestidade deste povo e sua claríssima intelligencia, seu bom senso e seu extraordinario espirito de ordem, e este paiz não contaria mais um só collectôr probo na mais remota e inculta villa do sertão, e viveria, como terra de barbaros, dilacerado em guerras e pillhado em saques permanentes. Uma constituição e umas centenas de leis, empalhadas em volumes, não fazem um Direito; quanto mais, a vida de uma nação!

Os Estados Unidos tiveram, sobre nós, immensas vantagens. Foram colonizados por uma nação que, estando na época do descobrimento da America, em pleno estado de vigor, continuou a marcha progressiva do seu extraordinario desenvolvimento, durante todo o tempo da formação das colonias da Nova Inglaterra; possuem um territorio de clima, frio ou temperado, semelhante ao do paiz de seus colonizadores, immediatamente adaptavel, sem estudos especiaes, nem devotados cuidados, ás culturas que elles faziam na metropole, de onde podiam receber lições e educação, sem maior aprendizagem sobre o terreno e a adaptação, sobre as plantas e o cultivo; não soffreram, como nós soffremos, com a vinda da casa

de Bragança, nenhuma syncope de evolução política.

As raças que povoaram a Inglaterra não divergem tão profundamente como se suppõe, das que povoaram Portugal; o fardo ethnico era identico; os primeiros povoadores da Britannia, de cuja existencia já se encontra testemunho historico, eram celtas, como os primitivos povos historicos da península, e caminharam, do continente para a ilha, por via iberica; nas alluviões migratorias que se seguiram, para ambas as direcções, houve mescla de dolicocephalos nordicos com brachicephalos do centro; houve latinos, na Britannia. A massa que predominou em Portugal pertencia a gente que vinha de participar de civilizações como a romana e a arabe da idade média.

A Inglaterra foi uma estufa humana, protegida pelo oceano, e que monopolizou o oceano, desde que o oceano passou a ser theatro das grandes luctas da concorrência; Portugal foi um pequeno povo quasi sem terra para a sua conservação, que, tendo realizado no mar as maiores empresas de descobrimento e de occupação, cedeu á força do poder numerico e da vantagem territorial, no continente, dobrando-se, ao mesmo tempo, perante a concorrência maritima da propria Inglaterra e dos povos descobridores e colonizadores

mais activos que o mundo possuiu, no periodo das grandes iniciativas oceanicas. Conquistado pela Hespanha, Portugal não se remancipou, senão para viver a mais critica das existencias, numa inutil reacção contra a pressão das luctas continentaes, collimadas com a fuga de D. João VI, e contra a expansão maritima da Inglaterra, ultimada com a definitiva subordinação politica á poderosa allia-da do norte.

A capacidade e o valor abstracto de um povo, como os de um individuo, não se aquilatam em absoluto, pelo que pôde realizar, mas pelo confronto do que realizou com os obstaculos e as possibilidades encontrados. Sob este criterio, a patria de Camões e de Vasco da Gama, apura, com honra, o quilate do seu character. A colonização do Brasil realizou se justamente durante o periodo de declinio de Portugal.

A outra difficuldade é ainda mais consideravel. Aos povos europeus que para aqui vieram, coube uma região inteiramente ignorada, cujas terras, equatoraes e tropicaes, oppunham obstaculo ás culturas, imprestaveis, como eram, para quasi todas as lavouras conhecidas dos colonos, de caracteres climatericos e meteoricos de todo estranhos, alguns de influencia immediata e directa sobre a vida do colono e sobre seus trabalhos, outros de

efeitos mais remotos, que ninguém imaginava, sequer, por esse tempo, ainda até pouco, apenas notados, por observadores directos da nossa vida rural, sob o aspecto de sua acção immediata sobre as culturas, e só de recente data apontados, com todo o seu alcance sobre a vida agricola e a producção, sobre as estações e a productividade dos nossos terrenos, sobre a nutrição, o vigor e a saúde da nossa gente — o que vale dizer, sobre a base inteira de toda a nossa vitalidade.

Improviso da criação, pelo descobrimento; fraqueza fortuita dos descobridores; diferença do clima e da terra; vicissitudes da colonização; interrupção e desvio, no processo historico da independencia e da formação nacional: aqui estão cinco enormes factores, cada qual bastante para impedir e tolher o surto de uma sociedade. Ao ultimo, costuma-se creditar, em confronto com a historia das republicas sul-americanas, as vantagens da ordem e da unidade nacional. A ordem não foi assim tão completa; e se ganhámos um pouco em socego, é certo que perdemos em iniciativa e em vigor de character, com o governo dynastico. Somos, afinal, descendentes de portuguezes, povo, sem contestação, menos impetuoso que o hespanhol; e não é arriscado conjecturar que mais firme teria sido a vida deste paiz, se a sua indepen-

cia resultasse do progresso da aspiração nacional na vida do povo e fosse presidida por essa masculina geração de 1820, tendo a *consciencia, a liberdade e a responsabilidade da organização politica.*

A terra, esta, está de todo por ser estudada; e o signal da consciencia, quanto a este ponto, só se mostrará, no dia em que, abandonando tentamens de melhoramentos materiaes artificiosos, ou, pelo menos, prematuros, como o das culturas secas, voltarmos sensatamente os olhos para as regiões já exploradas e em exploração, e para os valles fertéis onde abunda a agua, existentes em todo o paiz, para restaurar, por meios conhecidos, não muito custosos e de effeitos proximos, as condições de humidade e de produção, que lhes vão faltando, corrigir e rectificar as fallhas e insufficiencias das terras, sanear as regiões insalubres e defender as riquezas naturaes, em estado de produção, ou virgens: procurando concentrar e fazer florescer as populações nacionaes sobre estas zonas.

Um paiz em que a cultura extensiva da terra exgottou, em menos de tres seculos, zonas equivalentes ao duplo, talvez, da área do Egypto, explorado agricolamente, só dentro da vida historica, quatro mil annos antes da nossa éra, e ainda hoje em plena produção, não precisa abater seu

espírito, nem desmoralizar-se a seus próprios olhos, para explicar as fraquezas e crises da sua constituição social: basta-lhe lembrar que nenhum outro povo soberano passou, nos tempos modernos, por igual conjuntura, e que causas desta natureza não se revelam, em regra, a povos e governos, senão com o flagrante da sua realidade.

Com tres vicissitudes, na posse do seu patrimonio territorial; sem base historica para as fundações da sociedade; lutando, ao contrario, com os obstaculos que mataram os germens das suas experiencias de organização — este paiz não podia ter iniciado, sequer, a criação de uma *economia*. A *nacionalidade* é a vida de um povo, feita pelo calor e pela energia de um *espírito*, sobre a saúde de uma *economia*. Nós temos de fundar a *economia* da nossa Patria, fazendo revelar o *espírito* das suas raças, sobre a sua natureza tropical.

Para isso, só ha um caminho a seguir: traçar a sua *politica*; e para conceber a sua politica, é mister formar uma *consciencia nacional*.

A autonomia de um povo nasce em sua consciencia: a raiz da personalidade é a mesma, no homem e na sociedade. Ter consciencia significa, em seu mais alto grau, possuir, com os poderes de sensação e de percepção, o de formar juízos: juízos

concretos, sobre as cousas; juizos abstractos, sobre as idéas; juizos moraes, sobre os sentimentos, que são como a faculdade superior do affecto. *O sentimento é a razão da natureza emocional.* O postulado de Socrates: “a virtude é a sabedoria”, contém o germen desta verdade psychologica. A base da mais alta virtude humana está na sabedoria da coragem, da moderação e da prudencia, externada na condução, com o equilibrio indefectivel da “eudemonia”...

A *natureza* affectiva é identica, no selvagem e no homem culto das altas sociedades: o selvagem pratica os actos mais cruéis, com uma consciencia limpida, de heroe ou de santo; o civilizado arruína concorrentes, submete familias e sociedades á miseria, dizima povos, nas luctas economicas, na concorrência social e nas guerras. O medico, capaz de morrer de fadiga á cabeceira de um doente, contempla, impassivel, sem uma vibração de sensibilidade, a lenta agonia de populações dizimadas pelo impudismo. O homem começa apenas a praticar a sciencia do sentimento e a arte do amor, em suas relações com os outros seres, com a terra e com seus semelhantes. As verdades da consciencia moral, todos as possuem em abstracto; nem todos as sabem localizar, nas relações da vida concreta.

Grande numero das concepções ligadas aos nossos sentimentos geraes são metaphoricas, hyperbolicas, muitas vezes. A lingua é um serviçal, mas, tambem, um traidor do espirito e do coração; e as fórmulas exaggeradas de expressão dos impulsos moraes defraudam sentimentos verdadeiros, que se tornam figuras acanhadas e constrangidas, nas roupas de suas imagens rhetoricas.

O coração tem as suas proporções e a alma a sua harmonia architectonica.

Sob os vagos nomes, dados, declamatoriamente, ás nossas affeições sociaes, como o de "fraternidade humana", "patriotismo universal", "patria ideal", "familia humana, ou brasileira" — metaphoras que são quasi delirios de linguagem — vemos, de costume, a "sympathia", o impulso de "mutuo auxilio", a "benevolencia", a nobre e pura "caridade", dos catholicos, o "altruismo", eloquente nome da synthese da virtude de Augusto Comte: "viver para outrem", o espirito de "humanidade", que nos unem, enfim, ao nosso semelhante — chinez ou kaffir, da Terra-Nova ou patagão — acima da "amizade" que nos prende ao companheiro e consocio na vida e no trabalho, e de todos os sentimentos reaes, domesticos, patrios e sociaes, que nos ligam ao irmão no sangue, ao compatricio descendente dos mesmos avós,

vizinho no sólo e confrade na lingua, deixando-nos inebriar por estímulos nús de senso e vasíos de naturalidade. Assim tambem a "solidariedade americana", a aífimidade da "raça latina", o espirito, sentimento, interesse, ou caracter "sul-americano".

E se, como sertimentos para com as pessoas e para com os povos, estas hyperboles nada dizem de sincero, porque dizem cousas que excedem das fronteiras do senso, exprimem apenas, nas relações politicas, inadvertencias juvenis do criterio.

A synthese da politica internacional brasileira póde ser resumida nestes breves termos. No continente americano, a identidade da evolução politica e das instituições sociaes impõe a todos os paizes uma politica de paz. Na prosecução desta politica, os Estados Unidos têm direito, por sua posição internacional, pela iniciativa na realização de idéas liberaes communs e pela prioridade no serviço da paz, á direcção do continente; esta approximação póde ser estendida a outras nações, sem, contudo, formar-se partico, ou alliança internacional, cousa incompativel com a propria idéa da paz. A vizinhança impõe-nos criticados de cor-tezia e de prudencia e animo de transacção, nas relações com as nações contiguas; interesses poli-

ticos e economicos podem justificar commercio mais íntimo, ou mais frequente, com algum paiz.

Não ha, assim, razão geographica nem ethnica para qualquer preferéncia, interposta entre o nosso patriotismo e o laço universal de estima humana, que não ganha, nem em effusão nem em calor, com superlativos declamatorios, e para o qual o melhor nome é, provavelmente, o de *hospitalidade* — o nobre e espontaneo impulso de acolhimento e de carinho a estrangeiros, common á pagãos e a christãos, a musulmanos e budhistas, testemunhado nos livros sagrados, nas epopéas e nos códigos de moral e juridicos de todos os povos, que Kant gravou como lema do seu ideal de paz: o ideal da "hospitalidade universal".

Sentimentos ficticios e solidariedades sem base, não servem todas essas convenções, senão para accumular, nas relações da vida real, motivos artificiaes de acção, de que só podem resultar perturbações politicas.

A aspiração de uma unidade internacional americana é uma das fórnas absurdas deste preconceito. A configuração geographica da America, em longa faixa longitudinal, é um imperativo de differenciação, jamais um determinante de unidade.

Interesses particulares á parte, limitados a seu objecto immediato, não ha, assim, nenhum motivo para que se alimente, entre o patriotismo e a hospitalidade humana, outra qualquer affeição, nem para que se conceba a creação, entre a "nação" e a "humanidade", de formações intermedias, ainda que passageiras. No proprio processo de encamihamento para a paz mundial, a intervenção de formações taes como a federação europeá ou americana, envolveria mais perigos que promessas de exito. A organização geral das nações e da indole propria da idéa de paz, e as fórmas intermedias podem complicar, em lugar de favorecer, o seu advento.

As raças de uma nação devem venerar os povos avós de seus filhos, mas este sentimento, como o de qualquer cidadão, individualmente, por este ou por aquelle paiz estrangeiro, não tem expressão pratica, de paiz para paiz: fica no amago das consciencias.

A "nação", dos antigos, e da opinião vulgar, exprime em a combinação de affeições collectivas, em que se juntam vagas reminiscencias de liga gentilica e impressões de auctoridade e de subordinação *patriarchal*, com a esperança do *patrocinio*, confiança no *patronato*, posse de um *património* commum; é a consciencia que clama o ap-

pello á concentração em torno do chefe, nas horas de perigo, e em torno do governo, nos momentos de crise.

É um *estado de consciencia* e um *impulso de instincto*: o chamado *espírito nacional* dos povos, contra as aggressões armadas dos povos inimigos; não é nem um *sentimento*, nem uma *idéa* nem um *principio de acção*.

A forma superior de "nação" não se consolida, senão depois que a sociedade, que envolve a existencia dos individuos, se corporifica com a solidez e a plasticidade precisas para offerecer *base* á segurança e *medium* á prosperidade, na vida commum. É um estado já avançado da formação nacional: obra de seculos de evolução, nos paizes de existencia immemorial; obra politica, para as nações modernas. A mais alta expressão de seu progresso é aquella em que o espirito envolve, na synthese mais ampla, os moveis intimos da solidariedade social, fazendo-a reverter para o futuro, para o interesse da prole.

Com esta feição, a consciencia nacional é completa.

A imagem da *vida* dos individuos, na sociedade, e da actividade dos varios grupos que ella mostra, dá a illusão de que toda "nacionalidade" tem vida, obedecendo ao impulso do seu proprio

dynamismo. A vida nacional não é, entretanto, a *somma* das vidas dos indivíduos, nem a *somma* das actividades das classes e associações, que se agitam em seu territorio; é uma vitalidade especial, inconfundível com a das pessoas e com a dos grupos, naturaes ou artificiaes, em que se divide — revelando-se, sem duvida, nos phenomenos de desenvolvimento, de prosperidade, de progresso, de civilização e cultura, de individuos, familias, classes e associações; mas agindo, sobre a sociedade completa e de permeio ás suas unidades e aos seus multiplos, como um complexo de forças e de valores, que progridem em nivel ascensional, de alcance, e em linha horizontal, no tempo, para o ideal adaptativo.

De degrau em degrau, em marcha para o equilibrio e para a harmonia, dos homens entre si, e dos homens com a Terra; de geração em geração, com a conservação e o desenvolvimento da riqueza e da energia, a civilização crêa, sobre a rusticidade da Terra e sobre a imperfeição humana, o ambiente que accumula e que impulsiona os progressos.

Individuos, grupos, classes, associações, podem agitar-se e prosperar, enriquecer e progredir, sem que a “nação” se desenvolva, á custa mesmo da fortuna, da seiva e das energias nacionaes.

A actividade da massa dos individuos e a de seus agrupamentos não é o elemento dynamico da vida nacional: é o seu elemento statico; não é a sua força progressiva; pôde ser-lhe uma força retrocessiva.

E é este, literalmente, o caso da nossa Patria.

A nossa vida social traduz-se por uma actividade sem producção, numa grande agitação de esforços estereis.

Ha um phenomeno de circulação social (5), semelhante ao da circulação economica. A vida de um povo gravita em torno dos criterios, dos modelos e dos exemplos, exhibidos pelas figuras e pelas classes representativas da sua sociedade. São estas que dictam a pauta dos valores e impulsionam os turnos e evoluções das iniciativas e dos interesses. Monaco é um formidavel centro de vida, agitado entre mesas de jogo; Londres concentra, ainda hoje, por força da pujante organização do seu credito, toda a vida bancaria da Terra. Paris é a capital literaria de mundo pseudo-latino. Em cada país, a vitalidade corre, como um liquido, para o plano dos interesses favorecidos pelos agentes da sua direcção. Ha uma tendencia, em todas as sociedades, para o abandono do tra-

(5) LESTER WARD — *Pure Sociology*.

balho, e para a especulação. Esta tendencia apresenta-se, entre nós, como a fôrma de uma circulação social e economica, não só irregular, mas aleatoria e viciosa. A sorte do brasileiro que confia, ainda, no labor do seu braço e no esforço do seu espirito, é um bilhete de loteria, pendente do arbitrio governamental, de negocios ficticios e de transacções immoraes, que o inflacionismo e erros da nossa orientação economica e da nossa educação social fizeram industrias preferidas, em nossa sociedade.

Fazer fortuna é o programma de todos; vencer, custe o que custar, o lema em prestigio. Como? Por todos os meios, processos e caminhos, aptos para conduzir ao exito. A escolha não é livre. O estalão, uma vez decretado, pela dictadura da *Fortuna*, os espiritos gravitam em torno d'elle. O homem não tem por destino ser heroe, nem ser martyr. Para conservar a integridade do caracter, em sociedades seleccionadas pe'os caprichos do azar, é preciso possuir animo de athleta moral.

A sociedade faz o individuo; o caracter e o valor são, normalmente, determinantes das tendencias, sobre uma caudal de energias; quando ha ordem na sociedade, cada onda é feita do concurso das correntes individuaes; na anarchia, as ondas são feitas dos impetos e dos saltos acrobaticos dos

appetites e das ambições. As personalidades fortes são esmagadas, de encontro á propria fortaleza; as a'imas bem intencionadas, esterilizam-se na amargura e na descrença. Tudo isto, porém, significa apenas uma cousa: a sociedade faz o individuo: não póde produzir individuos uteis uma sociedade que se não acamou em seu leito natural — que não coordenou a sua direcção.

Impressionistas, nós nos dividimos em duas philosophias, ambas estereis, em face desta realidade: um optimismo extasiado com as apparencias da nossa civilização, e um scepticismo destruidor, terrivel de contágio e feroz de intolerancia, contra todo esforço de reacção. Para estes, o mal está na raça e nos individuos, e, isto, tão somente porque, logo adiante dos factos, o que se lhes apresenta aos olhos são as imagens das pessoas.

É' um simples erro de visão dos dados sociaes. O nesso preparo ethico e politico ainda nos não permite perceber que, entre a figura de um homem e seu espirito, entre a vida que elle vae fazendo e suas qualidades, ha um mundo de causas de variação, que se estendem do mais remoto passado até ao momento actual, e sobre o qual se esbatem reflexos e refrações de todas as vidas e de todos os factos que nos cercam. Os instrumentos e as possibilidades sociaes dispõem do futuro; e

o classico Destino, da tragedia grega, pôde ter por veto de Minerva, em sociedades não organizadas, o acaso que, no dia de uma crise politica, cecida, com uma pennada, entre Cesar e João Fernandes, para dirigir a sorte de um povo.

O nosso habito de apreciar os factos politicos e sociaes sob suggestão das emoções moraes, á barra do “juizamento” — fórmula predominante, em nosso espirito, da “consciencia moral” — leva-nos a não vêr os assumptos publicos senão pelo dilemma do bem e do mal, do honesto e do des-honesto; e, no decive desta observação immediata das cousas, a avaiiação do que é publico e social, do que é da conta da opinião: *da res publica*, apagou-se tanto, em nosso criterio, que, nas espheras mais altas da vida publica, os pormenores pessoases e accidentes politicos, quando não actos e factos de todo particulares, sobrelevam a programmas e idéas. De programmas não se cogita senão para effeitos eleitoraes; e de problemas e soluções, não se chegou ainda a cogitar. Estamos, ainda, em assumptos de medicina social, em phase de therapeutica de symptomas. Pouca gente conhece, com exactidão, entre nós, os dados da nossa situação financeira; raros têm noticia dos problemas da nossa economia, para não falar senão de cousas muito superficiaes; não ha, porém, quem se não

emocione com a noticia da ultima desordem occorrida num Estado qualquer, onde o grupo dos "facinoras", que estão no poder, pleiteia a posse de Governo, contra o grupo dos "salvadores", em opposição: e as attitudes de um e de outro lado valem-se reciprocamente, exprimindo, ambas, situações creadas e mantidas sob um mesmo criterio: o da lucta pelas posições.

As lacunas e os erros da nossa vida publica são apenas symptomas do mal profundo da nossa desorganização; são, mesmo, manifestações gravissimas, é certo, de desorganização; mas o facto de as ter em foco, como problema governamental, mostra o estado rudimentar do nosso criterio politico e da nossa capacidade organizadora.

O nosso problema não é um problema de moralidade pessoal: os abusos apontados, em nossa vida publica, nada valem quasi, por muitos e grandes que sejam, em face das perdas colossaes que soffremos, com a nossa inadvertida politica, ou, melhor, com a nossa inteira falta de politica. Quem quer que haja passado pela politica e pela administração publica, em nosso paiz, não pôde deixar de sentir-se embobrecido com a certeza da probidade dos nossos homens publicos e dos nossos funcionarios.

O problema da nossa vida não é o problema do caracter individual, é o problema do caracter nacional; não são penas que temos a impôr, nem moralização, que nos cumpre fazer; a resolução de “concertar” e de “endireitar”, formulas a que se reduzem, em regra, os nossos intuitos reconstructores, é symptoma tão pernicioso, como as immoralidades que condemnamos. São os eternos brados de paixão, de todos os “puritanos” e “incorruptiveis”, em épochas e entre povos revolucionados.

O caracter nacional, a formar, entre nós, não é o caracter dramatico, das obras de regeneração, nem um rigido caracter punitivo; mas um caracter consciante e sereno, capaz da sinceridade de reconhecer, sobre o espelho das nossas flagrantes realidades, que não sabemos nada das cousas da nossa terra, e que temos vivido a pretender executar, sobre este solo unico, um repertorio de theorias exoticas. Tendo caminhado para o oceano, precisamos regressar ao centro: voamos, abandonando a terra, que implorava os nossos cuidados. Quize-mos formar cabeça, antes de possuir um corpo; plantamos sementes importadas, e ainda não sabemos produzir sementes; importamos e cultivamos fructos alheios, abandonando os fructos do nosso clima.

Esta politica de reparação só nos parece impossível, porque, em regra, não concebemos reformas politicas, senão como mutações, instantaneas e integraes, do scenario social. As reformas não se rcalizam como edificações materiaes: iniciam-se com uma "mudança de attitude", em face dos problemas, e proseguem, com um programma politico firme, dentro de uma fórmula constitucional flexivel, que se não limite a esta ou áquella ordem de cousas, a tal ou qual ramo do governo. Não basta encarar dous, vinte, ou cincoenta aspectos da nossa vida social e politica; é mister abranger, na complexidade dos interesses do povo, todas as suas faces, dependentes de factores, proximos ou remotos, directos ou indirectos, que se alternam, succedem-se, interrompem-se, surgem e desaparecem, sem que ninguém possa predeeterminar, com exactidão, os actos certos e as medidas proprias, para cada momento e para cada logar, senão com firme consciencia do fim a alcançar, inteira mestria dos processos, e posse completa dos meios. Tudo mais seria trabalho baldado, que mal mereceria o nome de politica. Nada destruir, *no que tiver rai- zes sociaes*, reconstruindo ao lado e para deante.

Este progresso no character nacional demanda dous esforços, que não chegam a ser sacrificios: repulsa definitiva do habitual desengargo de con-

sciencia e da inextinguivél confiança na magia solutoria do *amanhã* — essa providente divindade que nos cuita dos deveres, azeando-nos com a promessa de todos os dotes e virtudes; e troca definitiva do nosso humor objectante por uma sincera disposição de fazer, ou de deixar fazer.

Os destinos deste povo só não serão determinados pela innocente eandura da sua alma, por seu amor á paz, espirito de tolerancia e sua grande capacidade de trabalho, se o não quizer a geração presente.

Esta geração carece de ter por guia, neste momento, a *moralidade* desta anecdotá historica:

Em uma ceia, prolongada noite adiante, perguntara alguém as horas ao *suíço* de serviço; ao que este, olhando para o relogio, e verificando que era passada a meia noite, respondeu: “Já é amanhã, meus senhores”.

II

Em prol das nossas raças

Somos um dos povos mais sensatos e intelligentes do mundo.

Nenhum brasileiro, que tenha uma vez viajado, deixou de sentir-se alegre ao confrontar o espirito e o character do nosso homem do povo com o do homem de outros paizes.

Sensivel, generoso, nobre, hospitaleiro, probo, trabalhador (6), o homem genuinamente brasileiro, fiel ao nosso espirito e sentimento tradicio-

(6) A idéa vulgar de que o brasileiro é, de natureza, preguiçoso, pertence ao numero dos prejuizos que a observação superficial da nossa indole e dos nossos costumes inspirou ao nosso scepticismo de adocção. O brasileiro é trabalhador e activo como os mais operosos povos do mundo. O trabalho é, no Brasil, em todas as profissões, mais demorado e mais intenso do que na Europa. Quem observou a nossa vida domestica, no tempo em que os costumes nacionaes não tinham tomado a forma cosmopolita de hoje, viu a existencia occupada, a labutação constante da nossa "dona de casa", de homens e mulheres, senhores e famulos, no meio familiar; quem assistiu ao labor assiduo e, por vezes, penoso, de fazendeiros, feitores e aggregados nos tempos em que o nosso

nal, que não deturpou o caracter na confusão cosmopolita das grandes cidades, mostra, logo á primeira vista, no sorriso aberto e na palavra mansa e serena, onde a ociosidade a que foi habituado põe uns laivos de desanimo — a intelligencia viva e aguda, um raro senso da realidade, um engenho curioso e habil.

E é este o povo que ahi vive, tranquillo, com a innocente tranquillidade dos seres que a lucta

trabalho agrícola tinha alguma organização, ainda que atrasada; quem conhece e conhece a actividade dos nossos profissionais das classes liberais: medicos, advogados, magistrados, engenheiros, funcionarios, suportando, com modestia e resignação, encargos e sacrificios extraordinarios, mesquinamente remunerados quasi sempre; quem recorda os habitos e a disciplina do nosso antigo commercio — não pôde ter duvidas sobre a capacidade de trabalho e o amor ao trabalho do nosso homem.

O facto positivo, demonstrado pela observação do estado actual da nossa sociedade, não é o da propensão para a indolencia, mas o de um desequilibrio geral, na educação dos individuos, nas modalidades de sociedade e nas condições da adaptação: falta de preparo do homem, para o trabalho proprio e conveniente; instrucção exclusivamente especulativa e literaria, com a feição superficial do exercicio gollectico, byzantina preocupação de regularidade grammatical e purismo classico; arrobizado atavio da fórma; desorganização do trabalho, destruindo o regimen das grandes propriedades, ou mantendo-o, nas regiões mais prosperas, com o typo menos favoravel ao estímulo, sendo a "fazenda" uma "feitoria" do proprietario, frequentemente ausente, sem amor ao solo nem zelo por sua conservação: esquecimento, emfim, das regras e dos costumes empiricos, que forneciam o saber tecnico, do lavrador europeu, abandonados uns por improprios ao meio, outros desprezados, por inefficazes, em face das alterações physicas da terra.

pela vida não armou nem amedrontou, e que, quando, ao contacto da civilização, nas grandes cidades, veste as roupas que a moda lhe traz de Paris e recebe as idéas correntes nos jornaes, transforma o desanimo em descrença da raça e da patria, e adopta por credo de acção a fórmula negativa da virtude e do patriotismo que consiste em exaggerar e proclamar os nossos defeitos, os nossos vícios, a nossa corrupção, a nossa ignorancia.

E esta attitude intellectual é de echo inconsciente do modo de pensar dominante, até ha pouco tempo, nas letras dos povos de que somos reflexo. O cansaço dos esforços e das luctas da civilização mediterranea fermentou, no longo periodo de inercia que está terminando, no levedo do scepticismo. A actividade victoriosa das civilizações do norte da Europa deixou as sociedades, ainda irrequietas e desordenadas, do meio-dia, sem

Dahi, o estado psychico que a observação ligeira attribue á indolencia; estado de incapacidade pratica e de torpor cerebral, que inhabilita os individuos para a percepção das cousas, dos factos e das idéas, deshabituaudo-os da observação, da experiencia e do raciocinio; estado moral, devido ao conflicto do explorador da terra com os mysterios e surpresas de uma natureza desconhecida e com os obstaculos de uma economia social, em parte anarchica e, em grande parte, contraria aos interesses da produção. A ociosidade dos brasileiros resulta destas causas.

objectivo; e os povos que não andam, ficam, como os individuos paralyzados pela inercia de seu meio, sem sentimentos fortes, sem idéas positivas, sem energia.

Está, talvez, nesta posição do espirito, em face das interrogações praticas da vida, o criterio decisivo da sorte de individuos, nações e sociedades. Em cada periodo historico, dividem-se as gerações em grupos de homens que tendem a dizer: "sim" aos problemas da vida, e grupos que tendem a dizer: "não". Os affirmativos contemplam o futuro com a confiança segura do amor á vida; arrastados pela onda dos factos, vão os outros seguindo o destino anonymo da renuncia, a sentença tacita do sacrificio.

Foi esta lição negativista, levada até um pessimismo absoluto, que nos foi ministrada pelas letras de que nos nutrimos. As gerações modernas dos povos chamados latinos beberam o alcool do romantismo e do realismo: fórmulas revolucionarias do pensamento dos povos nossos mestres, como revolucionaria tem sido a sua vida; e cessa evolução, através de um meio seculo de sonho e de outro de pintura viva das realidades baixas da existencia, resultaram a descrença no ideal e a duvida do progresso.

Emquanto isto, os povos do Norte iam edificando os bastiões da sua força intellectual, estendendo as linhas da sua conquista social e politica. Um dos traços mais interessantes e salientes, que o estudo permite destacar, na amalgama, em estado de balanço critico e de liquidação, do saber humano, é o da poderosa influencia dos phenomenos sociais e economicos e do estado de espirito e dos interesses, resultantes desses phenomenos, sobre a marcha das idéas na sciencia, nas letras e na arte.

Já não é possível, hoje, ao falar de qualquer das categorias do conhecimento humano, arriscar generalizações definitivas. A sciencia vai differenciando, dia a dia, os objectos dos seus estudos, ao ponto de se restringir, quasi, a um conjuncto de methodos e dados de contra-prova: cada phenomeno é a operação de uma multidão de leis; cada facto, o effeito de uma infinidade de causas. Igualmente errados andam, assim, o materialismo historico, quando explica os estados da evolução mental, como puros reflexos dos antecedentes do meio que interessam á vida physica dos individuos, e o idealismo, que os filia a simples conceitos do espirito. Ha, contudo, um asserto que se pôde affirmar, sem temor: ao lado dos descobrimentos realmente e totalmente scientificos, a historia das

idéas encerra uma multidão de verdades e de meias verdades, — productos exclusivos da influencia social, ou onde a influencia social lançou uma dõse, mais ou menos forte, de suggestão, de interesse ou de auctoridade: cousas que se traduzem, todas, por perversões do criterio racional.

A evolução do pensar humano passou, no fim do seculo XVIII, por um periodo caracteristicamente politico: as faculdades do homem, longamente reprimidas pelas velhas instituições despoticas, desabrocharam, numa primavera de idéas sympathicas, liberaes, humanitarias, que fundaram direito de cidade em muitos ramos da sciencia: a democracia, os direitos do homem, o individualismo, a egualdade, o livre cambio — todas as theses desse resurgimento da iniciativa, da vontade e da energia — refluiram sobre os estudos scientificos, inspirando hypotheses, alvitres e soluções.

A este periodo de sympathia e de liberalismo succedem, como era de prevêr, a reacção dos interesses radicados nas velhas correntes historicas. Entre os traços expressivos deste refluxo nenhum se destaca com eloquencia mais vigorosa do que a lucta contra o principio, ou contra o ideal, da egualdade humana. Principio e ideal presuppõem a identidade morphologica do organismo hu-

mano, em todas as secções da especie, um mesmo nivel de possibilidades progressivas, de poderes de aquisição.

Para legitimar a reacção dos impulsos da força, da auctoridade, das supremacias privilegiadas, impunha-se derruir o principio tutelar das aspirações contrarias; e, pois que a época era de renascimento scientifico, e o argumento scientifico trazia uma arma nova, de tremendos effeitos, a reacção vestiu roupagens scientificas, apoiando seus preceitos com todos os apparatus da observação e da experiencia. A feição nova da "volonté de puissance" tinha forjado o seu arsenal de combate.

Não se poderia achar prova mais clara da natureza politica deste movimento, do que a que mostram a semelhança e simultaneidade das diversas doutrinas aristocraticas, predominantes na sciencia social. Gobineau e Malthus, Vacler de Lapouge, certas filiações politicas e sociaes do darwinismo, Nietzsche, surgiram, de origens e de fontes diversas, quasi na mesma geração, chegando, por methodos todos scientificos, á mesma conclusão: a affirmação da superioridade morphologica, irreductivel, de certas raças e certos povos.

Este periodo é justamente aquelle em que a idéa da egualdade humana, já assentada no ter-

reno politico, ia avançando, com a instrucção dos trabalhadores e o augmento do proletariado urbano, para o terreno economico, exigindo a extincção dos monopolios e das vantagens sociais das classes privilegiadas, e em que a expansão colonizadora dos tempos modernos começava a operar o encontro das nações cultas com as raças menos adiantadas. Chefes superiores e raças colonizadoras pediram titulos á sciencia, para os direitos da hierarchia e da subordinação.

Mas a curiosidade e o interesse da sciencia não se contentaram com a promulgação de taes decretos; sem contar com os protestos de sabios de tendencias theologicas e metaphysicas, os novos horizontes, alertos ao estado, lançaram sobre a historia da civilização uma luz, que remetteu para o segundo plano, na chronologia, a civilização das raças brancas e louras da Europa. Os trabalhos dos egyptologos já haviam desvendado uma civilização, anterior á hellenica, rica em descobrimentos e investigações, arrojava e perita nas construcções da arte monumental, relativamente apurada, no lavor e no desenho das artes plasticas, de profunda e mystica imaginação religiosa e de nobre e delicada sensibilidade moral. Esta raça era uma raça trigueira, se não escura. As probabilidades de sua origem, asiatica ou africana, ex-

cluem qualquer filiação á estirpe dos homens do centro e do norte da Europa. Mas, quando os alviões dos operarios de Schliemann e de Evans exhumaram as ruinas de Mycenae e de Creta, pondo a descoberto os paços reais das civilizações egea e minoana — cidade muito anterior ás invasões do norte e obra evidente de povos das raças morenas do Mediterraneo — todo o edificio da superioridade ariana, ou teutonica, ruia por terra, com a demonstração irrefragavel de que as fontes da nossa civilização brotaram de cerebros de homens do Mediterraneo, quasi, certamente, da margem sul do Mediterraneo.

Esta prova bastaria para aniquilar a pretensão de superioridade das raças louras, ou antes, da raça loura teutonica, pois que, dentre os proprios louros, alguns — a immensa massa dos brachycephalos do centro da Europa, por exemplo — são repellidos pelos grandes eleitores da sciencia seleccionista; mas a sciencia, proseguindo em suas indagações, chegar á conclusão de que, ao lado das diversidades physicas, verificadas na estrutura humana, nada, absolutamente nada, autoriza a affirmação de uma desigualdade radical, na constituição cerebral, em seu funcionamento, em seu poder de desenvolvimento. A relação en-

tre os caracteres *physicos* e os caracteres *psychicos* jamais se conseguiu affirmar com dados definitivos e irrefutaveis. Recentes investigações, do mais illustre, talvez, dos anthropologistas americanos, o Sr. Boas, demonstraram que os caracteres somaticos de uma raça alteram-se, notavelmente, de uma geração para outra, com a simples mudança para um meio novo.

São caracteres que nas mensurações anthropometricas e comparações anthropologicas se tinha conseguido distinguir e classificar com rigor. Ficou demonstrado que, a respeito destes caracteres, ligados habitualmente á capacidade psychica do homem, o *typo* da raça não é um *typo* definitivamente fixado. A propria *côr*, quasi irreductivel entre os extremos, cede á acção do ambiente, mas a *côr* não foi jamais relacionada com os caracteres *psychicos*.

Antes já de Boas, Ratzel, uma das maiores auctoridades contemporaneas em assumptos de *ethnographia*, havia escripto esta sentença: "A raça, como tal, nada tem que ver com a civilização. Seria insensato negar que, em nosso tempo, a mais alta civilização tem estado nas mãos das raças brancas ou caucasicas; é facto, porém, igualmente importante, por outro lado, que, por milhares de annos, em todos os movimentos civilizado-

res, houve uma tendencia para levantar todas as raças á altura de seus encargos e deveres, realizando-se, por esta fórma, a grande concepção da Humanidade, concepção proclamada como um attributo distinctivo da sociedade moderna, mas de cuja realização muitos duvidam ainda. Lançemos, porém, o nosso olhar para adiante do breve e estreito curso de acontecimentos a que chamamos arrogantemente Historia da Terra, e teremos de reconhecer que membros de todas as raças trouxeram contribuições á historia que se estende além deste limite: a historia das éras primevas e prehistoricas". A posição relativa, a hierarchia das raças, nas diversas épocas, é um simples phenomeno da evolução social; não é um facto anatomico, nem physiologico: eis a conclusão deste trecho.

Mas a sciencia reservava para a idéa da egualdade fundamental da especie humana victoria ainda mais completa.

A obra possante de Gobineau, o genial advogado das pretensões da sua nobre estirpe; dos Vacher de Lapouge e dos Amnon, figuras menos illustres do mesmo scientismo tendencioso, aristocrata bretão, aquelle, e procurador officioso do imperialismo germanico, este ultimo; as visões delirantes, sobre o passado hellenico, de Nietzsche,

genio metaphysico desvairado pela grandeza theatral de uma idade-agitada e forte, que a poesia tornou heroica, contemplada, através da sua imaginação épica e com uma cultura toda philologica, sem nenhum senso da realidade historica, — eram muito para a dialectica e dispunham de immensa auctoridade, porém não davam á theoria a pedra fundamental de um monumento persistente.

Esta base foi achada por alguns dos discipulos de Darwin. Exaggerando o factor da lucta pela vida na selecção-natural, o grande philospho naturalista attenuara a eficiencia deste factor, na selecção social, e, logico com a sua concepção do transformismo, admittira a transmissão hereditaria dos caracteres adquiridos pelo individuo: — caracteres que, formados em cada individuo, primeiro, pela lucta pela vida e, depois, pelos factores accessorios da adaptação, da selecção sexual, etc., realizavam a sobrevivencia dos mais aptos, e, transmittidos por herança, iam fixando e aperfeiçoando a especie, até que a influencia de phenomenos diferenciadores viesse operar a caracterização de especies novas.

A esta theoria adherem, francamente, seu émulo, o descobridor contemporaneo do transformismo e da selecção natural, A. R. Wallace, — Bates, Bateson, todos os representantes inglezes

da ortodoxia darwinista. A doutrina da variação das espécies, por saltos ou mutações, de Hugo de Vries, não era contrária ás idéas fundamentais da perfectibilidade dos caracteres das raças, transmitidos individualmente, assim como não o eram as theorias da variação e da herança, de Mendel.

Tal era o pensamento dominante na sciencia quando a historia das idéas começou a testemunhar este caso expressivo. O professor Augusto Weissmann, sabio allemão, medico e um archiduque austriaco até certa época da sua vida, cathedratico, depois, em Friburg, tendo feito, em começo da sua carreira, estudos de biologia e, mais especialmente, de zoologia, surgiu, em 1889, com a sua theoria do plasma germinal, que importando inteira separação e independencia, nos organismos, do plasma germinal e do plasma somatico, acarretava as conclusões da distincção irreductivel entre as raças e da intransmissibilidade dos caracteres individuaes.

Coincidindo com o apparecimento deste estudo, um outro sabio allemão, o anthropologista O. Ammon, publica, em 1890, o livro *Seleccões Sociaes*, vehemente apologia da superioridade da raça teutonica, onde se prégam, com honrosa e ingenua franqueza, os direitos de expansão e de dominação da raça teutonica, o imperialismo do novo

povo eleito, fundado em sua definitiva e absoluta superioridade physica e mental. Alliando ao systema das suas conclusões anthropologicas a theoria de Weissmann, funda Ammon sobre esse acervo de idéas uma sciencia de conclusões sociais praticas, em que se affirma e sustenta, além da superioridade das aristocracias hereditarias, a força e energia germanicas, o seu direito de submeter as raças e nacionalidades inferiores, a necessidade de estender o poder colonial da Alemanha, de argumentar a sua força naval, de ampliar o seu commercio e a sua colonização nos paizes novos, mantendo e desenvolvendo as relações commerciacs por intermedio dos allemães estabelecidos no estrangeiro, e a fidelidade destes á Patria, á lei, aos costumes nacionaes e ao "Kaiser".

E — quereis ver como o movel da propaganda e da acção politica transparece numa clara confissão? —: o sabio professor, um espirito seguro e pratico, de raciocinio cauto e terra a terra, um desses discipulos extremados na fidelidade, que ensinam apenas bordejari á margem das idéas dos mestres: transformista, darwinista e materialista, que liga, irrevogavelmente, a natureza e a sorte, moral e intellectual, da especie humana á natureza do plasma germinal, abre um parenthesis, em certo ponto de seu livro, para salvar a Theologia da submersão

em que arremessa todas as doutrinas espiritualistas, por amor ao direito divino dos monarchas.

Este esforço scientifico, que termina com a gestação de duas sciencias basicas do imperialismo, coincide com a terminação do governo de Bismarck; com o periodo da organização legislativa, financeira e social da Alemanha unida; com o auge das luctas do "Kulturkampf", por um lado, e da legislação anti-socialista, por outro; com o inicio dos choques e das oscillações do Imperio, em sua experiencia pratica — ponto de partida da expansão colonial e do poderio naval germanicos. Para apoiar a "politica pratica", defendida pela "mão de ferro", fundava-se a "sciencia pratica" — sacrario das idéas que deviam impelir a força e fundar a gloria da "Deutschland über alles", por oceanos e continentes.

Pois bem, se o balão de ensaio de Ammon malogrou, a theoria de Weissmann, depois de todos os elasterios e hypotheses, que seu autor lhe foi concedendo, para refutar objecções, está terminantemente condemnada. Os modernos estudos scientificos fizeram a demonstração de que não ha distincção *essencial* entre o plasma germinal e o plasma somatico, e que não é possibile explicar a

evolução organica sem admittir a transmissibilidade dos caracteres adquiridos (7).

A doutrina da desigualdade das raças perdeu, assim, todos os pontos de apoio, em todas as regiões da sciencia. Cumpre, porém, não esquecer que, se esta doutrina não conta mais com a mesma auctoridade scientifica, nem, talvez, com igual força politica, mesmo na propria Alemanha. — ella inspira uma forte corrente de opinião e de interesses nesse paiz, como em todos os que podem nutrir ambição imperialista, allegando titulos de superioridade ethnica.

Ha, contudo, um paiz — e a minha penna propende aqui a empregar um estylo de conto de fadas — em que essa theoria teve toda a força e auctoridade do mundo intellectual, com o sello da Academia, a rubrica das congregações, a adhesão dos Governos, o assentimento do povo. Este paiz é o que possui a população mais mesclada do mundo; é um paiz onde, não só a mistura de typos de quasi todas as raças, como innumerables casos de miscegenação, cruzados entre varias estirpes, mostram todos os matizes da côr e todos os modelos do aspecto, da gamma ethnica; e a parte mais “nobre”

(7) P. КРОПОТКИН — *Inheritance of Acquired Characters*, Nineteenth Century and After.

do povo, afóra pequena parcella de sangue germanico, ainda não estudada, é formada por gente das raças tidas por inferiores e riuos puras da Europa.

Tão singular abnegação seria uma interessante virtude, muito decorativa, para o nosso romantico césinteresse, se não exprixisse curiosidade mais rara. "Somos o povo mais sensato e intelligente do mundo", é a primeira phrase deste estudo, mas este povo, intelligente e sensato, foi destinado, por uma serie de accos da Historia, a ser orientado, sobre o oceano infinito das idéas, por uma das mais bizarras direcções de que ha exemplo.

Este paiz virgem, tão apto a inspirar impulsos de iniciativa, de coragem e de trabalho, colonizado por uma raça viril, auctora de uma grande obra propria, no conjuncto da civilização, apesar da estreiteza do seu territorio, da sua escassa população e do curto periodo em que os embates de forças mais poderosas lhe permitiram crescer e dilatar-se, de uma cultura original e alta quanto possivel para um pequeno povo oriundo de barbaros e de cançadas baixas da civilização romana, este paiz novo teve por sorte realizar, por effeito do contraste entre a evolução do pensamento que lhe serviu de modelo e a da sua vida e de seus pro-

blemas, uma historia de conflictos entre as idéas decadentes que ia recebendo e os impulsos de uma terra e de uma gente que tendiam a crescer.

O influxo que animou a vida mental do Brasil nasceu da calmaria das instituições, das leis e dos costumes de Portugal em declínio, com intermitencias de rajadas revolucionarias, de aragens romanticas e de hafejos scepticos, do espirito francez até á terceira Republica; nosso genio podia produzir, e de facto produziu, exemplares superiores de capacidade e de illustração, typos notavelmente dotados; nunca, porém, espiritos dirigidos para os trabalhos pacientes da observação, caracteres intellectuaes animados desse ardor de descobrimento e de applicação, que assignala as almas confiantes e optimistas, e as intelligencias adestradas no exercicio do pensamento sobre os factos da experiencia.

Ao convite de trabalho que a natureza nos dirigia e ao brado de animação e de coragem, que ella clamava, nós respondemos, installando, no grandioso e no interminio da nossa superficie, a civilização em miniatura das instituições portuguezas e a voluptuosidade preguiçosa, ou a rebeldia exaltada, das letras francezas, em estado de ebulição, de reforma e de duvida.

Compreende-se, assim, que Nietzsche, os Vacher de Lapouge e os Gobineau fossem pontífices entre nós. Porque esses idolatras do hellenismo e bardos posthumos do feudalismo proferiram a condenação de toda a gente que não traz maçoixas louras nas cabeças e não teve avós commun-gando nas aras de Thor ou de Lorki, os apóstolos da nossa fé nacional, mestres de patriotismo de nossos filhos, conselleiros do nosso povo — tão forte, apesar da incuria da sua hygiene, da sua pessima alimentação e do esmeramento alcoolico, a que o deixam entregar-se: de rara media de sanidade mental; onde houve e ha valores e primores de capacidade, de genio artistico e de energia — apregoam, todos os dias, nos jornaes, em manifestos, nos livros philosophicos, nos discursos academicos, a degenerescencia, o amiquilamento, a corrupção insanavel do nosso sangue e do nosso espirito!

Todas as blandicias e todos os hymnos são reservados para o culto mythico de uma Patria abstracta, que não é a do povo e do territorio.

A fidelidade ao sangue, ao laço tribal, o zelo pelo *totem* gentilico, precede a todos os outros sentimentos sociais do homem. Tão írtima, tão profunda, tão organica é a sua força — que se não tem a virtualidade dramatica da *voz do sangue*,

possuiu sempre o poder de reunir as primeiras hordas, ignorantes ainda do mysterio physiologico da reproducção, em torno do instincto filial materno — que se lhe firma, através de todas as vicissitudes e peripecias da Historia, como a força permanente, o impulso vivaz das energias e dos sentimentos collectivos.

Esta bella noção affectiva da Patria, que mostra, nas migrações de selvagens e de barbaros, como um astro orientador, a terra ignorada e formosa, onde se occulta a promessa do reino de Javeli para o goso e alegria da mulher e dos filhos arrastados pelos areaes dos desertos, e que marca, para os povos sedentarios, na curva azul do ceo mystico que illuminou os senhos dos antepassados e que fulge aos olhos ardentes da prole, o ideal de um futuro de bençãos; essa noção da patria viva, da patria do irmão, da patria do sangue, da patria dos paes, da patria dos filhos, não é o symbolo do patriotismo brasileiro, a imagem do nosso zêlo pela comunidade nacional. Nós não exprimimos o interesse pela conservação nacional, senão com a fórmula dramatica do culto da bandeira e do ardor militar.

E é este desprendimento da communhão physica do sangue, de zêlo pelos thesouros accumulados, na herança moral, durante seculos de luctas

e décadas de trabalho em commum, por affectos, sympathias e reflexos de amor e de apoio, que inspira o aberrante symbolo de Chanaan (8), para imagem do nosso ideal patriótico, como se essa imagem não envolvesse, para a nossa dignidade e para os nossos interesses, o sarcasmo de que seremos os chanaanitas da tragedia gravada nesse symbolo, — o povo condemnado ao exilio, nos areas do deserto, ou á submissão perpetua sob o jugo do conquistador favorecido pelo poder mysterioso de qualquer das providencias positivas da nossa era.

Não é, não pôde ser este o symbolo ideal da nossa nacionalidade. Este symbolo deve ser mais humano e mais breve: não pôde conter um voto de renuncia, a accettazione do sacrificio. O symbolo de nosso ideal deve traduzir o parallelismo entre a vastidão do nosso territorio e a vastidão da nossa hospitalidade, entre a ambição que temos, como homens, e a ambição que respeitamos, nos outros homens; a consciencia dos direitos dos nos-

(8) Quando publicava no *Jornal do Commercio* esta parte deste estudo trazia por titulo o nome tradicional da Terra da Promissão.

Não foi a lembrança do titulo do admiravel romance de Graça Aranha, nem uma interpretação do seu pensamento em sentido desfavoravel ao valor das nossas raças, que suggeriu o titulo do artigo.

sos semelhantes, como medida dos nossos direitos; a aspiração de receber, em troca do asylo que damos, e do coração que abrimos, a todos os forasteiros, a mão estendida para as permutas leaes, sentindo a pulsação do mesmo sentimento que mostramos nas linhas dos nossos sorrisos e em nossos gestos.

Não é isto que se está fazendo no Brasil. O povo brasileiro precisa, como os estrangeiros que aqui aportam, antes mesmo destes, ser "immigrado" á posse da sua terra e ao gozo de seus bens.

Em discurso que pronunciei em Petropolis, como paranympo de normalistas que recebiam o grau, usei de uma imagem, para definir a natureza da civilização que deve florescer em nossa terra, em que a figurava como a inversão do mytho de Babel: o regresso de povos, dispersos pela terra, ao solo de uma pátria, formada sobre a base generosa e pratica do amor ao homem e do amor á vida. Esta imagem, verifiquei-o depois, havia sido antecipada por um dos grandes apóstolos da Igreja Catholica. Porco importa, ella tem o curho de uma grande aspiração, traz o indice de nossos destinos: é um emblema que pôde servir aos nossos poetas como aos nossos estadistas.

Para estes, a grande obra a realizar é a organização nacional; e para esta obra, uma das nos-

sas melhores razões de confiança está nas próprias forças das nossas raças.

O objecto da lucta de hoje é inconfundivelmente claro; resume os dous problemas capitaes dos nossos dias: o direito dos *fortes* de fazer a policia do mundo, para garantir a civilização; o da egualdade moral e intellectual das raças.

Os *fortes* são as potencias militares; a raça superior é, no entender dos imperialistas, uma só: a dos brancos puros do Norte da Europa, os *dolicocephalos* louros de olhos azues e grande estatura, descendentes legitimos e impollutos do nobre povo indo-europeu, da casta semi-divina dos *Aryas*. . .

Não é uma metaphora: é a simples posição do problema, como o collocam os imperialistas; e não ha illusão possivel sobre a verdade apparente e manifesta da doutrina. Quaes são as nações cultas, os focos da civilização, em todas as suas faces, serão os proprios paizes que representam a força milita? São elles os portadores das luzes da nossa éra, foram delles as civilizações de Roma e da Grecia. Depositarios do espolio da cultura humana, herdeiros do melhor de seu sangue, fortes — pela disciplina, pelas instituições e pelo poder militar, — quem com elles competirá na

direcção do mundo, na superintendencia do progresso?

Não é, contudo, felizmente, esta a opinião de todos os homens privilegiados com a herança do "aristoi" aryo-iraniano. Ha, por essas regiões temperadas e frias da Europa e nas terras colonizadas pelos seus, outro modo de comprehender as vantagens relativas de uma raça que representa a florescencia de um longo periodo da Historia. Estes sabem attigir, no vasto e complexo phenomeno da selecção, toda a extensão dos factos da adaptação e da lucta; vêem que, ao lado dos documentos anthropologicos, das mensurações e dos confrontos craneometricos, uma immensa collecção de caracteres sociaes e psychicos demonstra á evidencia que o dolicocephalo louro não é nem o typo superior, nem o typo mais forte da especie, mas, unicamente, o typo victorioso nas regiões do norte da Europa e nos climas eguaes, porque é o herdeiro do homem primitivo dessas zonas.

Mas essa raça tende a perder a vantagem da sua antiga posição, e os seleccionistas de logica metrica consignam e lamentam, aliás erroneamente, o triste phenomeno. Porque essa tendencia? Porque as selecções da nossa éra não se fazem mais sob a pressão rigorosa dos climas e das forças phisicas da natureza, de costumes toscos e de

luctas violentas: operam-se através de gerações que de ha muito caminham, submettendo os meios phisicos ás modificações da vontade, da sciencia, da arte — suavizando os processos da acção social. O typo phisico, que já não encontra as mesmas condições materiaes em que se elaborou, degenera, ao calor das habitações, nos habitos de conforto, entre a multidão de cidadãos com que a sociedade e a civilização vão protegendo a sua nova creatura: o animal desembaratado, a figura apurada, de homem moderno.

Por isso, os homens das outras raças, como os das regiões mediterraneas, de que somos, em grande parte, herdeiros, mais affeitos ao calor, mais ageis, mais nervosos, entram para a concorrência, com a vivacidade, a ductilidade, a imaginação, a rapida percepção e a decisão prompta, mais proprios para as lutas intensas, os esforços, rapidos e fulgurantes da intelligencia e do caracter, em nossa éra.

A adaptação phisica e a social são o modelador ethnico do homem. E' preciso haver, de todo, extraviado o espirito no labyrintho dos pormenores morphologicos, das confrontações dos esqueletos do homem moderno com os dos primevos, para não perceber a evidencia que resulta do sim-

ples e elementar confronto do homem primitivo com o selvagem de hoje e com o arya, do arya com o negro ou com o índio civilizado, do negro ou o índio civilizado com o branco civilizado, de uma uniforme aptidão para receber costumes, sentimentos e idéas: para não ver que, por toda a parte, o individuo civilizado é o mesmo, no moral e na intelligencia; que o homem primitivo, tendo evoluído em diversas direcções, a civilização o conduz para o mesmo nivel de aperfeiçoamento.

Nascida ás margens do Mediterraneo, a civilização teve inicio, como vimos, com uma raça que ninguem confundiu ainda com o heroico privilegiado do Norte: os egypcios; passou por povos, inteiramente eliminados do seio dos filhos dos deuses: os semitas; floresceu e floresce em regiões jamais perlustradas pelo pé do aryas: as dos povos, de origens mongolicas e polynesicas, da China e do Japão. Só com argumentos um tanto hyperbolicos se poderia sustentar que as raizes aryas do grego e das linguas latinas correspondem com exactidão aos globulos de sangue da maioria de quantos povos inundaram as duas peninsulas das civilizações classicas; só olhos realmente prevenidos podem recusar, na Europa, a finlandezes, magyares e outros descendentes de invasores amarellos — aptidão para a civilização e para a cultura.

Em nessa população mixta o grupo de origem allemã representa parcella reduzida; o sangue hollandez do norte diluiu-se nos cruzamentos; á maioria latino-celtibera, ligeiramente tinta de germanico e um pouco mais de mouro, juntam-se uma boa fracção africana, outra indigena, e muitos cruzamentos.

É esta a patria pela qual temos de lutar. É a patria de nossos paes, a patria de nossos filhos. Se fossemos fieis de algum mytho cosmico, poderiamos prender nossos affectos e esperanças ao esqueleto territorial da Patria e... "laissez faire, laissez aller, laissez passer", certos de que a *Providencia*, ou a *Evolução*, viria trazer-nos, mais cedo ou mais tarde, para vestir os ossos nús da terra natal, a carne pura e o sangue rico do arya. Se nos deixassemos dirigir por qualquer adoração mystica, confiaríamos á fé symbolica, ou magica, na bandeira, ou no hymno nacional, a missão de preserever nossos destinos e dispôr de nosso futuro. Mas nós somos um povo intelligente e sensato como porcos: podemos confiar ás qualidades que honraram os proceres da nossa Historia e distinguem a nossa geração a missão de defender, preservar e melhorar um trecho da Terra e uma sociedade, que representam, justamente pelos caracteres de sua formação, o typo mais aproxima-

do da sociedade ideal no futuro de civilização e de cultura humana, que iniciamos.

Para tanto é mister que, ao lado da confiança em nossas forças e da fé em nosso futuro, tenhamos a consciencia precisa das difficuldades que vamos enfrentar, a coragem de affirmar o nosso character, de proclamar, com honra, a nossa origem e a nossa indole; que não pactuemos com os nossos émulos e com os nossos perigos, illudindo-nos, suppondo illudir os outros. A illusão, neste caso, seria um triplo erro: não enganaria a ninguem, de fóra; enganar-nos-ia, creando uma esperanza vã e desnecessaria; impedir-nos-ia de seguir, na organização da nossa vida e na politica internacional, a direcção que os factos nos impõem.

O problema das raças, como problema de selecção social, é materia julgada pela nossa experiencia e pela experiencia de outros. Nós sabemos, porque o temos verificado em cinco seculos de vida, que as diversas variedades humanas, habitantes de nosso solo, são capazes de attingir o mais alto grau de aperfeicoamento moral e intellectual alcançado por qualquer outra raça. Sabemos que a sua adaptação ao meio produz uma vitalidade e uma média de longevidade e de fecundidade, melhores que as de raças tidas por superiores. Podemos affirmar que o negro puro e o indio puro

são susceptíveis de se elevarem á mais alta cultura. Sem recorrer a estatísticas, lembrando apenas nomes próprios, veríamos facilmente que, para o numero de brasileiros negros e índios, que têm conseguido vencer as difficuldades sociaes e economicas da educação, os homens de valor representam uma boa proporção. Quanto ao mulato, o mesmo processo nos levará a conclusão ainda mais segura: os typos de mestiços de alta intelligencia e elevado character moral são communs no Brasil.

Ha aqui, como em toda parte, um preconceito contra o mulato do povo; mas este preconceito resulta, antes, do facto que eu chamarei de "mestiçagem social", do que da "mestiçagem ethnica". O mulato occupa um lugar intermedio entre duas camadas da sociedade; elevado acima do meio dos pretos, não encontra apoio para se incorporar aos brancos; e fica, assim, desclassificado entre nobres e "parias", desprezado por uns e invejado pelos outros. Do facto social resulta a disposição psychica que caracteriza o typo ambiguo e instavel do mulato das ruas. A cordura da alma brasileira vae destruindo estas distincções.

Do colono allemão nada é preciso dizer. Elle se recommenda pelos proprios e merecidos titulos que, exaggerados e indevidamente applicados, dão

argumento á critica superficial contra as nossas outras raças. Mas o case do allemão brasileiro é mais uma prova da fallencia da doutrina da superioridade das raças. A colonização allemã, no territorio fluminense, deu os mais expressivos resultados. Mal escolhidas as regiões colonizadas, que, pela altitude e suavidade do clima, se afiguravam mais convenientes á adaptação, os allemães installados em Friburgo e Petropolis prosperaram, como prosperaram portuguezes, explorando industrias e profissões urbanas, proprias das cidades de villegiatura; os que se deixaram ficar no campo mantiveram-se estacionarios ou decahiram, na penuria da lucta contra uma terra ingrata, quasi inapta para as pequenas culturas, subsidiarias da vida local; os que, descendo as encostas das terras, vieram para as regiões caíceiras, prosperaram, tal como os portuguezes vizinhos e seus descendentes. Mas como os descendentes de portuguezes, os filhos e netos de allemães seguem o mesmo destino de afastamento do campo e do trabalho, esterilizam-se nas cidades, arruinam-se, perdem estímulos e energias; e os que permanecem na lavoura soffrem a mesma influencia da deterioração da terra e das difficuldades sociaes e economicas da cultura.

Da mesma fôrma, nas colonias allemãs do sul, a prosperidade da primeira geração estabelecida, e, em parte, a dos primeiros descendentes, é fructo de uma especie de cultura artificial: a colonia officia' é uma estufa de cultura humana, onde a natureza da terra, melhor escolhida, e a conservação de costumes, tradições e, até, da lingua de origem, favorecem a resistencia dos centros coloniaes. Já as gerações seguintes, perdendo o typo patriarchal da localidade, confundindo-se na vida e no espirito ambiente, esquecem os habitos sedentarios, o amor ao tranquillo bem-estar da pequena industria ou das lavouras, lançam as vistas para as ambições, mais faceis e mais promettedoras, do commercio, da especulação, da politica. A terceira geração de colonos allemães é, pode-se assim dizer, conquistada pela seducção de formas promptas, de carreiras faceis e de vida ociosa, que caracteriza os povos novos sem regimen economico organizado e sem educação social.

Mais do que o allemão, porque não se estabeleceram em colonias, o italiano, o portuguez e o hespanhol, de recente immigração, tendem para as cidades, para o commercio, para as vendas, espalhadas nas encruzilhadas das estradas e nas povoações, para as especulações, para a conquista da fortuna, a todo o custo e por todos os meios. Dos

que trabalham nas fazendas de café, alguns alimentam o fluxo e refluxo, de migração periódica, entre a metropole e o nosso paiz, entre o Brasil e a Republica Argentina, onde preferem fixar-se. Dos que ficam na lavoura, como meeiros, ou como proprietarios de pequenos sitios, os filhos são, apenas, mais assiduos ao trabalho do que os filhos dos negros e dos antigos aggregados das fazendas; nada mais ficam sabendo, contudo, de agricultura, do que as noções rudimentares, adquiridas por habito de plantação, limpa e colheita nos cafesaes, de cultura extensiva do milho e do feijão, do tratamento, aos azares do tempo e á sorte dos climas e das molestias, do cavallo de sella — o grande luxo de todo roceiro que se preza —, do porco, da gallinha e do burro de carga. Tudo isto, aliás, sem a mais vaga noticia da utilidade do amanhã da terra ou da necessidade da irrigação, por exemplo.

Quanto ao portuguez, que a nossa ironia nos habituou a ver como um typo bisenho, — figura de facto extravagante e bizarra, por força do contraste que resulta do singular estabelecimento do homem do campo europeu, analfabeto e rude, no commercio e nas industrias urbanas — nenhuma raça deu jamais melhores provas de energia, de

intelligencia e de coragem nos mais arrojados empreendimentos; poucas se lhe avantajaram na cultura e na producção litteraria, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sobrio, mais trabalhador, mais honesto, de mais candida alma e sensibilidade moral mais delicada. A ascendencia portugueza é uma honra para o Brasil; e se aquelle nobre povo, apertado em sua estreita faixa de terra, que as portas abertas para o oceano punham ao alcance de todas as cobiças, e de todas as oppressões e que émulo e vizinhos do continente ameaçavam constantemente, e submettido a governos acabrunhados pelos cuidados da conservação da independencia e da liberdade material, estacionou, num typo relativamente inculto, não se poderia encontrar melhor prova do vigor e da intelligencia pratica de uma raça, do que o exito no Brasil desses mesmos rudes colonos, transformados, sob a excitação da ambição e graças aos mais largos horizontes da sua nova sociedade de humildes e avaros camponios, em chefes e directores de grandes casas de commercio, de bancos e de fabricas. Analphabetos, quasi, estes homens mostram, entretanto, excepcional capacidade organizadora e administrativa.

Não temos senão motivos, assim, para confiar na energia e na capacidade das nossas raças.

Ao factor moral da confiança cumpre juntar, contudo, outros, mais importantes, que devem visar a solução dos nossos mais serios problemas: a consolidação do caracter do povo, pela educação; a defesa da sua economia physica, pela alimentação e pela hygiene pessoal, domestica e publica; a defesa da sua economia social, pela politica economica. A causa principal do exito de quasi todo immigrante nos paizes novos é o estímulo da esperança de fortuna sobre terras ricas, promettedoras e ferteis: é um phenomeno, verificado, de psychologia social, na historia das migrações. É preciso que a nossa sociedade mantenha, nos herdeiros, e estimule, nos indigenas e nos descendentes desses colonos forçados que foram os escravos, a mesma ambição laboriosa.

Acceptando e reconhecendo, franca e corajosamente, a nossa posição no quadro ethnographico do globo, nada teremos a perder: ficaremos em plano intermedio, na escala convencional das raças, — acima de metade, talvez, do genero humano: teremos tudo a ganhar com a consciencia e com o estudo do nosso real problema ethnico.

O homem, no dizer de todas as doutrinas monogenistas, religiosas ou scientificas, nasceu entre os tropicos; o clima de seu berço é, necessariamente,

te, o melhor dos climas; as nossas terras offerecem regiões de adaptação para todas as raças: numa concurrencia pacifica, os representantes das raças adeantadas contam com as vantagens da educação, do preparo pratico: os filhos dos brancos acclimados, dos pretos e dos indios, com a de uma adaptação mais antiga; supprindo a aptidão dos ultimos, mantendo com firmeza os meios de desenvolvimento, mental e physico, de todos, deixemos que a selecção faça a sua obra, dando a cada um seu lugar proprio na trama complexa da actividade social.

No estado actual dos povos, não vejo motivo para que nos inquietemos com o problema das raças, tanto que o não perturbe uma proposital ou irreflectida agitação politica. Salvo raras populações do extremo norte da Europa, que conservam pura uma das variedades da raça branca, todas incorrem na condemnação dos seleccionistas intransigentes: são raças mestiças; e a nossa não deve estar abaixo da média dos povos do sul da Europa. Descontando os exaggeros desta doutrina, e apoiando-nos sobre a nossa propria experiencia e observação, teremos, então, de resolver o problema, no ponto de vista da difficuldade que elle apresenta, em face da sciencia, para os effeitos do aperfeiçoamento futuro.

A these mais delicada é a dos cruzamentos. Debate dos mais renhidos na Heredologia apresenta duas questões interessantes para a formação ethnica dos paizes novos: a da fecundidade das uniões de individuos de raças distinctas, e dos productos destas uniões, uns com os outros, ou com individuos das raças mães; e a da harmonia e equilibrio dos caracteres dos paes, nos descendentes hybridos e mestiços.

O conhecimento do assumpto é ainda incompleto. As theorias, divergentes, oppõem-se radicalmente; e os trabalhos mais recentes, de Anthropologia e de Ethnologia consignam a falta, que eu havia de ha muito sentido, de estatisticas e observações, scientificamente baseadas para auctorizar conclusões sérias.

A nossa pobre especie, conduzida, pela imaginação de seus apóstolos, de seus philosophos, de seus creadores de systemas sociaes, politicos e moraes, nas mais extravagantes aventuras, ás luctas que a vieram arrastando, aos saltos, entre o reino da phantasia e as realidades da vida, não conhece ainda as leis que regulam a saúde e o equilibrio de seu sangue, nas uniões de individuos das suas differentes variedades...

Em longo debate, em que os estudos de Darwin, de Wallace, de Weissmann, de Mendell e de

Hugo De Vries conduzem, ora a conclusões favoráveis, ora a conclusões contrárias, á fecundidade e á vitalidade, á normalidade e á sanidade dos mestiços; onde o velho litigio sobre os caracteres do genero e da especie intervem como elemento perturbador; a sciencia tende a excluir as questões de systema e a concentrar o exame na verificação das hypotheses baseadas em dados positivos.

É conhecido o velho criterio de distincção, nas classificações zoológicas e na humana, entre a especie e a variedade. "As verdadeiras especies distinguem-se das variedades, segundo os naturalistas, em que dão hybridos estereis quando se cruzam, ao passo que as variedades da mesma especie têm descendencia e fertilidade, nos bastardos e mestiços" (9).

Mas esta distincção, peccando por dar para criterio de um facto a caracterizar os proprios elementos desse facto, não tem assento na observação e na experiencia. Em verdade, entre os hybridos (productos de cruzamento entre individuos de especies diferentes) encontram-se exemplos de todos os graus de fertilidade e exemplos de esterilidade. Ha casos de fecundidade, em uniões de

(9) C. SEYD — *L'Uomo*, Milano, 1910

individuos de especies profundamente diferentes, e de esterilidade, em uniões de especies affins.

A natureza não conhece quadros de classificação. A classificação não é mais que uma convenção, não scientifica, mas tecnica, destinada a facilitar os processos logicos da analyse, da indução e da deducção. Quando se fala, assim, em generos, especies, raças e variedades, a proposito de grupos de individuos, cumpre ter sempre em vista que taes grupos não se scindem, não se incluem, nem se excluem com fronteiras rigorosamente traçadas. Quando, assim, Naudin, citado por Sergi, define a especie: "um grupo de individuos semelhantes, que contrastam de qualquer modo com outros grupos, conservando, na successão das gerações, a physionomia e a organização communs a todos os individuos", o sabio naturalista dá uma definição da especie, que poderia servir, igualmente, ao genero, á raça e á variedade. Desta definição excluem-se, apenas, de facto, as variações individuaes, não transmissiveis por herança. E' a justa critica que, com mais desenvolvimento, faz Kermer de Marilaun, tambem citado pelo ethnologo italiano.

Se é certo, assim, que a tendencia para a differenciação, que os phenomenos mesologicos e os

sociaes, a lucta pela vida, a selecção sexual, o auxilio mutuo, vão accentuando, separa e distingue, em grupos gradualmente menores, as variações naturaes, mais ou menos caracterizadas, — ou por effeito de transformações bruscas (os saltos ou mutuações, de Hugo de Vries) ou por effeito da extinção dos individuos intermedios (explicação de Darwin, hypothese mais provavel ou, pelo menos, mais commum), não ha nenhum elemento de austero rigor scientifico que determine fronteiras precisas, e que distinga, menos ainda, o typo do hybridado do typo do mestiço, e os casos de fecundidade e de esterilidade entre hybridos e mestiços. Naturalistas e ethnologos convergem, por ultimo, com maior ou menor acquiescencia, em chamar hybridos os descendentes de uniões de especies, e mestiços os descendentes de uniões de raças. Quando se dá, porém, a esterilidade e a fecundidade?

As experiencias respondem, destruindo o valor pratico da distincção, com exemplos de fecundidade e de esterilidade, em casos, perfeitamente caracterizados, tanto de hybridismo como de mestiçagem. Abbado cita, mesmo, alguns casos de fecundidade, produzindo hybridos (não diz Sergi, se fecundos) em cruzamentos vegetaes de especies pertencentes a generos differentes.

Da somma das observações feitas acerca dos factos de cruzamento, no reino vegetal, como no animal, a generalização menos imperfeita é a de Hugo de Vries: “a affinidade sexual, e, portanto, a probabilidade de reproduzir, caminha parallelamente com a affinidade systematica, isto é, com o grau, mais ou menos proximo, de semelhança entre individuos e grupos”; mas este parallelismo soffre tantos desvios e encontra tantas excepções, que não é possível adaptal o por criterio de julgamento. A fecundidade e esterilidade das especies precisam ser observadas em cada caso particular: eis o conselho da prudencia.

No homem, as observações mais regulares tendem a demonstrar o facto da esterilidade, nas uniões de hybridos de certas raças, ao passo que, nas de outras, a affinidade sexual parece perfeita. Entre o branco e o negro as observações dos anthropologistas mais fidedignos condizem com a observação vulgar, conhecida no Brasil, de esterilidade das uniões entre mulatos. Não ha dados estatisticos exactos nem estudos scientificos regulares, de onde se possam tirar illações definitivas, mas a probabilidade da regra assenta sobre bases sufficientes para que a hypothese da esterilidade seja preferida, como base de uma politica eugénica.

A diminuição da fecundidade e a esterilidade, resultando da ausência de afinidade sexual, demonstram uma debilitação genética, ou uma inaptação de prole, na união.

Ora, se se considerar que a diminuição da fecundidade ou a esterilidade pôde não ser o unico resultado mau do cruzamento, e que as theorias biológicas mais auctorizadas, favoraveis, umas, á doutrina da superioridade de certas raças, e outras contrarias, tendendo, todas, ou a affirmar a degeneração humana nos casos de cruzamento, ou a declarar indifferentes os effeitos do cruzamento, — ás observações anthropologicas juntam-se razões biológicas bastantes para que se evitem, quanto possível, os cruzamentos.

O problema é extremamente difficil e depende da verificação de não pequeno numero de conceitos scientificos ainda pouco assentados. Entre estes occupa lugar saliente o dos caracteres, morphologicos ou psychicos, das raças e das variedades. Que são taes caracteres e que valor têm, como elementos de distincção *qualitativa*, entre typos humanos? Ha differença de natureza entre os elementos que distinguem as varias raças, ou simples differença de fórma, de quantidade, ou de grau de desenvolvimento? Se ha distincção qualitativa, qual o alcance desta distincção?

Prestabelecido, como está, pela observação, que a natureza humana alcança um mesmo nível, relativamente fixo, de capacidade; que entre os typos de todas as raças encontram-se exemplos de indivíduos escalados por todos os graus de aperfeiçoamento e de cultura; que a especie humana mostra, de ha muito, sobre todos os animaes, a peculiaridade da vida social, formando assim centros de selecção e de variação, onde actuam, mais poderosamente, factores originaes e, até certo ponto, voluntarios; que a lei de Pallas (10) é, por conseguinte, applicavel a grande numero de casos de reprodução entre as raças humanas, a questão das aptidões destas apresenta-se, principalmente, sob o aspecto da maior ou menor adaptação aos meios, e da apuração das qualidades congenitas de cada uma das raças. Neste ultimo ponto, particularmente, parece conveniente firmar uma prudente e zelosa politica ethnologica.

As conclusões scientificas até hoje firmadas são desfavoraveis á opinião corrente baseada em falsas observações zootechnicas sobre o cruzamento. Os casos de aperfeiçoamento de raças pela hybridação são mero producto de esforço industrial.

(10) Lei pela qual os hybridos tornam se fecundos por effeito da domesticação.

Não ha posição mais arriscada do que esta, na questão dos cruzamentos.

E cumpre accentuar ainda aqui um outro grave equívoco, em que caem frequentemente os que se referem, entre nós, a este assumpto. E' preciso não confundir o *cruzamento ethnico* com as *uniões entre individuos da mesma raça* a titulo de aperfeiçar a descendencia com a compensação de elementos hereditarios que favoreçam disposições progressivas e neutralizem ou combatam tendencias retrogressivas ou de degeneração.

Os factos biologicos são distinctos, no caso de hereditariedade ethnica e no da simples hereditariedade physiologica. Aconselhar o cruzamento de individuos *de raças differentes*, para corrigir, ou para evitar, diversas tendencias ou disposições pathologicas ou degenerativas, importa confundir problemas distinctos: a hereditariedade ethnica tem condições e obedece a processos peculiares; se a união de individuos normaes com individuos predispostos á molestia ou á decadencia organica é um dos meios de regeneração physiologica da estirpe, não é possível dar por assentada a idéa de que estas uniões devem, ou podem, consistir em cruzamentos entre individuos de raças differentes, — e isto porque se o individuo de uma das raças fôr physiologicamente mais sã, a vantagem do cruzamen-

to pôde ser annullada pelo desequilibrio organico resultante da fusão de raças caracterizadas por qualidades profundamente incutidas durante muitos seculos de differenciação.

E' preciso ter em vista, neste ponto, alguns dados, de assignalario valor com relação a todos os problemas da hereditariedade. Cumpre attender, em primeiro lugar, a que não se trata, no exame destas questões, de firmar, como suppõem os que as estudam pela rama, sentenças de superioridade ou de inferioridade absoluta, de pureza ou de impureza, de sanidade ou de incapacidade, de raças e de povos, sob qualquer estalão ou unidade de perfeição ou de bondade, que não existe; senão, unicamente, de consignar conclusões sobre a capacidade vital, a aptidão adaptativa, de grupos e de indivíduos.

Quando se affirma, assim, a these — que parece apoiada por grande numero de casos observados em nosso paiz, conquanto contestada pelas melhores auctoridades e não confirmada pela observação, em outras especies, e, dentro de uma mesma especie, em outras regiões — da esterilidade das uniões entre mulatos, isto é, entre *hybridos* perfectos de pretos e brancos, não se profere nenhuma sentença sobre o valor do mulato, como indivíduo, a qualquer titulo. O facto da esterilidade

da progeñie é um facto de hereditariedade, alliação, naturalmente, a outras condições e outros caracteres, mas que não importa em: si nenhuma depreciação do valor individual.

Semelhante affirmacão tambem não póde ser feita, por outro lado, senão sob reserva de innumerables condições de tempo, de localidade, de meio physico ou social, de alimentacão. A lei de Pallas, já citada, attesta a transformacão, por effeito da domesticação, de hybridos estercis para hybridos ferteis, na vida natural.

Tendo em attencão estas observacões, que juízo se deve formar do cruzamento, como factor ethnico?

Duas idéas capitaes devem dominar o espirito na solução deste problema: a de que não ha raças superiores, em absoluto, e a de que a raça, cu represente um ramo originario da especie humana, como pretendem os polygenistas, ou represente uma variante, produzida, na evolução da especie, em periodo remoto, só se póde explicar como effeito de factores mesologicos e, accentuadamente, do clima. Isto posto, a affirmacão mais segura que é licito fazer, com relação ás raças actuaes do Brasil, é que a raça collocada em posição mais vantajosa em relação ás condições da adaptacão, e, por consequente, a mais apta, é a dos autochto-

nes, vindo em segundo lugar a dos negros, originarios de um clima evidentemente mais semelhante, e em terceiro, a dos europeus de origem mediterranea ou iberica, productos, em geral, de uma longinqua fusão eurafricana ou eurasiatica e nascidos em regiões de climas mais aproximados aos nossos.

Estes troncos — particularizando, entre os ultimos, os que já fizeram um longo estadio de acclimação — representam, na mais rigorosa exactidão scientifica, elementos privilegiadamente dotados, para a resistencia e para a prosperidade, em nosso meio. Desta simples conclusão resulta immediatamente esta primeira consequencia, quasi intuitiva: uma politica eugenica bem inspirada, sincera e conscientemente preocupada de facilitar e favorecer o desenvolvimento espontaneo do homem brasileiro, nas melhores condições de adaptação e de progressividade, emancipada dos levianos prejuizos de amor proprio e de *snobismo* circulante, deve procurar, esforçadamente, manter puros os typos ethnicos acclimados, para que estes, evoluindo naturalmente, manifestem e desenvolvam os caracteres proprios.

O cruzamento entre individuos de raças accentuadamente distinctas, já o vimos, tem contra si uma primeira presumpção desfavoravel, na es-

terilidade dos hybridos. Os seccionistas partidarios da desigualdade natural das raças, affirmando a superioridade da raça caucasica e, em particular, da nordica teutonica, repellem, vehementemente, o cruzamento, pelos dous seguintes motivos: a geração de um typo intermedio, quando o esforço da raça superior deve consistir em manter illesa a pureza do seu sangue nobre; e a desharmonia e desequilibrio organicos, consequentes do conflicto, no individuo, de sangue mesclado de caracteres estranhos e, por vezes, incompativeis. Vê-se assim que, perante a theoria — que nada tem de scientifica — da superioridade de certas raças, o cruzamento, longe de ser recommendavel, encontra esta primeira objecção, de certo peso: o presumido progresso ethnico, obtido pelo producto da união de duas raças, que se suppoe subir acima do plano da raça inferior, ficando em primeira geração a meio caminho da raça superior, até confundir-se, de todo, em successivos cruzamentos progressivos, no nivel desta, além de contra-indicado, pelo facto, já observado, da esterilidade dos hybridos, é neutralizado, e pôde-se até considerar destruido, pela alliança de elementos geradores organicos, de orgãos, de tecidos, de caracteres phisicos e psychicos, desharmonicos, incompativeis, possivelmente hostis.

Os biólogos e ethnólogos que não aceitam a doutrina da desigualdade natural das raças, considerando a questão do valor e da capacidade das diversas variantes ethnicas, em função do tempo e do lugar, e que admitem, além disso, a herança dos caracteres adquiridos pelo individuo, condição favorabilíssima á educabilidade, ao progresso e ao aperfeiçoamento de todas as estirpes humanas, não podem, entretanto, concluir favoravelmente aos cruzamentos. Mais do que para os outros, é, para estes, certo, que a causa da "variação" ethnica é de natureza mesológica, e que, por conseguinte, o valor da raça, de suas variantes e de suas mesclas deve ser aquilatado em relação ás condições próprias ao florescimento. O cruzamento é um elemento perturbador desta evolução natural.

Isto posto, as conclusões que se impõem sobre a questão dos cruzamentos são estas: não tem nenhuma base científica a opinião, corrente entre nós de que o cruzamento é um meio de aperfeiçoamento *ethnico*; os dados de observação e as mais prováveis induções científicas inclinam antes a evitar do que a procurar os cruzamentos.

Chegados a esta conclusão, terminarão estas observações com uma advertência e uma exhorta-

ção aos brasileiros. Entre as leviandades que um scepticismo de infantil imitação e uma especie de inconsciencia nacional poz em circulação e alimento na vida mental brasileira, uma das mais nocivas e deprimentes é o habito de menoscabar do nosso sangue, de depreciar a nossa idoneidade physica e moral, de nos dar por um povo degenerado, corrompido, em franco estado de abatimento corporeo e mental. Não ha nada mais falso: o Brasil soffre todas as crises de uma sociedade nova, formada, por um povo estranho, em territorio diverso do de sua origem, que até hoje não fundou as bases da sua adaptação á terra e não organizou a sua vida: eis as causas do seu actual estado, aggravadas por um accumulo de crises, nossas e alheias. Não o podia fazer, antes de surgir a consciencia do problema nacional e da sua orientação. Se ha signaes de algum enfraquecimento na principal raça colonizadora, a portugueza, e nas outras que contribuem, em menor escala, para a formação da nacionalidade; se a raça preta e os indigenas civilizados parecem, tambem, depauperados — resulta isto, quanto aos brancos, em pequena parte, do processo de acclimação, naturalmente deprimente enquanto faltam elementos accessorios de accomodação mesologica, de hygiene e de alimentação, e, para estes, como para os

outros, da quasi completa ausencia desses meios de conservação e de progresso, para o individuo e para a estirpe.

A quasi totalidade do nosso povo não possui ainda habitação conveniente, mal se precata das intemperies, pouco conhece dos hábitos e dos instrumentos favoráveis á saúde, não tem educação de especie alguma; e a pouca instrução que recebe é antes de ordem a lhe perturbar o espirito na solução dos problemas praticos e a desviar-o dos cuidados reaes e dos pensamentos positivos da existencia, que de lhe abrir os olhos e lhe mostrar o caminho, para a conquista do vigor do corpo e da mente.

A alimentação é escassa, no Brasil, para a grande maioria do povo; insufficiente e má, para quasi toda a gente, nos proprios grandes centros, entre as classes medias; mesquinha e grosseira, para os homens do povo; impropria e carissima, para os abastados.

Outra causa, cujo valor se exaggera, é a das molestias. Ha uma certa actividade de espirito therapeutico em toda a sociedade moderna, e a feição contemporanea das intelligencias é a de uma pronunciada tendencia para a diagnose nosologica e para a clinica, individual ou social, physica ou psychica. Tudo é molestia e tudo é curavel medi-

camente, com drogas materiaes, ou com drogas psychicas. Pondo de parte as confusões, algumas de perigosissimo exaggero, dos diversos criterios de caracterização e de avaliação dos males, de seus effeitos e dos meios de tratamento, consignemos o aspecto que esta tendencia tomou, em nosso meio.

Ao nosso ordinario e geral pendor para a displicencia, para o pessimismo e para o scepticismo, esta direcção das intelligencias juntou mais um peso, sériamente gravoso. Passamos a ver a nossa nacionalidade minada pelas molestias, em vespas de eliminação, por força de causas pathologicas — imprestavel para a vida, tantos germens e parasitas lhe corroem os tecidos. De uma das maximas, que esta Philosophia poz em circulação: *a influencia do espirito sobre o corpo*, vimos, principalmente, o aspecto negativo, que conduz á acceitação da molestia, á resignação ao soffrimento, á submissão alegre á morte, á attitude stoica, interpretada, em geral, como posição de impassibilidade, de fatalismo, quasi, em face dos obstaculos, das difficuldades, das crises, pessoas ou collectivas, da vida. Obedecendo ao impulso, commum á origem de todos os movimentos humanos, as interpretações que se deram a este, apresentaram-n'o com uma fórma judicial, como fundando

uma nova auctoridade e um novo código de preceitos nas palavras.

Dahi, a imagem de panico que se reflecte nas palavras e nos escriptos de critica social, sob a influencia pronunciada de leituras, precipitadas e sem applicação, de obras estrangeiras, e de impressões, circulantes tambem nos centros estrangeiros, sobre as nossas cousas e sobre a nossa gente. Tranquillizemo-nos, com relação ao valor geral destas apprehensões e á importancia e alcance de seus effeitos sobre o nesso futuro. Curemos da *oppressão suggestiva* destes arestos de uma magistratura incipiente, ainda pouco esclarecida sobre seus proprios horizontes, naturalmente ardente da ambição de sua auctoridade, e que está cahindo, como terá de calir, durante muito tempo, antes de fixar seu terreno de acção e firmar seus processos, em muitos e gravissimos erros. -

As estatisticas européas, os trabalhos dos hygienistas, as modernas e profundas investigações dos eugenistas, provam á sociedade que os mais cultos paizes europeus estão sendo victimados pela maior parte das molestias, diatheses e das predisposições pathogenicas, que se observam entre nós: distinguindo todos os elementos, propriamente nosologicos, de depressão physica, dos elementos de natureza climaterica e alimentar, não será arris-

cado, talvez, affirmar que as influencias pathogenicas aqui dominantes, — que, diga-se incidentemente, não nos são exclusivas, ou não se originaram em nosso paiz — não se accentuam, aqui, em grau desfavoravelmente desproporcionado á nossa sociedade. Um olhar observador, lançado, durante algumas semanas, sobre as populações das grandes capitães européas, basta para convencer que a decadencia physica, de causa pathologica, é um facto muito generalizado, nos centros das velhas civilizações.

Uma outra razão, de profunda e pratica philosophia medico-social, é de ordem a nos dar, não só tranquillidade, senão até animação. O *conceito da molestia e o conceito da saúde*, são themas que começam a submeter aos homens de sciencia, novas e interessantissimas questões, com respeito ao valor das categorias pathologicas. Como *causa mortis*, ou como causa de enfraquecimento e de degeneração do individuo e da estirpe, começa-se a inquirir se, posta em confronto com outros factos da vida, a “molestia” representa, realmente, o principal factor da decadencia humana. Em face dos phenomenos communs da vida, e dos factos classificados nos livros de Pathologia, se a noção da “molestia” não se define com uma precisão bem ritida, muito menos clara é a noção da “saúde”.

Para o clinico ou para o demographista, habitua-dos a contemplação solida das fórmãs, agudas ou chronicas, designadas como enfermidades, a ques-tão parece infundada. A pathologia — partindo do ponto de vista medico, que creou um meio e uma vida de molestias e de doentes — iso'ou molestias e doentes, systematizou uma theoria particular de phenomenos morbidos, e fundou-se e desenvolveu-se, guiada pela piedade e pela curiosidade do ano-malo, ao inverso de toda a logica inductiva; cons-truiu o seu systema de idéas, sobre o conceito, accentuadamente relativo, da molestia, com induc-ções firmadas sobre a observação de uma só das categorias, e exactamente a excepcional. A sciencia não procede sob a suggestão de curiosidades ociosas, nem de prazeres; deve resistir á attracção tendenciosa da psychose, das generalizações e das particularizações technicas. As especialidades ten-dem, quasi sempre, a formar uma certa ordem de prejuizos. E' o que tem succedido, em grande parte, na evolução da medicina e da hygiene.

Succede, assim, que, se a medicina tem pro-gredido, no conhecimento da pathologia, se lhe não pôde negar um certo avanço, em muitas applica-ções da therapeutica, ella é uma arte imperfeita, no que toca ao conhecimento da relação pre-cisa entre o facto da saúde e o facto da molestia.

Nascida da observação dos casos morbidos notáveis, raros na antiguidade, e cada vez menos comuns, ella não conhece, da sciencia da normalidade da vida, da sciencia da "saúde", senão a sua expressão negativa: definiu o normal por exclusão do anormal — o que decorre de um erro inicial de logica: o erro de todas as sciencias incipientes; — a presupposição de uma unidade, de um typo, de um estalão, de perfeição: a saudade pàysica, neste caso. Ora, esta unidade não existe, em nenhuma secção da natureza, em nenhuma das manifestações da vida.

A "saúde", em absoluto, é um preconceito, filho do erro inicial de logica, imposto pela natureza da evolução da medicina. A evolução natural do saber humano prescreve à sciencia do organismo e da vida do homem uma transformação radical: ella tem de se transformar, de sciencia das molestias e dos remedios, em sciencia da vida e da saúde, em seu sentido relativo; tem de se applicar ao estudo dos phenomenos de adaptação do individuo ao meio physico e ao meio social, de estudar o individuo, como organismo, — num horizonte muito mais vasto que o da anatomia, da biologia e da physiologia, pelo methodo que se emprega, senão exclusivamente estatico, puramente mechanico, em laboratorios e gabinetes.

As noções da saúde e da molestia serão forçosamente transformadas por força desta nova orientação. A menos que se não pretenda substituir a metaphysica das grandes categorias: do espaço, do tempo, do absoluto, do infinito por uma metaphysica dos micro-organismos e das causas, de molestias, será fatal concluir que ha germens particulares a certas regiões e a certas épochas, e que estes germens, innocuos até certo ponto, devem ser, até certo tempo e em dadas condições, propicios ou, pelo menos, relacionados, á adaptação local e ás circumstancias dominantes.

Na quasi totalidade dos casos, entre um typo supposto são e um typo, verificado, de doente, é difficil, e será, muitas vezes, impossivel, formular juizo sobre a probabilidade da morte, a probabilidade da degeneração, o vigor, a aptidão vital, a capacidade physica ou psychica, de um e de outro. Phenomenos communs, de inferioridade physica ou psychica, importem, muitas vezes, causas de inferioridade muito mais graves do que as causas morbidas, mesmos especificas, de inferioridade.

A sciencia moderna tem de banir, por consequencia, do seu criterio, até exame ulterior á transformação de seus estudos, a sua attitude de

avaliação e de julgamento, com relação aos factos da saúde e da molestia.

Por effeito da generalidade do desenvolvimento das causas morbidas, e por esta razão de philosophia biologica, estamos a salvo do motivo de desalento em que a nossa passageira tendencia sceptica traduziu o brado vehemente dos medicos, mais inclinados — como foi sempre o homem no inicio de suas investigações e de seus costumes, a attitude judicial do que á attitude politica, preferindo criticar a agir, fundar uma escola a prevenir.

Em nosso caso, repitamol-o, as grandes causas de fraqueza *physica* são principalmente de tres naturezas: cosmico-sociaes, decorrentes da falta de estudo do clima e das condições da vida san, em nossos meios, geralmente humidos e quentes, e das successivas transformações meteoricas e climatericas; escassez e impropriedade dos alimentos; e causas economicas, sociaes e pedagogicas, relativas á prosperidade e á educação do povo.

Se factores pathologicos cooperam para a nossa decadencia *physica*, a operação destes factores é insignificante, em proporção á daquelles. Todos os esforços da hygiene e todas as reformas sanitarias serão luxos profissionaes, ou simples desvios, na focalização dos factos reaes, mal atacan-

do as molestias e nunca extinguindo as predisposições morbidas, enquanto o problema' geral da economia nacional não for solvido, em seu conjunto. Neste ponto, não é possível, até, dissimular o facto de uma quasi renuncia da vida, na observação de certos aspectos das nossas medidas sanitarias, tomadas, em grande parte, nas capitães, no interesse do estrangeiro, ou da nossa fama no estrangeiro. . .

III

A soberania real

Atravessamos, neste momento, a crise mais séria da nossa Historia. Politicamente livres, com todos os attributos formaes da soberania interna e da independencia externa, depois de um passado que é o melhor attestado do bom senso e da excepcional probidade do nosso povo, encontramos em situação melindrosa, perante factos da nossa economia e da vida mundial, que põem em equação o problema do nosso futuro.

Ha cerca de quatro annos, quando me foi possível voltar o espirito para o estudo dos assumptos politicos do paiz, que haviam sido objecto de meus trabalhos, durante mais de metade da minha vida, precisaram-se em meu espirito os traços da tendencia que ia tomando a evolução do Brasil, em face da politica e da economia dos outros povos. Em estudos que fui publicando, procurei mostrar

aos que dirigem a opinião e aos que nos governam os signaes da crise proxima, advertindo-os da necessidade de prevenir perigos que se iam accumulando sobre nossas cabeças, de reparar erros e descuidos que temos commettido, resultantes de extranhavel despreocupação dos nossos problemas praticos e dos da politica mundial.

Devemos confiar no criterio e no patriotismo dos brasileiros e esperar que por entre as traquezas e as indecisões, a desordem e a desorientação, da hora triste que estamos atravessando, a alma candida deste povo, simples e generoso, seu sereno e claro discernimento, sua ponderada e segura energia, lhe hão de illuminar o quadro deste momento historico e mostrar o caminho a seguir.

Não é possivel prescindir de destacar certo numero de conclusões da nossa historia social. Antes de entrar neste trabalho, é força implorar aos que têm qua'quer parcella de prestigio na sociedade brasileira, que attentem para esta observação, capital no estudo do nosso desenvolvimento: a vida de um paiz tem faces multiples, mostra varias e desencontradas fluctuações, sob as quaes se vae realizando o funcionamento profundo e organico da sociedade, despercebido dos que têm os olhos fitos nos acontecimentos superficiaes, julgando-os sob a impressão do momento, ou com o cri-

terio parcial da posição, da sympathia, da profissão, de solidariedades pessoas ou espirituas. Tenho procurado, em meus estudos, chamar a attenção de meus patricios e, particularmente, dos que nos governam, para este facto, commum ás nacionalidades modernas de origem colonial, mas, no Brasil, excepcionalmente notavel: a ausencia de espirito nacional "pratico", da solidariedade patriótica fundada na consciencia dos interesses communs a todos os agrupamentos politicos, religiosos, economicos, geographicos, commerciaes e industriaes. Esta solidariedade, quasi instinctiva nas velhas nações, onde é obra secular de relações, de trocas e de apoio mutuo, só pôde surgir, em novas e extensas nacionalidades, com a fórmula de um movel consciente e como conhecimento objectivo das necessidades permanentes do paiz, superiores ás divergencias e divisões do presente e á successão das gerações. No Brasil, com mais forte razão, o estudo da synthese nacional, e o trabalho de educação da opinião e de arregimentação dos espiritos em torno de um programma e de um ideal, é, por força da nossa conformação geographica, mais difficil e mais necessario.

Ora, toda a gente, entre nós, desde os homens do povo, distrahidos das cousas publicas, até aos que, tendo ardor civico, se dedicam ao cultivo das

idéas destinadas a dirigir a sociedade, passa a existencia sob a influencia de duas correntes de estímulos, distinctas e independentes; a dos conceitos e ideaes theoricos e a dos factos da época: agitações, conflitos partidarios, luctas locais, toda a massa pullulante de personalismos, de ambições, de gestos e discursos ociosos e estereis, — trabalho desorientado e sem objectivo, que domina, entretanto, as atenções, como se fosse a expressão real da nossa vida.

A mescla, que não conjuncto, e, ainda menos, synthese, das idéas e dos moveis da nossa vida publica, apresenta-se, assim, na formação das opiniões e dos actos — como o baralhamento das perguntas e das respostas, no jogo popular dos disparates — tecendo e confundindo, desencontradamente, duas correntes artificiaes, extranhas á vida positiva da sociedade: de um lado, a ideação, — litteraria, ou pelo menos, theorica, dos intellectuaes de todas as côres, juridica e formalistica, dos politicos, matizando a atmosfera da nossa mentalidade com o iris das mais vistosas theories; do outro, a força dos interesses, movendo as pessoas, distribuindo-as, separando-as, reunindo-as, sob os gallardetes dos mais brilhantes programas, mas agindo todas na mais desafinada, furiosa, atroadora e desconcertante balburdia.

A vida cerebral do Brasil gyra em torno de dous centros: o mundo dos intellectuaes e o dos governantes; os escriptores, professores, homens de letras e de sciencia, os artistas, no primeiro grupo; os politicos, os administradores, os funcionarios, no segundo. É esta vida, inteiramente alheia á vida da sociedade, reflecte-se, entretanto, no pensamento de todos, sob as fórmulas do dilettantismo e do pessimismo, que traduzem a sensação indefinida de que essas cousas não são as que deveriam interessar, mas com esta sensação, uma extrema perplexidade na consciencia e no caracter social.

A desorientação é característica da nossa época, em toda a parte, e, assignaladamente, nos centros mortos das velhas civilizações. Entre as muitas ruínas que tombam e que oscillam, são ainda pouco visiveis os perfis indecisos de novas construcções. A imensa actividade intellectual contemporanea trabalha, quasi toda, numa região atulhada de destroços, entre tentamentos facticios ou abortivos de construcção. O mundo que vai acabando, foi um mundo de systemas "a priori"; e a sensação de que elle cae inspira aos espiritos tímidos o temor das soluções, mantendo, nos arroçados, a illusão de que, aos systemas mortos, devem succeder novos systemas. Perdem-se aquelles no

scepticismo, e estes no trabalho tantalico de erigir castellos sobre castellos, utopias sobre utopias. Toda a nossa cultura, bebida em taes fontes, esterilizou-se, na dubiedade da descrença, ou obstruiu o caminho, deante dos passos, com a concepção de novos e rígidos systemas. A intelligencia contemporanea ficou sendo uma intelligencia hybrida, incapaz de procrear.

Na politica, a anarchia das idéas e dos actos attinge as proporções do desvario. A ordem social, mantida por simples tolerancia costumeira, já não corresponde á ordem das velhas organizações e está longe de satisfazer á organização dos novos elementos da sociedade. Os apparatus e forças que equilibravam effectivamente o mundo foram substituidos, na lei e na politica, por méras abstracções verbaes e maximas conceptuaes de philosophia social; e, como estas entidades abstractas, com que o idealismo quiz fazer as columnas das novas civilizações: a liberdade, a justiça, o direito, todos os lemmas das luctas revolucionarias, não possuem realidade objectiva, não representam os tecidos substanciaes dos bens necessarios ao homem: são méros attributos das suas aspirações na vida real: o esforço da sociedade contemporanea tem o aspecto de uma eterna ascensão ao cume inattingivel da phantasia. A realidade da vida huma-

na depende, immediatamente, das relações do homem com o meio, dos homens entre os homens; a vida se realiza pelo esforço sobre a natureza, com os encontros e as relações dos esforços. Tudo isto forma uma multidão de necessidades e de interesses, concretos, práticos: uns materiaes, outros phisicos; mas, ao passo que a vida, suas necessidades e seus interesses, são factos reaes, os espiritos, impientes por descobrir as causas dos males humanos e por lhes dar remedio, abandonam o caminho horizontal das soluções terrestres para pedir á imaginação as soluções do milagre. Ao problema positivo da applicação das energias humanas, deu-se a solução do soccorro sobrenatural; a este soccorro, a que acudiram, primeiro, poderes providenciaes de varias naturezas, responderam, depois, as benções e merecs da metaphysica politica.

Foi assim que as revoluções defraudaram as aspirações humanas, illudindo a fome, a miseria, o instincto de acção, o impulso dynamico das almas e dos corpos, com os artificios de panaceas subjectivas. As instituições oppressivas do passado, sob as formas do despotismo, da escravidão, da servidão, do poder dynastico, da auctoridade, do feudalismo, eram, principalmente, restrições e peias ao desenvolvimento, á expansão, aos movimentos da personalida humana, á acção

de suas energias, ao trabalho, á distribuição dos meios de acção e dos fructos da acção.

Os directores dos destinos do homem não viam senão as fôrmas apparentes da realidade, e suppuzeram que oppondo a liberdade á tyrannia, a egualdade á servidão e ao feudalismo, a justiça e o direito aos privilegios, solviam os seus problemas; mas, como os factos da vida, do esforço e do trabalho, os estímulos activos da natureza do homem, os moveis profundos de sua efficiencia, não podiam ser atingidos por essas transformações exteriores, a desigualdade, a injustiça, a fallencia do direito e da ordem revestiram novas fôrmas, e a sociedade permaneceu a mesma, decorando com outros nomes coloridos as suas velhas utopias. Todo o espectáculo actual da politica é a ostentação burlesca deste jogo de palavras e de fórmulas, sobre a realidade, dia a dia mais pungente, dos problemas da economia e do trabalho.

A separação da politica e da vida social attingiu, em nossa Patria, o máximo de distancia. A' força de alheação da realidade a politica chegou ao cumulo do absurdo, constituindo, em meio da nossa nacionalidade nova, onde todos os elementos se propunham a impulsionar e fomentar um surto social robusto e progressivo, uma classe artificial, verdadeira superfetação ingenua e francamente

estranha a todos os interesses, onde, quasi sempre com a maior boa fé, o brilho das fórmulas e o calor das imagens não passam de pretextos para as luctas da conquista e da conservação das posições.

A politica é, de alto a baixo, um mecanismo alheio á sociedade, perturbador da sua ordem, contrario a seu progresso; governos, partidos e politicos, succedem-se e alternam-se, levantando e combatendo desordens, creando e destruindo cousas inúteis e embaraçosas. Os governantes chegaram á situação de perder de vista os factos e os homens, envolvidos entre agitações e enredos pessoais.

E é este estado de cousas que terlos têm por manifestação normal da nossa vitalidade, em torno do qual se debatem as opiniões, formam-se os partidos, elegem-se legisladores e chefes de Estado, surgem e desaparecem as personalidades, agita-se a oratoria, fervilham doestos e calumnias, rebentam revoluções e violencias de toda a especie, explodem crises de sangue e de escândalo; e, nesta agitação, que não representa, aqui como em outros paizes, outra coisa senão a estagnação de um povo descuidado de si mesmo, perdido na contemplação de miragens theoricas, paralyzado, por falta de consciencia e de direcção, toda a actividade publica se reflecte num eterno debate entre dous coros,

onde as pessoas se alternam, fazendo uns o papel de tyranos e de banidos, outros o de juizes punidores, cantando estes hymnos de louvor aos vencedores, clamando, aquelles, as mais tremendas e cras objurgatorias.

E' certo que este espectaculo é universal. Se alguns paizes possuem uma ordem apparente, se outros, sob a protecção dessa ordem, obedecem ao impulso de forças intimas progressivas, o divorcio da sociedade e da politica é o facto mais saliente do estado actual da civilização. Nas mais velhas e cultas nações, o patriotismo e a capacidade dos estadistas são insufficientes para lhes dar alcance á vista e segurança aos passos, em meio aos tumultuosos e precipitados problemas de nossa época; nas camadas onde se faz a selecção dos governantes, e, entre es que se dispõem a arrostar as sensações das luctas de onde surgem os dirigentes, a cultura não representa o nivel mais alto da competencia. Os problemas succedem-se, surpreendendo os homens que governam; e estes, quando os não podem illudir, atacam os symptomas e os accidentes, com a facilidade e promptidão de agentes de policia, entre as contorsões da sociedade que clama por novas bases de equilibrio.

Não é caso, assim, para que nos vexemos dos nossos erros; outros, mais fortes e mais cultos,

mostram, agora mesmo, provas eguaes de despreparo politico; mas, se o mal não é só nosso, o perigo destas situações não é o mesmo para todos; e, pois que, nas liquidações das luctas politicas, a força impõe sua logica, através dos erros dos que governam, ha povos mais expostos que outros aos riscos da crise commum. Nós estamos, pela vastidão do nosso territorio, pela escassez da nossa população, e porque somos uma das nações que menos cuidaram da organização da vida pratica, da educação do instinto de conservação, da lucta pela força e pela riqueza, comprehendidos neste numero.

Os manifestos e mensagens presidenciaes, os programmas dos partidos, os discursos parlamentares, todos os actos dos nossos politicos e estadistas são documentos, ás vezes copiosamente creditos, sempre sincera e ardentemente patrioticos, dessa extranha falta de adaptação do saber e do patriotismo ás peculiaridades da terra e do povo brasileiro.

Os problemas que elles agitam são problemas de completa e neutra generalidade. As eternas questões de administração e de finanças, de moeda, de emissão, de despesas e de impostos, de obras publicas e de viação, de assistencia e de ensino, de regimen fiscal e de policia, de Direito Publico e de

Direito Privado, que se debatem na França, na Belgica, na Grecia, na Hespanha e na Turquia, repetem-se, succedem-se, apparecem e desaparecem, no "tapete da discussão", faustosamente solvidas hoje, combatidas amanhã, ora em nome da escola *a*, ora em nome da philosophia *b*, obedecendo ás sympathias doutrinaarias do ministro que está no poder, á pressão de tal ou qual incidente, reflectindo, muitas vezes, o ardor de uma ambição reformadora, traduzindo, quasi sempre, a influencia das ultimas idéas em voga nuni paiz europeu — com a mesma feição com que se apresentam na França, na Belgica, na Grecia ou na Turquia. Vamos, assim, creando serviços, fazendo obras publicas, abrindo e desenvolvendo estradas de ferro, organizando repartições e escolas, exactamente como fazem os legisladores daquelles povos. Para os problemas da economia rural, adoptamos os mesmos institutos, escolas, campos de demonstração, syndicatos, exposições, que encontramos em outros paizes. Porque temos um vasto territorio, vamos estendendo linhas de estradas de ferro. Os portos são melhorados, dotados de caes e de armazens. Possuimos institutos de ensino superior e escolas primarias. Temos, em fim, todos os apparatus e processos de governo, incolores, neutros, vagos, inadequados, que se encontram por toda a parte:

mas, por entre esta organização complicada, e, por vezes, luxuosíssima, a vida do homem, a sua alimentação, os interesses da economia social, a distribuição da riqueza, a circulação commercial e monetaria, a educação physica, moral e civica, debatem-se de encontro aos mesmos obstaculos das mais atrasadas sociedades e vão encontrando maiores tropeços, nas proprias construcções desta aparente civilização.

Ao lado de um certo, embora desorientado, cuidado por melhoramentos materiaes, não aprendemos a arte, primordial e muito mais difficil, de civilizar e cultivar o homem. Os melhoramentos materiaes não são, para um paiz, senão a ossatura, a que só um povo, solido, instruido e energico, dá musculos, nervos e sangue. Não é nas escolas e nas academias que se crêa este povo: é na educação pelos costumes, pela politica, pela circulação de idéas praticas, pela legislação economica e fiscal, pelo estímulo ao trabalho, pela segurança da remuneração, pela suppressão dos incentivos á ociosidade e ao ganho facil e illegitimo de empregos e de fortunas. A formação de uma sociedade e a selecção do seu character resultam do criterio, nella dominante, sobre o valor do homem; dos modelos que ella apresenta de prestigio, de estima, de respeito. A vida de um povo é funcção da enxa-

da do trabalhador, ou do bilhete de loteria. Nas sociedades contemporaneas, e em nossa terra, hoje, mais, talvez, do que em outras, as carreiras de azar e os favores do azar estendem-se e ramificam-se por todos os lados.

A sorte das nações modernas depende da direcção que tomarem no sentido do trabalho ou no sentido da especulação, da escolha entre a produção e as industrias improductivas, do relativo nivelamento social, pela maxima distribuição das riquezas, ou da divisão da sociedade em classes afortunadas e classes proletarias; da plena expansão dos valores, pela liberdade commercial, ou do regimen de restricções e de entraves, de monopolios e de privilegios.

A riqueza é arbitro dos destinos, neste momento historico. Na produção e no commercio, na politica e na guerra, a victoria está com os povos ricos, os que concentram nas mãos a maior somma de dinheiro; a mais poderosa energia de nossos dias, o mais effizaz reproductor de energias. A politica internacional maneja ainda os recursos da paz armada, da força militar; e a riqueza é, no estado actual da arte da guerra, a primeira condição de superioridade. Povo forte e povo rico são expressões equipendentes. A politica de um povo moderno, para a paz ou para a guer-

ra, consiste na arte de conservar, de obter e de augmentar riquezas. Tal é a politica offensiva de outros povos, tal precisa ser a nossa politica defensiva.

Obter, conservar e augmentar riquezas, é, contudo, um vago objectivo, que não prescinde de explanação.

A Terra tem sido presa de um unico movel de obtenção de riquezas: a ambição individual. Toda a vida economica dos povos gyra em torno da cobiça de cada um, e a somma das cobiças pessoas forma a vida economica collectiva. Resultam dahi consequencias que é imprescindivel registar, quando se trata da riqueza de uma nacionalidade.

As riquezas naturaes, sob quaesquer fórmias, são patrimonio do povo que habita o territorio nacional; mas os individuos que têm a propriedade do solo e do sub-solo julgam-se, e o são quasi sempre, em Direito, senhores de suas riquezas. Cada individuo e cada geração delapidam, assim, em proveito proprio, fontes preciosas de immensos valores. Os homens de sciencia, na Europa, já consideram um problema a resolver o da substituição da hulha por outro producteur de força motriz.

O homem tem sido um destruidor implacavel e voraz das riquezas da Terra. Toda a vida historica da humanidade tem sido uma vida de de-

vastação e de exgottamento do solo, de incendio de thesouros e de florestas, de saque de minerios ao seio da terra, de esterilização da sua superficie. A exploração colonial dos povos sul-americanos foi um assalto ás suas riquezas; toda a sua historia economica é o prolongamento deste assalto, sem precauções conservadoras, sem correctivos reparadores, sem piedade para com o futuro, sem attenção para com os direitos dos posteros.

Assombrados com essas vastas e, por vezes, insanaveis lesões á natureza, com o desvio e perda de tantas forças naturaes, com as alterações do clima e com os accidentes meteoricos, resultantes da desastrada exploração da Terra, os povos previdentes, como os inglezes, na India, os canadenses, os americanos, em varios de seus Estados, comecam a fazer a policia de seus bens naturaes e a reconstrui-los. O reflorestamento das regiões desbastadas é, aliás, um velho costume europeu.

No Brasil, onde a população, e igualmente, a riqueza, não tem crescido em progressão igual á dos Estados Unidos, seria de elementar prudencia que os poderes publicos procurassem suster a devastação das mattas, feita, ás vezes, para o nefasto desenvolvimento de culturas extensivas, outras com o unico proposito de extracção de madeiras

e de lenha; que procurassem manter as populações nas regiões já exploradas, desenvolverem novas culturas, por processos intensivos; que estimulassem o gosto pelo amanho da terra e pela produção; que habituassem o homem á vida do campo; que fiscalizassem e corrigissem as alterações do clima, os accidentes meteoricos, o reseccamento de certas terras, o alagamento de outras, o abandono, em summa, de quasi todas onde a arvore do café pereceu por velhice; que, antes de tudo, promovessem a utilização destas ultimas, recolonizando-as com elementos estrangeiros e, de preferencia, nacionaes, para poupar com zelo, senão com usura, as riquezas ainda não exploradas.

No momento, porém, em que, nos Estados Unidos, no Canadá, na India, os governos começam a zelar por suas riquezas e a reparal-as, nós outros, pelo órgão dos homens que nos governam, corremos pressurosos a offerecer a quantos se propõem a violar o seio virgem dos nossos repositórios de madeiras, de humus e de fertilidade, vastas e generosas concessões; promptificamo-nos, beatamente, a auxiliar a devastação, offerecendo a clientela do Governo ao commercio das madeiras derrubadas; recebemos, enfim, com agradecimento e reverencia, todos os que se propõem a explorar fontes de riquezas. Para os nossos es-

tadistas, esse ataque às reservas da nossa natureza, por syndicatos estrangeiros — que apenas usam, do nosso paiz, quando as não trazem, as machinas humanas — representam auspiciosas “collocações de capitaes”.

Os povos semi-barbaros, mas sedentarios, da Asia, como os chinezes, não sabendo, apesar de suas densas populações, extrahir e explorar o minerio de suas jazidas, possuem vivissima a sensibilidade do cono da terra, vibratil até á revolta aos primeiros estudos dos engenheiros, ás primeiras confusões das picaretas. Nós, que não sentimos pressa, e com razão, em rasgar o seio da nossa terra, para nosso proveito, temos solícitudes alviçareiras por entregal-a ao primeiro solicitante, fazendo, com delicias, o lenocinio do nosso solo.

Conhecemos, apenas, durante o periodo colonial, o regimen das explorações por feitorias: raros estabelecimentos possuamos, ha pouco, parecidos com os desses formidaveis exgottadores de riquezas, á custa do trabalho bruto de “feilalins” e de negros. Foi preciso que a Republica attingisse a maioridade, para que se nos apresentasse a perspectiva de ver installar, entre nós, colonias de minerações como as da Africa do sul, monopólios industriaes e agricolas, extensas regiões entregues á exploração alheia, estradas de

ferro marginadas de vastas zonas de influencia estrangeira, toda a perspectiva de uma rêdç de viação ferrea destinada a realizar a obra, absolutamente destituída de base e de necessidade economica, de um apparelho de circulação continental interna; extensas culturas de borracha, entregues a estrangeiros, na Amazonia; o escandalo inqualificavel do enfeudamento da industria pastoril a um syndicato; a eventualidade da concentração do commercio de café, em mãos de commerciantes forasteiros; o estabelecimento de bancos hypothecarios, munidos de favores e privilegios, que a Turquia não concederia, talvez.

Empresas de denominações americanas, inglezas e francezas, mas que, como é natural — no estado do mercado monetario mundial — representam principalmente capitães francezes, compraram, ou estão para comprar linhas de estradas de ferro, que, ligando a Argentina e o Uruguay ao Brasil, atravessando os Estados do Rio Grande, do Matto-Grosso, do Paraná e de S. Paulo, tendem a se unir, para o norte, com outras já em poder de estrangeiros, percorrendo, todas, extensas regiões, onde se projectam vastas fundações agricolas e explorações de minas.

Se estas empresas se tivessem vindo formando, paulatinamente, no correr da nossa vida, seria

agora a oportunidade para que o Governo brasileiro se dispuzesse a examinar o estado da propriedade industrial estrangeira no paiz, de fôrma a impedir, por algum tempo, se não a sustar, o seu desenvolvimento.

Quem quer que estude conscienciosamente a nossa historia economica será forçosamente levado a concluir que a vitalidade da nação brasileira representa o producto de tres fôrmas de industrias: a exploração colonial, extensiva, das riquezas do sólo; o desenvolvimento do commercio; e, recentemente, um certo surto industrial, creado e animado por meio de tarifas proteccionistas. A contribuição de cultura intensiva nas colonias estrangeiras, factor insignificante nas trocas do commercio internacional, pouco mais pesa nas do commercio interno:

Ora, se o trabalho, grosseiro e perdulario, do senhor de vastas terras, tem sido um saque brutal ás nossas riquezas, o commercio que elle provocou, installou e animou, foi, e será, o mais efficaz auxiliar, do exgotto, da exportação, do exodo, de seus fructos. As colonias têm sempre um commercio de character *sui generis* e as produções exóticas são exploradas por intermediarios, avidos de lucros largos e facéis.

Dos tempos coloniaes até hoje, a direcção e a organização da nossa vida economica têm obedecido ao unico intuito de canalizar os productos para as mãos do commercio, de facilitar e robustecer o commercio, de abrir meios novos de expansão e de influencia commercial, no interior. Habitudos a encarar, com o virtuoso simplismo que é um dos attestados da nossa probidade, cada ramo da economia isoladamente, nós nos desvaneçemos com o desenvolvimento commercial que possuímos, sem percebermos que esse desenvolvimento representa realmente o trabalho da conquista, da sucção, da drenagem, das nossas riquezas, — desordenada e precipitadamente arrancadas á terra, — para as nossas metropoles economicas.

Portos, cidades, estradas de ferro, rios navegaveis, são sempre instrumentos de transitio, nem sempre instrumentos de troca. As permutas entre sociedades que fazem commercio compensam-se e liquidam-se por lentas e amplas operações, durante longos periodos, de gerações para gerações. Ora, na vida de um paiz vasto como o Brasil, não ha quem, sahindo do Rio de Janeiro para qualquer direcção, não encontre vastas regiões exgotadas; immensos thesouros saqueados; poucos depararão com alguma cousa que represente, para esse enorme capital extorquido á terra, alguma compensa-

ção remuneradora, qualquer reparação real á productividade ou ao valor do solo.

O selvagem, surpreendido pela astucia de navegadores, troca as pedras preciosas, o ouro, as especiarias, por espelhos, objectos brilhantes e ornatos ostentosos. Nós outros, sem recebermos, de mão a mão, dos que exploram commercialmente as nossas riquezas, os palacetes das nossas avenidas, as carruagens, os automoveis, as joias, as lettras facéis e brilhantes, os vestuários, as modas, que simulam o nosso "progresso", e enquanto esse progresso nos embala com seus perfumes e com o espectáculo de suas grandezas e suas luzes de rampa theatral, não vemos que o Brasil real, o Brasil das matas virgens e das minas, com as alluviões e os sedimentos de milhares de seculos de trabalho do tempo e da natureza, vaé sendo desnudado, minado, raspado, pulverizado, reseccado: o ouro puro segue para outras bandas, ficando-nos, em troca, as lentejoulas das nossas cidades e os arrebiques dos nossos palacios e das nossas avenidas!

Em nossa éra, os povos novos, rapidamente civilizados, são, necessariamente, um tanto megalomaniacos. Ha sociedades *parviennes* como os individuos, nações *rastaquouères* como os *rastaquouères* que "floram" nos *boulevards* parisienses. A America, fundada pela politica das metro-

poles, e pela cobiça dos colonizadores, possui uma grande força civilizadora: a falta de tradições e de instituições aristocraticas, de espirito de hierarchia, de tendencia para a disciplina e para a auctoridade; e traz, com um vicio organico, uma fonte provavel de ruinas e de desordens futuras: a vasta propriedade territorial, a exploração se-nhorial da terra, o estimu'o de intensa exploração, que animou seus primeiros habitantes e anima os de hoje. Se os homens de estudo e os homens de Estado comprehendessem o problema da evolução humana e a sua inevitavel directriz, teriam realizado o encaminhamento para o progresso, seguindo a fórmula do individualismo de Adam Smith, pela organização e distribuição do trabalho; teriam fundado, no solo americano, uma civilização, onde a reacção socialista seria exotica, porque o socialismo não é senão o refluxo das leis economicas contra a interpretação do individualismo pela predominancia do capital. Mas os homens de saber e os homens de governo preferiram divagar, nos concaculos literarios e nas academias, repetindo, em nosso meio novo e virgem de estudo, os mesmos debates, as mesmas pesquisas curiosas, as mesmas theses theoricas, d'além-mar: e, enquanto isso, os espiritos praticos fundaram a vida facticia que levamos, onde forças minimas de escasso capital,

multiplicando-se indefinidamente por milhares de expedientes, instalaram um verdadeiro feudalismo argentario, as mais imprevisas fórmulas da especulação, as suzeranias dos reis da industria e dos negocios.

Com esta orientação, as novas nacionalidades americanas ficaram sujeitas ao domínio da cobiça, á pressão do capital, ou, o que é mais verdadeiro, de especulações sem freio; e, sob o impulso desses interesses imprevidentes e desapiadados, nações e territorios vão tendo o destino de terras enfeudadas aos mais audazes, conforme a sua natureza. E' aqui que o problema brasileiro apresenta seu aspecto mais grave.

Os Estados Unidos, e, em grande parte, a Argentina, são paizes de terras semelhantes, se não eguaes, ás terras que habitavam os colonizadores europeus. O clima e a natureza do solo não differem do clima e do solo da mãe-patria. Os habitos ali encontram o mesmo ambiente, as mesmas sementes, do paiz natal; a mesma terra, as mesmas probabilidades de germinação e de produção. A colonização é uma mudança ordinaria, de casa velha para casa nova. O Brasil é, por sua posição geographica, o unico grande paiz soberano de clima e constituição francamente equatorial e tropical; semelhante ás regiões da Africa e da

Asia exploradas como feitorias, seduz e attrahe grande numero de colonos instaveis, commerciantes em transito, ou de breve estadia, sendo habitado e povoado a esmo, cultivado e explorado empiricamente. Jamais os problemas da adaptaçao do homem ao meio novo e estranho, os da cultura do solo ignorado, os das instituicoes e dos costumes proprios para essa adaptaçao e para essa exploraçao foram objecto de estudo. O colono e o commerciante localizados no Brasil, seus descendentes e seus discipulos, ficaram sendo seres, assim, estranhos a seu *habitat*, eternos desaclimados — exploradores vorazes, a principio, de seus bens, victimas, afinal, de novos exploradores.

Se Portugal já não tivesse, a dar para modelo da nossa architectura, as suas vastas casas de herdade, chatas e largas, com amplas varandas, é provavel que, já nos nossos campos e nas nossas cidades dos tempos coloniaes, se encontrassem os chalets suissos, e os edificios, agudos e esguios, construidos para o deslizar das neves; mas a tolice que o primeiro colono não fez, está fazendo o bisonho civilizado contemporaneo; as nossas novas e garridas cidades, os lares das nossas modernas fazendas, tomam, para modelo de seus edificios, os palacios de Paris e os "cottages" inglezes; e a este exemplo material, visivel, de falta de senso de

adaptação, corresponde, nos hábitos da vida, nos processos de trabalho, nos métodos de acção social, nas instituições, uma combinação de maneiras, costumes, idéas, convenções, fórmulas, applicações, todos importados, que tornam o homem cada vez mais estranho a seu meio e a sociedade cada vez mais disparatada com o seu ambiente. A perpetuação de uma existência colonial, no fundo e na essência, é o resultado inevitável desta inexperiência da realidade, deste inconsciente conflito entre o agente e o objecto da civilização.

Para bem explorar esta natureza, corrigir seus defeitos, estimulal-a e aperfeiçoal-a, fazemos appello á sciencia, ás artes, á lição e á sabedoria dos europeus; e, assim como, nas Faculdades Superiores, nas letras, nos jornaes, nas escolas, nos gymnasios, as idéas em circulação são as phrases textuaes, os dizeres literaes, dos livros do velho continente, os institutos e escolas fundados para educação pratica dos productores, sob modelos dados, aliás, na Europa por inefficazes pelos espiritos mais praticos e lucidos, parecem, aos olhos dos que monrejam no labor da terra e que ainda não aprenderam a guiar o arado dos egypcios e dos gregos, academias de um saber transcendente.

Emigrados que não comprehenderam o mysterio da fecundação da sua terra, não tendo ainda

adquirido, no contacto quotidiano do trabalho, o amor que liga o cultivador interessado e previdente ao bem que é fonte de sua fortuna e segurança de sua prole, os brasileiros ficaram divididos em duas sociedades sem liga e sem solidariedade: os que exploram o patrimonio nacional á guisa dos estrangeiros, e a multidão que trabalha para não morrer, cu que se vae deixando extinguir, porque não tem onde nem como, trabalhar.

A nossa população augmenta, mas o valor social da população não se tem desenvolvido. A alegria com que se proclama o acrescimo da população nacional e o augmento das nossas exportações, indica, apenas, o grau dessa "insouciance", que os observadores francezes da nossa vida tantas vezes sabíñham, como traço saliente de nosso espirito. Para que tão pequena camada de povoadores, extrahindo e colhendo, descuidada e levemente, os fructos de uma terra virgem e vasta, não proliferasse e não tivesse productos a exportar, fora mister que não existissem, do outro lado do oceano, velhas e bastas populações, solicitando e recebendo os productos das nossas depredações, mas, quantos milenios de formação do sub-solo, da terra e do "humus", não representam este progresso no povoamento, esta dolorosa exportação dos fructos, quasi extractivos, da nossa natureza;

quantos seculos de futuro bem estar não estão sendo descontados, para sustentar e animar o florescimento desta prosperidade?

A exploração material de um territorio é regida pelo estímulo economico de seus exploradores, obedece á força predominante no espirito dos habitantes, á força dos interesses: ao maior ou menor poder de attracção dos agentes da exploração e do commercio, no paiz e fóra d'elle, nas operações da colheita e da distribuição, nas permutas da exportação e da importação, nas trocas do intercambio. O commercio realiza trocas apparentes, satisfaz necessidades occasionaes. Nas velhas nacionalidades de fundação normal e de lenta evolução gradativa, o regimen conservador da economia, operario permutas quasi todas internas, manteve dentro dos territorios o valor dos fructos extrahidos da terra, transformando-os em industrias suppletorias de novas riquezas, e valorizando as riquezas consolidadas. Quando se começam, depois, a operar, com o desenvolvimento da viação e das relações mercantis, as trocas externas, o paiz está sufficientemente vigoroso e instruido para preservar as suas riquezas, para evitar que se tornem inuteis, para se não permittir extravagancias e desvarios de prodigalidade. O surto das nacionalidades americanas — simultaneo do surphen

dente e vertiginoso desenvolvimento da viação, dos meios de circulação, dos instrumentos de trafego, de credito e de exploração, e da excitação da curiosidade, com a leitura e com as viagens — accumulou, sobre estas nacionalidades, já habituadas pelo regimen colonial á passividade economica, gigantescos mecanismos mercantis de extração e de desvio de riquezas.

As exportações commerciaes para os mercados externos representam o exgotto da substancia, da riqueza dos sólos, brutalmente explorados; o que as importações restituem não passa de mercadorias e productos de interesse secundario, de satisfação de necessidades immediatas, quasi sempre de uso breve e rapido consumo. O capital que permanece, accumulado nas cidades, em industrias de transformação, no commercio, em predios e na propriedade movel, representa pequena fracção dos premios da producção, e fica quasi todo esterilizado.

O progresso magico dos Estados Unidos é a miragem que seduz quasi todos os directores das sociedades americanas; mas o desenvolvimento da nação dos "yankees" fundou-se sobre bases mais solidas e sobre terreno mais conhecido, que o de outras nações do continente, e principalmente, do que o Brasil; e o melhor modelo que elles nos offe-

recem não está em sua civilização material, senão na cultura moral e intellectual da sua sociedade.

O progresso material dos americanos é uma obra audaciosa e febril, um esforço monstruoso de energia, no trato da natureza, com fito no enriquecimento: saque formidável sobre o futuro, em summa, que só a cultura, também intensa, de seus homens permite esperar ver resgatado. Seguindo o seu exemplo, na audacia da exploração material, não os seguimos, no da cultura do homem. Aquella audacia, por um lado, tal incuria, por outro, são riscos de um seguro aleatorio, temeridades difficilmente reparaveis.

A natureza da terra americana; seus climas, temperados ou frios; seu systema hydrographico; a expansão, rápida, porém methodica, das suas populações, concomitante com o desenvolvimento das vias ferreas; uma relativa estabilidade de populações e de trabalho, nas zonas primitivamente exploradas; o conhecimento pratico da terra e das culturas; a falta de culturas vivazes, de longa duração, exgotantes, e de difficil, senão impossivel, replanta, segundo a experiencia verificada; a regularidade das estações, identicas ás da Europa; o supprimento normal de aguas e de humidade ás terras e ao ar, pelo degelo e pelas neves; a formação permanente de "Fumus", com a queda regu-

lar das folhas; a abundancia de carvão e de ferro; a immediata e facil producção dos generos ordinarios de alimentação, para europeus; todas as condições, em summa, da natureza e da economia. — permittiam, facilitavam, incitavam, uma exploração intensa e vigorosa, arrojadas tentativas de industrialismo e de negocios. Os Estados Unidos fizeram-se, desde logo, assim, um centro de conservação e de attracção de capitães, incorporando-se ao organismo mundial da circulação financeira, renovando, periodica e frequentemente, a sua irrigação monetaria, e offerecendo-se, como terreno de escol, ao emprego normal de capitães. As suas retribuições ordinarias ao credito não são premios de usura, salarios de serviços excusos, de "réclame", ou de errtagem, fructos de arriscadas e onerosas empresas coloniaes. Mas esse desenvolvimento "à coup de baguette" está sendo combatido, nos proprios Estados Unidos, onde os homens de estado, ou economistas e os sociologos, começam a se insurgir contra os riscos do progresso material "à outrance".

Uma das mais caras imagens do nosso culto à Patria é a proclamação das nossas riquezas. Foi, por longos annos, axioma do nosso optimismo oratorio; começa a ser uma das desillusões do nosso scepticismo postico.

A questão do valor intrinseco do solo é um problema tão complexo, depende tanto de dados, ainda insufficientes, de Geologia e de Agronomia, e do estudo comparativo das utilidades e das necessidades actuaes e futuras do homem e da sociedade, que toda pretensão de formular sobre ella juizes categoricos é, pelo menos, prematura.

Pondo-a de parte como these, ha um aspecto da nossa riqueza natural que se nos impõe á attenção: a da relação do clima com a productividade da terra. A natureza equatorial e tropical carece de certos elementos primordiaes de conservação da fertilidade das terras e da regularidade das produções: os geos e as neves, mananciaes de aguas correntes e fontes de humidade, para a atmosfera e para o solo: a queda annual das folhas, origem da terra vegetal.

Em nossos climas, estes elementos são substituidos pelas condensações atmosphericas, alimentados os terrenos pelas aguas que ali se formam. Preservar as florestas, nos espinhaços das serras, nos altos dos morros, nos planaltos, nos pontos elevados, e, em geral, em toda a parte onde a derrubada não fôr imposta por necessidades reaes das populações no cultivar a terra por processos racionaes, intensivos e conservadores, torna-se, assim, para nós, um interesse vital, de dobrada im-

portancia, em relação aos países frios ou temperados, onde estes assumptos já fazem, aliás, um pouco, objecto de cuidados governamentais.

O nosso systema hydrographico, tão desigual e ingratamente distribuido, tão mal estudado e brutalmente desperdiçado, sem nenhum regimen de canalização e de irrigação; as nossas florestas, tão levemente devastadas, nesse afan de ir estendendo populações aventureiras e empresas capitalistas, que lastram, como pragas devastadoras, por todo o territorio, — sem amor pela terra nem interesse pelo futuro humano, — estão a pedir, antes, uma politica de conservação da natureza, de reparação das regiões estragadas, de concentração das populações nas zonas já abertas á cultura, sendo educado o homem para aproveitá-las e para as fazer fructificar, valorizando-as.

O caso norte-americano não se póde reproduzir mais, no estado actual da civilização, em que, ao surto do progresso material, hão de succeder novos estímulos e nova posição do problema humano, para evitar as mais graves perturbações á ordem e perda das mais preciosas conquistas, da evolução social. E, quando essa repetição fosse possível, o Brasil seria, com seu meio insufficientemente conhecido para uma vasta colonização e um arrojado commercio, o terreno menos apto ao

novo ensaio. No estado de desequilíbrio entre a distribuição das populações e o aproveitamento das terras, que caracteriza uma das faces mais graves do problema mundial, o destino do Brasil não pôde ser o de offerecer novas regiões a explorar e novas riquezas ás ambições immediatas dos povos superpovoados ou excessivamente ricos, mas o de ir realizando, á medida que o estudo dos problemas da sua natureza o permittir, com a installação quasi patriarchal, a principio, dos co'onos, e com estabelecimentos agricolas de caracter mais industrial, depois, a solução do problema fundamental da sociedade contemporanea, que consiste em fazer regressar o homem ao trabalho da producção — ás industrias da terra. O desequilíbrio das sociedades modernas resulta, principalmente, da deslocação constante das populações, das zonas rurales para os centros populosos, da agricultura para as industrias, do esforço productivo para as manufacturas e para o commercio. O Brasil tem por destino evidente ser um paiz agricola: toda a acção que tender a desviar-o desse destino é um crime contra a sua natureza e contra os interesses humanos.

As sociedades modernas estão já pagando, com a carestia da vida, pesaço tributo ao desaproveitamento do solo e do braço humano, á activida-

de infecunda e á inercia do maior numero: uma das mais graves consequencias da politica do capitalismo, das especulações mercantis, da febre de enriquecimento. O Brasil ou será o paiz da regeneração do homem pelo trabalho, ou representará, na historia da civilização, um roubo das gerações contemporaneas ao progresso humano. Contribuir para este escandalo, seria uma vergonha para brasileiros e para estrangeiros: um crime, para os nossos governantes.

Para realizar o seu destino, cumpre-lhe reagir contra o açodamento dos que procuram fazer a exploração extensiva das riquezas naturaes, jogando com os capitais disponiveis nos grandes mercados monetarios do mundo. Está nisso um dos maiores males economicos da nossa época: a principal causa das perturbações da ordem internacional, a origem das zonas de influencia, dos conflictos de ambição entre as grandes potencias, dos protectorados e das conquistas a mão armada. Os mais graves erros e attentados da politica internacional contemporanea têm, todos, origem na ambição incontida de capitalistas, syndicatos e bancos, que se não contentam com empregos de capital razoavelmente remunerados e regularmente amortizados e, ainda mais, em manejos de corretores e intermediarios de negocios, apoiados por

poderosas instituições financeiras, á caça de fortunas rapidas, em empresas coloniaes.

Nas sociedades novas, sem costumes e sem organização economica favoraveis á distribuição das riquezas, vê-se, em elevada potencia, um phenomeno identico ao das sociedades fendaes, baseadas na suzerania e na vassalagem, por um lado, e na servidão do trabalho, por outro: os elementos parasitas, protegidos pela força — que, em nossos tempos, está principalmente no capital — associam-se, todos, contra os productores. Se a força do capital — que não é um productor de riqueza, senão um simples motor da exploração e da circulação — está no estrangeiro, a associação dos interesses nacionaes activos e dominantes pende para o elemento mais forte, contra o elemento explorado: e a producção nacional é sempre vencida, ainda que, quasi sempre, num lento sacrificio mudo e inconsciente.

Imitando as tendencias das sociedades europeas, e cedendo á attracção dos prazeres e vaidades que seduzem a gente das camadas superiores do mando moderno, os americanos do norte, em primeiro lugar e em plano destacado, e os do sul, em seguida, vão desvirtuando o character da sua civilização e dissipando os patrimonios nacionaes. Daí: o desenvolvimento dos inumeros processos

e instrumentos pelos quaes, em alguns dos paizes novos, e no Brasil, assignaladamente — por effeito de causas já apontadas — a riqueza nacional, mobilizada, tende a emigrar, e todos os agentes economicos, sociaes e politicos, tornam-se auxiliares, quando não co-autores, do empobrecimento geral, com perda do estímulo productivo, afrouxamento da probidade economica, robustecimento progressivo do prestigio e do poder dos que representam interesses estranhos.

Em relação a quasi todas as nossas industrias, e commercio nacional, os intermediarios mercantis, todos os que exercem profissões liberaes, os banqueiros, e os capitalistas, são collaboradores do estrangeiro, no exgotto das riquezas e no exodo de capitães; os habitos pessoaes e os costumes da sociedade cooperam para avolumar as correntes de drenagem. E, como a producção e o trabalho não são representados na sociedade senão pelos seus elementos menos cultos — quasi bisonhos, em sua simplicidade, e perdidos, na maior parte, no isolamento do campo e das cidades remotas — os letrados, os homens de imprensa, os profissionaes diplomados, os politicos, os governantes — órgãos de um pensamento, literario e scientifico, importado, e sem adaptação, e advogados dos interesses dos que conseguem fazer-se ouvir, gosando de

prestígio social e dispendo, em summa, dos instrumentos de publicidade, — fazem a obra nefasta do parasitismo, sobre a planta robusta da exploração colonial.

A analyse das influencias dominantes na formação da mentalidade brasileira, e que preponderam na direcção da nossa vida pratica, pertence ao numero dos problemas que mais se impõem á attenção dos politicos. Se não é absolutamente certo que a humanidade tem sido dirigida por idéas, é rigorosamente exacto que as idéas, como factos psychicos, possuem um poder suggestivo: são fontes e motores de impulsos e de emoções. A evolução das sociedades humanas tem sido, principalmente, obra de impulsos e de emoções.

Derivando de uma civilização elevada e distincta, que, quando não houvesse dado outras provas da superioridade da raça que a produziu, contaria, só na herança artistica e literaria que nos legou, um alto documento de capacidade; gente que, por comprimida numa faixa de terra, entre os embates das immigrações continentaes e o oceano, não pode prosperar e engraudecer-se, na época em que o futuro dos povos modernos se jogava no campo das conquistas imperialistas; — o nosso espirito, guiado, em grande parte, pela fatalidade da lingua, cedeu aos mesmos impulsos das influen-

cias religiosas, academicas e sociais, dominantes na mãe-patria, não educou a observação e a experiência, e carecia de elevação ideal, de força de pensamento e de exercício do raciocínio, quando realizamos a Independência.

As letras onde fomos, após, buscar alimento para a nossa curiosidade, as letras francezas, passavam, por sua vez, também, por um estado de desordem, de inspiração reflexa e de tibieza, na iniciativa e na produção.

Observa-se, assim, em quasi toda a nossa historia intellectual, em primeiro lugar, um notavel abatimento, no nivel da cultura philosophica, das idéas geraes, do espirito de generalização. Os intellectuaes eram, quasi todos, tambem, profissionaes; á educação academica, literaria e formalista, os misteres e contingencias da profissão juntavam mais uma causa de depressão intellectual, com a especialização dos conhecimentos. Se se encontram, assim, por vezes, aqui e acolá, ao tempo da primeira constituinte, nas palavras e nos escriptos de alguma intelligencia mais ambiciosa, citações dos nomes do alto pensamento humano, na Philosophia, na Sciencia, ou na arte que tem por material a linguagem, se se deparam referencias, menos ás idéas desses grandes espiritos, do que ás suas formulas e maximas — engastadas, nas pe-

ças oratorias, nos artigos e em livros, como joias, para atavio literario — o nivel commum da instrucção era o da illustração, collhida nos tratados, nas obras de commentario e de desenvolvimento, nas de actualidade e de impressão.

Tal tem sido o nivel do nosso preparo mental, até hoje. Nós temos illustração; não temos cultura.

Sem possuir estabelecimentos de cultura geral nem órgãos privados que a façam, a nossa curiosidade intellectual, estreitada e abatida pelas cogitações profissionaes, divaga, desnortçada, no oceano de tinta da imprensa moderna, sem attingir, nem á formação da personalidade, nem á lucidez da consciencia.

Nascem dahi as duas situações mais communs, no pensamento brasileiro: tendencia para as orthodoxias, como resultado dos conflictos das intelligencias, entre mundos de opiniões e orientações divergentes, e como abrigo dos espiritos mais fortes e das consciencias mais exigentes; e essa attitude de vacillação e de duvida — quasi de inexpressão cerebral — bem caracteristica do “intellectualismo”, rico de conhecimentos e de idéas, capaz de prodigios de dialectica, mas de todo inapto para affirmar uma convicção, para applicar uma these aos factos, para vencer a inercia paralytica,

própria da insuficiência mental no dar força creadora á idéa, em transformar o pensamento em impulso volitivo.

Neste estado de espirito, ébrio de phrases e de palavras, sedento de impressões violentas, submisso aos typos da moda, a notoriedade substituiu a auctoridade, a literatura facil, de divulgação, e impressões ligeiras, colhidas nos *compte-rendus* e nos noticiarios, suffocaram o juizo, o gosto e o discernimento. Os espiritos são movidos, como pelas grandes rodas dos colossaes machinismos da imprensa diaria e periodica, á força de tiragens. E, sendo a noção desenhada nos cerebros pelas idéas de civilização e de progresso, a dos aspectos visuaes e das emoções dos grandes centros de agitação e de luxo, os estímulos que aqui se apresentam, como modelos e como exemplos, são os das apparencias mais superficiaes da vida quotidiana dos povos adeantados.

Os theoreticos repetem, machinalmente, as doutrinas e sentenças em moda: systemas rigidos e construcções facticias, umas, — condemnadas á esterilidade, como specimens de herbanario e collecções de muscus — nos annaes do pensamento; contrarias, outras, á realidade, e oppostas, no combate das idéas (reflexo do embate das tendencias antagonicas dos interesses) aos nossos interesses

vitae. Outras formas do pensamento menos pretensiosas adoptam, com as últimas *sailies* dos humoristas e phrases dos academicos celebres, os juizos correntes na Europa, — em regra, expressivos de um estado de sentimento e de idéas, extranhos, senão hostis, aos nossos.

Sobre tudo isto, a opinião dos jornalistas e dos financeiros impõe a ditadura das correntes de idéas, favoraveis aos interesses dominantes. A opinião das massas, manifestada nas expansões populares, ou por seus órgãos de publicidade, reflecte o interesse dominante em cada época e o estado dos espiritos em relação a este interesse.

Não é licito duvidar de que, na actual situação economica da Terra, com o desequilíbrio que caracteriza as relações da produção e do consumo, e com o inflacionismo commercial e industrial, os interesses dos grandes centros de negócios estão, naturalmente, em conflicto com os interesses dos paizes novos, que elles exploram mercantilmente. O pensamento, que os espiritos educados na literatura ligeira e nos artigos de jornaes, e os brasileiros viajados, recebem, das palestras e da vida mundana — que nos vem, enfim, por varios canais, da City, de Londres, e da Bolsa, de Paris, trazendo a impressão da sensibilização da finança sobre os riscos de seus interesses — é um

pensamento, senão sempre adverso, sempre alheio aos nossos interesses. A opinião vulgar dos europeus e dos homens de finanças, principalmente, indifferente a altos ideaes e á sorte dos povos, não vê, em nossas fortunas e nossas vicissitudes, senão o aspecto da sua repercussão sobre as rendas publicas e sobre os juros de titulos, de seu effeito sobre os lucros commerciaes.

Este interesse não caminha parallelamente ao nosso; e o effeito daquellas impressões sobre as nossas cousas, transportadas pelas alviçaras dos brasileiros que viajam e que aprendem por artigos de jornaes, entra no numero das causas mais graves dos desvios da nossa educação.

As crises das nossas finanças expõem-nos, por outro lado, a mais nova subordinação. Absorvidos nos cuidados do credito no exterior e acabruinhados pela pressão das dividas, descem os governos a um verdadeiro estado de subalternidade, sob o temor do credor estrangeiro e a pressão do capitalista, e não têm nem o criterio nem o braço livres para dar ao paiz a orientação indicada por seus interesses permanentes e ordinarios. São escravos dos interesses estrangeiros.

A soberania dos paizes avariados — usando a expressão, já hoje classica, do Sr. Leroy Beaulieu — só não sofre os vexames das aggressões

diplomaticas, porque corretores e zangões incumbem-se de liquidar, nos corredores das Bolsas, á custa dos interesses da nação devedora, as contas, usurarias, dos empréstimos.

A independencia de um povo funda-se, antes do mais, sobre a sua economia e sobre as suas finanças. Edificar sobre a nossa autonomia economica, alimentada pela iniciativa, pela energia e pela tenacidade, que já provamos possuir; e sobre a mais severa exactão nas nossas finanças, — um pensamento nacional a respeito das cousas da vida humana, e um juizo nosso, sobre os nossos problemas e os nossos destinos: aqui está o guia do nosso esforço patriótico. E esta obra não é uma obra de educação: é uma obra de direcção politica. Nenhum povo tem a educação necessaria para dirigir seus interesses geraes.

Intellectuaes, porém, e, em geral, homens de letras, estão longe de occupar a posição que lhes compete na sociedade brasileira. Não formam, até hoje, uma força social.

A intellectualidade brasileira levou ao ultimo extremo essa attitude de impassibilidade perante a cousa publica a que a absorpção do espirito, em estudos especulativos e o desinteresse pela vida e pela realidade habitou philosophos e cultores da arte.

A inspiração reflexa da arte europeia e o pensamento de empréstimo tiram aos que falam á nossa sociedade todo o prestigio efficaz: sente-se, em quasi toda a obra espirital dos nossos homens de letras e de sciencia, a tendencia subalterna de espiritos não educados para comprehender e para applicar: cerebros oberados de idéas, de formulas e de imagens, seão de todo alheias, de inspiração e de feitto alheios. Em nossa bella intelligencia, tão aguda e tão luminosa, a memoria, a imaginação passiva, de simples forma, puramente verbal, a facundia e a facilidade de produzir, tomaram o lugar da capacidade de conceber e de elaborar.

Os capitalistas, estes se voltassem os olhos para o passado, verificariam, com um simples relance, que o capital e a riqueza, no Brasil, raro passam de uma geração. Os habitos de trabalho e de economia, a arte de ganhar, de accumular e de gerir as fortunas, não são transmittidos aos herdeiros, — educados, ao contrario, para o simples gozo, para a dissipação dos haveres. Não ha seguranças testamentarias, garantias juridicas de qualquer especie, capazes de evitar o esboroamento das fortunas, quando a sociedade é dominada por forças contrarias á esterilidade e á conservação, quando os individuos não têm sido preparados para defender seus patrimonios.

Em conflicto permanente o homem e a terra, como os interesses do habitante e os dos novos imigrados, não se forma nunca a "economia nacional", não se desenvolve a "sociedade". Eis o que explica as crises, as ruínas, as fallencias periodicas, que deslocam fortunas de geração para geração, destruindo, hoje, ao sôpro de um accidente commercial, ou de uma crise financeira, fortunas hontem florescentes.

Nesta phase da evolução humana, o capital brasileiro está á mercê de tendencias sociais e politicas estranhas, ha pouco difficis de perceber, hoje patentes, aos olhos dos que se dão ao simples trabalho de lêr telegrammas e noticias de jornaes. A lucta entre o imperialismo financeiro e a liberdade economica dos paizes fracos; a lucta do imperialismo militar, com a independencia, ou, pelo menos, a autonomia, destes paizes, — que será o capitulo seguinte; a lucta do capital e do trabalho; a fórma particular do problema social no Brasil, indefinida, e, por isso, despercebida de observadores superficiaes, — jamais capaz de produzir crises violentas, mas de força a anemiar, até á ruina, as fontes da nutrição nacional; o problema do trabalho e da producção rural; — são elementos que se estão precipitando, na politica mundial e na do paiz, com uma celeridade e um impeto que po-

dem, de um instante para outro, subverter todos os valores sociais, destruir todas as bases da fortuna, anular-lhe todos os títulos. A simples lembrança das crises do valor da propriedade móvel e imóvel, em nossa época, bastaria para convencer os homens de capital, da necessidade de adherir a uma politica previdente, que, sem a esperança vã de resistir á evolução inevitavel dos problemas do trabalho e do capital, defenda a economia brasileira do risco de ser incluída, em proveito de interesses alheios, e prepare a nossa sociedade para ir substituindo as instituições e os costumes, sem subversão e sem sacrificios.

A insufficiencia das nossas estatísticas do commercio exterior e a falta completa de estatísticas de commercio interno, tornam quasi impossivel um estudo sério dos resultados do intercambio economico, comprehendendo todas as verbas da troca e da deslocação dos valores; mas, se um governo, desejoso de ter a consciencia exacta da marcha da riqueza nacional, confrontasse o seu valor actual com o das duas gerações anteriores, — trabalho que não seria impossivel, pelo systema da somma das successões hereditarias, durante o numero de annos que fazem a média da vida no Brasil — tenho por certo que, tomando em conta as differenças do valor da moeda, do seu poder acqui-

sitivo e do custo da vida, o augmento da riqueza nacional seria nullo, em confronto com as nossas perdas colossaes, em riqueza exportada, em applicações improductivas de capitaes, em desvalorização da propriedade privada e desbarato da natureza.

O Brasil apresenta-se ao mundo como o melhor terreno, talvez, para solução de mais de um de seus problemas. Nisto estará a sua gloria, ou disto virá a sua ruina. Se as soluções se forem operando com a consolidação da nossa independencia social e economica, a nossa soberania politica será laureada com uma das mais brilhantes posições, na politica mundial; se se operarem pelo assalto de capitaes, pela occupação e conquista da produção e do commercio, seremos uma co'onia tropical de companhias e syndicatos estrangeiros.

Para manter independente a nação, é imprescindivel preservar os orgãos vitaes da nacionalidade: suas fontes principaes de riqueza, suas industrias de primeira necessidade e de utilidade immediata, seus instrumentos e agentes de vitalidade e de circulação economica; a viação e o commercio interno: a mais ampla liberdade de industria e de commercio. Nenhum monopolio, nenhum privilegio; a mais plena garantia e proteecção ao tra-

balho livre, á iniciativa individual, á pequena produção, á distribuição das riquezas.

Precisamos, para isso, de homens e de capitães, proclamam, sollemnemente, os que governam. Estou de accôrdo, com a condição de accrescentar-se um terceiro elemento, que não occorre a ninguém, collocando-se em primeiro lugar: o de trabalho; e com a clausula expressa de que, se o Brasil precisa de capitães e de homens, só os não tem recebido, e os não continuará a receber, naturalmente, sem solicitação, em boas e justas condições, por não haver organizado o seu trabalho.

Entre as fórmulas ambiguas da nossa logomachia politica, uma das mais queridas é a do povoamento do solo. Não se sabe bem qual a entidade a que se pretende consagrar essa mercê do povoamento.

Para espiritos habituados a representar os objectos concretos e as abstracções, como realidades definidas, um paiz, uma nação, uma patria, pôde exprimir uma destas tres cousas, ou o conjuncto das tres: o territorio, o povo e a sociedade; para espiritos de criterio politico, a sociedade é uma realidade, complexa e viva, amorpha, elastica e dynamica, que se estende, num momento dado, sobre o territorio nacional em que existe, envolve-se, indefinidamente, das épocas remotas

da sua formação para o presente, projectando a sua vida e a sua evolução para o futuro, com uma logica tão necessariamente previsivel como a sociedade contemporanea é visivel. O futuro apenas deixa de ser um facto, por falta de apresentação objectiva. O futuro de uma sociedade é, politicamente, uma abstracção positiva, uma realidade anticipada.

Retida esta observação, uma outra se impõe aos que estudam factos sociais. Quando se cogita de preparar o futuro de uma nacionalidade, qual é fim, o escôpo, o ideal em mira, no espirito de politicos e estadistas? O bem do homem, o bem da vida, a satisfação do conjunto de necessidades e interesses que resultam dos desejos e das affeições phisicas e mentaes do homem, e que se traduzem, na vida pratica, pelas expressões de bem-estar, de felicidade, de contentamento.

Em relação ao territorio, o povoamento não é, por si só, nem um bem, nem um mal; mas, no interesse do territorio, o objectivo politico deve ser, não o do seu aproveitamento inconsciente, o da "mise en valeur" — nome tecnico da arte, cara a barqueiros, economistas e corretores coloniales, da extracção incontigente dos productos da terra — mas o do seu aproveitamento util, em beneficio geral; o da conservação das fontes matrizes das

riquezas, dos elementos primários de produção, de correção e reparação das condições secundárias da produtividade. Povoar um território sem educar o homem para a produção económica, sem organizar o trabalho, importa roubar á terra e causar mal ao homem, fazer das populações infecções corroedoras da superfície do solo. Este povoamento nós o temos feito, como todos os povos novos; tal será o resultado da colonização, como tem sido praticada.

Quanto ao povo, á geração actual da sociedade brasileira, a simples contemplação do espectáculo das nossas populações basta para demonstrar que a lucta com uma massa avultada de colonos e com a força de capitães, não é o remédio que se lhe está recommendando, como acção politica. Expressão, como factor social, de uma fracção deliberadamente abandonada, confessadamente desprezada, conscientemente condemnada por incapacidade physica e por incapacidade moral, pelos que o dirigem; calumniado por vezes até no espirito, no character, na probidade, pelo grupo de seus filhos que sabe falar e escrever, este povo só tem por necessidades a impor a seus governantes a justiça, por um lado, as suas qualidades, e uma severa, mas humana e nobre, politica de educação para o trabalho. Se os nossos estadistas esturlassem a nossa

sociedade e lessem o que se passa em outros países, saberiam que o phenomeno, até ni observado, da deslocação das populações nacionaes, do trabalho para as profissões improductivas e para a ociosidade, é geral, principalmente nas nações rapidamente colonizadas. Nos Estados Unidos, a robustez, a operosidade e a energia dos anglo-saxões estabelecidos, quasi os não defendem da invasão de forasteiros, menos ainda da de emigrantes mais sobrios, mais humildes, mais submissos, como os irlandezes, os italianos, os chinezes, os japonezes. O sacrificio das gerações de brasileiros, na lucta com as forças de colonizadores e do capital, não é um facto ethnico, é um facto social, que se reduz, por fim de contas, a um facto politico, porque é obra dos governos.

Em relação á sociedade, em seu aspecto permanente, o problema da colonização é tão complexo, que é impossivel examinal-o, no quadro limitado de um estudo. Comprehende-se que um paiz novo, de rapida prosperidade, procure obter supprimentos de população, proporcionados ás suas necessidades, comprehende-se que outros desejem desembaraçar-se de seus excedentes. Nestes termos limitados, a colonização é uma solução provisoria, a certas crises da politica nacional. Comprehende-se que, como meio transitorio de acudir

a certos interesses de uma geração, solvendo alguns dos problemas occasionaes da ordem e do progresso mundial, se concertar, entre as nações, um plano de colonização, sujeito a outros requisitos e outras garantias de segurança; mas acreditar que a colonização é meio normal de povoar regiões deshabitadas, descongestionando, effectivamente, outras, é erro muito crasso, para homens de estado.

Já em estudos anteriores havia eu chegado a duvidar do real incremento das populações, por effeito da colonização, quando, em recente trabalho de um sociologo americano, encontrei consignado que a população norte-americana deixou de crescer, na mesma razão do seu crescimento anterior, depois de iniciadas as fortes correntes immigratorias.

No fim de algumas dezenas de annos, depois da politica de colonização, os Estados Unidos tinham uma população bastante inferior á que deveriam ter, pelo simples effeito da reproducção.

No interesse da humanidade, o sacrificio do nosso povo — effeito inevitavel da politica de capitalismo e de colonização — seria inutil, senão pernicioso. O Brasil é, ainda, e apesar da acção de seus governos, um repositório e uma reserva de riquezas; e a humanidade, crescendo desproporcio-

nadamente á sua producção, e, principalmente, ao seu systema de distribuição economica, está pedindo, neste momento, licções, e escola, de productividade economica, ao contrario das de exgotamento da natureza, que é o que se tem feito e se está fazendo, com pueril e demente imprevidencia, entre nós.

Ha um argumento, facil de adivinhar, nos labios dos discutidores de palestra, contra estas razões: a sciencia resolverá, a sciencia está resolvendo, estas difficuldades. A "Sciencia", esta sciencia providencial para quem se appella, sem noção bem precisa do seu poder e do seu alcance, é uma das divindades do palavroso mysticismo contemporaneo. O pendor mental para admittir creações habituou o espirito humano á idéa de que a sciencia é capaz de gerar, de produzir, novos seres; a sciencia não inventa, não trêa, não fabrica; toda a sua acção — realmente racional, realmente "scientifica", permitta-se-me o pleonasmo — por que só neste sentido ella é auxiliar do phenomeno universal, insophismavel, da evolução — deve consistir em conhecer, aprofundar e analysar, os methodos, os processos, os meios e leis de desenvolvimento, da reproducção e da transformação, — para auxiliar as syntheses naturaes: nunca, para as substituir, para as produzir ou para as crear.

Ha, é facto uma sciencia de laboratorio, com que espiritos phantasistas, por um lado, e espiritos mercantis, por outro, esforçam-se — obedecendo, sem o sentir, á mesma orientação que guiou os alchimistas na pesquisa dos meios de fabricar o ouro, ao mesmo estímulo que tem conduzido os que estudam os factos da vida humana a cultivar de preferencia a medicina, aperfeiçoando a arte de inventar remedios, em vez de estudar os meios de defender, de propagar e de multiplicar a saúde, pelo desenvolvimento das condições normaes da existencia — sciencia em que é ainda visivel a tendencia da imaginação primitiva para as maravilhas e para os milagres, ao lado da ambição de dominio espirital, de feiticeiros e de magicos, e de uma forte dose de cobiça industrial; que se esforça, diziamos, por substituir as creações naturaes por creações de synthese. Tal sciencia, quando não representa uma illusão, não é senão um erro de especialistas, que só alcançam os fins e as probabilidades, parciaes, ou momentaneas, de seus inventos — pagos, afinal, com o desequilibrio das forças phisicas ou economicas, da Terra e do homem.

Não é possivel, por mais que se procure attenuar a imagem da nossa dissidência, para com os interesses vitaes do paiz, na orientação que lhe estão

dando os seus financeiros e administradores, dissimular a penosa impressão dessa renúncia da autonomia, da capacidade económica, da personalidade nacional. Jamais, em qualquer das nações avariadas do mundo, se viu permittir tão completa, tão imprudente, tão leviana, alienação de riquezas e de negocios. Aos titulos da divida pública, e aos titulos garantidos, de empréstimos estadoaes, que dão a certos trechos do territorio nacional uma posição de verdadeiros feudos das bolsas estrangeiras; aos empréstimos, que, sem fiscalização, e sem sciencia, talvez, da União, vão fazendo, no estrangeiro, as municipalidades; ás industrias, fundadas e exploradas por empresas estrangeiras; ás estradas de ferro, que já lhes pertenciam; ao lento processo de apropriação por estrangeiros, de meios de trabalho e de fontes de riqueza: factes que resumem a historia da nossa colonização, — juntar, de chofre, sem que isso represente um phenomeno normal da nossa evolução económica, senão simples consequencia do nosso desgoverno, da existencia, nos mercados estrangeiros, de capitães desempregados (causa e origem da politica imperialista) e da sollicitação de agentes e intermediarios nacionaes e estrangeiros, uma instantanea alienação das mais extensas e das melhores das nossas estradas de ferro, concessões, de toda a especie,

para explorações industriaes e monopólios virtuaes de industrias essenciaes á vida do povo: — a cessão, enfim, das fontes da vida e das obras vivas da nacionalidade: — vale por uma verdadeira confissão de demencia. Não é outra a historia do imperialismo e da politica expansionista, na China, na Turquia, no Oriente europeu; não foi outra, a do Egypto e de Marrocos. E, quando a mais ligeira informação sobre a origem de taes negocios auctoriza a suppor que elles obedecem a vastas combinações, notando-se o entravamento com outros movimentos politicos, dessas operações financeiras, o caso começa a apparecer aos olhos, com um aspecto, que pôde pôr em causa, ao vêr de estrangeiros, o proprio zelo dos nossos governos pela integridade do paiz.

A historia, deploravel, da nossa vida politica, com a falta de ordem legal, e, por vezes, da propria ordem material, os nossos eternos "deficits", ameaçadores e sem promessa de correctivos, a violação das leis e da Constituição, notorios abusos administrativos, só ignorados, parece, pelo governo, tudo isso seria bastante para que a alma nacional, o sentimento patriotico deste povo, reclamassem, num só braço, energica e prompta reacção, — para que o governo deliberasse enfrentar as nossas difficuldades e as ameaças accumuladas

sobre o nosso futuro; para que os nossos braços se erguessem, enfim, num só movimento — prompto, energico, seguro — a deter o paiz, despenhado por esse declive de ruina e de dissolução.

Mas os factos a que me venho referindo, estes, são de ordem a não admittir discussão, delongas, tergiversações. Isso que ali se está passando não pôde ser consummado. Uma nação pôde ser livre, ainda que barbara, sem segurança e sem garantias juridicas; não pôde ser livre, sem o domínio de suas fontes de riqueza, de seus meios de nutrição, das obras vivas de sua industria e do seu commercio.

Não é uma reacção nativista, que se nos está impondo: é um simples acto instinctivo de conservação, um vulgar movimento de defesa: a mera demonstração da nossa consciencia, sobre a realidade. As melhores organizações militares nada valem, na defesa de paizes occupados pelas “armées financières des états...”.

IV

Nacionalismo

Neste caso de renuncia nacional, aggravado pela apropriação, por empresas e syndicatos estrangeiros, por estrangeiros recentemente immigrados, por um commercio sem séde no paiz, e estrangeiros em transitio ou com estabelecimento passageiro pelo tempo preciso para enriquecer, de vastas regiões do nosso sólo, das melhores das nossas estradas de ferro, das nossas fontes naturaes de riqueza, de grande numero de propriedades privadas, dos mais importantes instrumentos de credito, de commercio e de industria, levada até ao projecto de uma rêde continental de estradas de ferro, que deve talhar o paiz em zonas de influencia estrangeira; — é impossivel dissimular o espanto que provoca o contraste entre a gravidade dos factos e a singular attitude dos que têm governado o paiz e dirigido a sua opinião.

O povo brasileiro jamais cogitou de um perigo nacional que o affrontasse de subito, ameaçando-o, como o despenhar de uma avalanche, com a apropriação do melhor do seu patrimonio bruto e de seus bens em exploração, subordinando-o virtualmente ao governo de estrangeiros, e ponho a continuação da sua integridade, da sua independencia e da sua soberania á mercê das grandes potencias economicas e militares. Nunca teve de cogitar de taes cousas, primeiro, porque o Brasil parecia estar, até ha pouco, acima da possibilidade de assaltos desta natureza, pela solidez do seu credito e prestigio da sua administração, impondo-se á estima do mundo, como terra livre dos desvarios, das leviandades e das illusões de certos povos, que, para satisfazer a vaidosas aspirações de apparente progresso e dar largas aos caprichos perularios de uma geração, desprezam o trabalho, a producção, as alegrias sãs do esforço e do labor paciente, entregando-se ás mais arriscadas aventuras. Depois, porque a nossa terra era vasta e afigurava-se-nos rica, dispensando-nos quasi da lucta, fazendo-nos esquecer o previdente dever de acautelar o patrimonio, nosso e dos nossos...

Não tendo de formar idéas politicas, de saber leis economicas, de comprehender os factos da sua vida e da dos outros povos; não lhe cabendo for-

mular e resolver a equação do seu desenvolvimento, com o estudo da relação entre o estado da sua economia e a economia dos demais países, mais audazes e combativos; repousando, em summa, entre o doce descuido da sua vida confiante e o intrepido avanço conquistador dos outros, o nosso povo vivia cego á realidade — entretanto, evidente — de uma nação que não chegou a se definir — entre as gerações fortes dos colonos que a vêm explorando e as dos indígenas e filhos de colonos, annullados para o trabalho e para a licita.

O povo não tinha meios de prevêr o perigo. Confiava, como era natural, nos que o governam e nos que exercem a missão de o dirigir. Somos um país juridicamente organizado, com uma constituição e leis, instituições políticas, administrativas, poderes publicos e funcionarios. Estesapparelhos e instrumentos não têm outra razão de existir, outro titulo de legitimidade, senão os que lhes vêm do mandato de zelar pela causa publica, de gerir os interesses collectivos. Preservar o interesse geral contra a somma dos interesses individuais; dirigir a vida permanente do país, através dos impulsos pessoais e das correntes passageiras da paixão, da ambição e das illusões; defender o todo contra as partes, a aggregação contra a desaggregação, o interesse publico contra os appeti-

tes, o progresso nacional contra as cobiças, o bem-estar de cada um e o bem-estar de todos, contra as phantasias, as leviandades, a precipitação de maiorias, ou de minorias accidentalmente predominantes, e de cada um; a segurança da propriedade e dos direitos, contra os regimens aleatorios, que, com suas leis e actos ineptos, põem em jogo os haveres de todos; a sorte das diversas camadas da sociedade, condemnadas aos azares do trabalho instavel e á carestia da vida, com a desorganização economica da sociedade, quando a politica dos governos é contraria á corrente dos interesses do paiz — é a missão daquelles orgãos. O povo sabia que tinha governo, legisladores e administradores, e não podia senão confiar que seus mandatarios estariam alerta, em guarda á defesa das suas visceras, dos seus nervos, do seu sangue...

O povo sabia que o paiz conta grande numero de academias, de estabelecimentos de ensino: uma ampla sociedade de homens de letras, de scien-tistas, de professores. Sabia e não podia deixar de esperar que, imminente o perigo, estes homens, habituados a lêr, em seus livros, em seus jornaes, em suas revistas, a exposição dos factos, dos pheno-menos, dos acontecimentos, da marcha dos interes-ses e dos problemas, durante o curso da Historia e na vida de outros povos, se levantariam, *una*

voco, para reclamar dos governantes a prompta, a energica, a firme reacção que impõe a crise extrema da nossa organização social, da independencia ethnica, moral e economica do paiz, da integridade da nossa soberania, do nosso prestigio de nação livre, de seu nome de povo idoneo, cioso da sua terra e arbitro de seus direitos.

O povo brasileiro sabia disto e descançava, com toda a justicia, á sombra desta confiança; não pôde, não deve, não tem que sofrer censura nem pena, incorrer em responsabilidade, pela inadvertencia de seus chefes. deante de factos desta ordem.

Fique esta affirmacão aqui consignada, como artigo capital, para o futuro juizo em que se fizer o julgamento politico, ou — se a eliminacão é a sorte que nos reserva o destino — duramente moral, desta crise brasileira, que é tambem um grave accidente da evoluçãõ humana.

A consciencia nacional precisa encarar, face a face, sem tergiversações, sem panico, mas, tambem, sem illusões, o drama politico que se lhe depara. Deve, para isso, dissipar, em primeiro lugar, dous equivocos, sobre os quaes repousam habitualmente a inercia dos que fogem ao cumprimento do dever e a incuria dos que não querem reagir. Um destes equivocos diz respeito ao valor da acção dos governos, como auctores ou factores de

casos desta ordem e órgãos próprios para lhes dar emenda e correção; o outro, a significação real de certa ordem de conceitos e de fórmulas, ordinariamente invocados, em termos vagos, pelos que discutem estes assumptos — sem clara consciencia, quasi sempre, do que exprimem, mas com fé profunda, reverente, quasi devota, sempre, em sua virtude e seu poder. Refiro-me ao valor das muito repetidas “leis espontaneas e naturaes da evolução social”, “tendências necessarias do desenvolvimento humano”, “causas e effectos dos phenomenos e factos historicos”, “acção mechanica das forças da evolução, do desenvolvimento e do progresso”: o determinismo melhorista, dos credulos, e o determinismo indifferente, dos scepticos: — as muitas abusões, em summa, que o pedantismo e o comodismo puzeram, em nossa época, no lugar da Providencia, para que costumam appellar nossos avós.

Nada ha mais commum que deparar, em escriptos dos nossos intellectuaes sobre questões sociais, com phrases desta ordem: “Ha uma lei de mechanica. . .”, como se as leis de mechanica, ou de qualquer outra sciencia exacta, tivessem, com os factos da sociedade, relação pratica mais apreciavel do que a influencia hereditaria da vinha de Noé sobre as uvas das nossas sobremesas. . .

Sob inspiração da *Philosophia* revolucionária, do preconceito egualitário de Jean Jacques Rousseau, do "materialismo histórico", de Karl Marx, de certas interpretações, mechanistas e automatistas, dos processos da evolução, erigiu-se em axioma a idéa da desvalia, ou, pelo menos, da insignificancia, da acção dos governos e dos individuos, na marcha dos acontecimentos e na direcção da vida social. Certas forças, materiaes ou collectivas, contêm o poder decisivo, a energia incontrastavel, que dispõe da sorte dos povos e das nações. Os governos são meros productos, no presente, da operação de taes forças; os individuos, órgãos ou instrumentos do poder magico desses elementos, cegos e incoscientes. . .

E' alheio a esta questão o velho debate do determinismo e do livre arbitrio. Nem o determinismo implica fatalidade, na occorrença dos factos e na successão dos acontecimentos, nem o processo mental de selecção das representações psychicas, de formação da consciencia e do juizo, nos individuos e na sociedade, importa, necessariamente, exercicio do livre arbitrio. De parte esta these de doutrina, a verdade inilludivel, que o estudo da evolução humana demonstra, é que o estado actual da civilização é, em muito mais alto grau, producto da governação dos povos e da sua direc-

ção intellectual, que das forças materiaes que condicionam a vida e das forças collectivas que dominam os phenomenos propriamente sociaes. A phase da evolução humana a que chegámos tem sido caracterizada pelo predomínio do factor politico sobre os factores cosmicos e sociaes do desenvolvimento. A vontade dos chefes temporaes e dos chefes espirituaes — do rei ao caudilho eleitoral, do sacerdote ao feiticeiro, do homem de sciencia ao thaumaturgo — pesou mais sobre os destinos dos povos, que seus interesses, seus sentimentos, suas aspirações e suas necessidades.

Os povos têm sido moldados á imagem e semelhança de seus chefes, de seus padres e de seus sabios.

E' erro imputar aos povos, na critica dos acontecimentos sociaes, a responsabilidade dos desvios da evolução e esperar delles a iniciativa de reformas e movimentos reparadores. O corpo alimenta; não inspira, nem dirige, o cerebro.

A evolução social não obedece, por outro lado, a nenhuma força, energia, actividade, poder, ou tendencia, transcendente, sobrenatural, immanente á organização collectiva, de não se sabe que mysteriosa propriedade mystica, magnetica ou suggestiva, com effeitos forçados para determinadas fi-

nalidades, imprescriptivel progresso e inevitavel aperfeiçoamento.

O homem é uma energia viva, e a sociedade, a somma destas energias vivas e autonomas. Transcorridos os processos psychicos que provocam, impellem e dirigem as vontades e os actos, a vida social resulta da somma das vontades e dos actos individuaes, sob o influxo, brando, ás vezes, de certos estaçoes emotivos, do impulso, violento, das paixões, outras vezes.

As forças sociaes reduzem-se, em ultima analyse, a vontades, actos e relações — factos positivos, observaveis, verificaveis: estas forças obedecem a impulsos, senão sempre egoistas, sempre individuaes e immediatos.

As unicas forças da sociedade, que, assim, se poderiam dizer espontaneas, caminham para realisar desejos e satisfazer a necessidades de character individual.

Só ha um factor, uma força, um instrumento, um orgão, uma vontade, uma intelligencia, com a funcção de promover a acção nacional, de *manter* a vida do pais, no que o interessa em conjuncto e permanentemente: é o apparelho politico-administrativo, com seus varios orgãos.

A nação a quem falta este orgão está condemnada a dissolver-se, a desaggregar-se, a ser con-

quistada, e se o momento é propício ao surto de outro povo mais forte, mais bem governado.

Não ha attenuação possível á côr profunda desta realidade. Aos povos que viveram, quasi exclusivamente, de vida publica, como as sociedades politicas da Grecia e as da Roma republicana, a Historia fez succeder as grandes tyrannias medievas, sem vida civica, nem vida social, mas com intensa vida politica. A idade moderna procurou realizar, como governo representativo, a transacção entre o individuo e a sociedade: mas o individualismo, no arrancar ao Estado a direcção dos interesses sociais e economicos, bateu de encontro aos abusos do seu proprio principio, substituindo o despotismo do Estado pelo despotismo de individuos e grupos eventualmente mais fortes. O millionario, o syndicato capitalista, o "trust", representam, hoje, a mesma influencia e o mesmo poder de Felipe II, de Colbert, das "chartered companies". O papel dos governos contemporaneos, nas sociedades normalmente organizadas, consiste, neste ponto, em defender os individuos, contra os abusos do individualismo, a sociedade, contra seus despotas espontaneos: em fazer a policia da vida nacional e economica, contra os privilegios, os monopolios, os açambarcamentos, dos "reis" das soberanias argentarias.

Para os povos de organização regular, o problema politico de nossos dias está todo em saber-se se, na conquista das liberdades theoricas, pelo caminho das idéas e das formulas juridicas, as apparencias não iludiram os espiritos, substituindo o predominio da tradição e do sangue, pelo predominio da especulação e do dinheiro, as castas aristocraticas, com seus titulos militares e suas virtudes marciaes, arrogantes de sua honra e de sua bravura, por essa outra classe de senhores improvisados, seleccionados nos corredores das Bolsas e no panno verde das roletas, ás vezes, cujos caprichos e aventuras pesam sobre a sorte de milhões de homens, em seus paizes e no estrangeiro, mais effectiva e poderosamente, que o de muitos reis de outr'ora.

Para os povos desprevenidos e incautos, fracos por fraqueza organica, ou, como em nosso caso, pela coincidência da infancia nacional com o intenso surto expansionista de velhas e vigorosas nações, de profundo instincto e solida educação de lucta, o problema duplica de gravidade.

A crise apresenta-se, para estes, com toda a intensidade da lucta social interna e da lucta social externa; e a reacção de uma nação — mal despertada do somno de uma existencia quasi patriarchal, que um feliz isolamento permittiria sobre

vasto e, até agora, farto territorio — em face da alienação da sua economia, ou é empenhada com celere e ardente investida ás armas, ou vale, estrategicamente, tanto quanto a retirada do territorio, o abandono dos baluartes da fronteira, na defesa do patrimonio e da liberdade.

E' aqui que a posição dos que nos governam mostra o espectaculo de uma surprehendente indiferença.

E se os governos, impenetraveis em sua massiça postura de esphynge, param deante do ataque á nossa liberdade e do saque a nossos bens, não se sente, tambem, entre os que dirigem a opinião, a attitude recta e mascula, que os factos impõem.

Ainda se não quiz comprehender que este momento vale, sem sombra de hyperbole, a recapitulação inteira das nossas conquistas politicas, do nosso desenvolvimento nacional, da nossa independencia e do nosso prestigio. O x , que está em frente deste caso, é a incognita de equações que terão por termos os valores positivos, ou os valores negativos, do 7 de Setembro, do 13 de Maio e do 15 de Novembro. Não é um simples caso, embora avultado, de administração, um grave problema economico ou social, como o da libertação dos captivos, o da colonização, o da perda ou conquista das liberdades politicas e civis: é a propria

synthese da nossa politica, que está em causa; é um problema politico que não admite divisões partidários, desconhece interesses contrarios; que não soffre, nem tolera, vacillações, dubiedades, tibiezas...

E' esta idéa que é preciso firmar, assentar, consolidar, indestructivelmente, em nossos espiritos. Se o Brasil não tinha, até hoje, politica nacional deliberada — como não a têm, conscientemente, os povos que a fortuna exclue dos embates da concurrencia — pertencia ao numero das nações de nitida, immaculada, crystallina soberania politica; se, entre os devaneios de futuras remodelações da carta do Globo e sonhos imperialistas, de algum Bonaparte retardado ou de um novo Cecil Rhodes, se aventurou, alguma vez, o desejo, ou a ambição, de nos conquistar, isso entrava no numero das possibilidades da fortuna que podem correr quaesquer povos, ainda os mais possantes.

Contamos sempre com um respeito ao nosso pavilhão, egual, pelo menos, ao que mereceu, das potencias mais fortes, nas occasiões mais criticas, o pavilhão norte-americano; eramos o paiz de mais credito, na America do Sul; tinhamos uma nobre tradição de honra financeira, de probidade administrativa e pessoal, de ordem, de garantias juridi-

cas, de segurança e de hospitalidade para com o estrangeiro; fomos, durante a Monarchia, nesta parte do continente, um Imperio de ordem e de liberdade, devotado á paz e á concordia: a Republica fez da nossa Constituição um programma de pacificação, para a nossa vida e para o mundo; sentinella avançada do pacifismo, offercíamos á civilização o espectáculo de uma nação, joven e sã, que arvorou, como emblema de suas aspirações de força e de gloria, a bandeira branca do arbitramento: paz de escravidão retardada e de instituições espurias, tivemos, nas forças armadas, o advogado da abolição, o restaurador das instituições naturaes do povo, voto e sonho dos nossos maiores; Rio-Branco conquistou, para nós, como advogado internacional e como diplomata, um posto sem equal, nos fastos do arbitramento e da solução pacifica dos litigios entre nações. O Sr. Ruy Barbosa eleva-nos á posição de directores da reivindicação dos direitos das nações fracas, pleiteando a egualdade juridica dos Estados, na composição do Tribunal Internacional de Justiça e do Tribunal de Presas. Abroquellados na seriedade da nossa administração e na rectidão da nossa justiça, repellimos, com honbridade, a celebre doutrina Drago, esse deploravel reverso sul-americano da doutrina de Monroe. . .

Nós eramos isto... E qual a realidade que se nos depara?

Estamos em época em que o rigor da critica e a severidade da investigação nada poupa, no ardor de firmar a verdade, ou — pois que a propria noção da “verdade” entra no numero dos conceitos em debate — no de esclarecer as intelligencias. Mas, neste parlamento universal que tem em ordem do dia todos os postulados, todos os principios, todas as idéas, da sciencia, da politica e da philosophia, — não ha estudante, de Cambridge ou de... Constantinopla, que dê por situação normal de soberania nacional a de um povo cujo territorio é talhado em vastas zonas de influencia estrangeira, onde quasi todas as estradas de ferro, incluindo as mais ricas, cahem em poder de syndicatos estrangeiros, onde se projecta executar uma réde ferro-viaria continental, subordinada a planos extranhos aos interesses do paiz, com a posse de portos, de outros instrumentos de viação, obras e serviços publicos, largas feitorias de mineração, agrícolas e pastoris, bastantes estas para anniquilar a industria nacional, realizando-se, assim, publica e confessadamente, um plano de expansão colonial, uma politica social e economica, um estado no estado, — e um estado que traz para a lucta com os nossos estados de politiquice e com

a nossa federação de caudilhagem, com o proprio esqueleto das nossas melhores riquezas, a musculatura da vontade implacavel de povos habituados a vencer e o nervo de quantos capitaes queiram pedir ás Bolsas congestionadas da Europa!

Este facto, esta realidade, este flagrante, este corpo de delicto, este axioma, esta verdade patente e intuitiva; isto, a que os juristas chamariam prova provada, por confissão e testemunhas de vista; esta demonstração matematica; esta cousa corporea, material, visivel, sensivel, tangivel; este indiscutivel, este absoluto, esta certeza, esta evidencia, esta affirmação e este reconhecimento, patentes, insophismaveis, inilluciveis, formados com o *a b c* das certezas mais elementares e irrefragaveis da politica internacional, precisos, rigorosos e inflexiveis como o $1 + 1$ da primeira verdade arithmetica, este assalto ás escancaras... isto é cousa que não deve oscillar, na consciencia de nenhum brasileiro, que não deve permittir um minuto de tolerancia ou de adiamento.

Não ha, neste caso, nada a separar, nada a distinguir, nada a attenuar. Todos os aspectos e todos os pormenores do problema que nos foi posto, e que foi acceto pela indifferença dos nossos Governos, gyram em torno de uma questão central, organica, preliminar: a da existencia de uma poli-

tica nacional, íntegra, límpida, indivisível. Esta política e a soberania são termos equipolentes, feições componentes do carácter e da vida nacional: são incompatíveis, não só com o todo, mas com quasi todas as fracções das conquistas que se estão consummando em nosso território.

Compreende-se que não tivéssemos consciencia da falsa orientação social e economica do paiz, enquanto a realidade se não tinha apresentado, como um facto indiscutível, da nossa progressiva e crescente desnacionalização; enquanto a fome, a miseria, a ignorancia, a superstição, se não haviam mostrado, como phenomenos communs e extensos, por vastas regiões do paiz; enquanto a verdade flagrante da lenta victoria dos colonizadores e commerciantes estrangeiros, na vagarosa conquista social da fortuna e do bem-estar, não haviam pregredido até o caso assombroso, da quasi instantanea invasão do paiz por uma organizaçãe financeira, talvez a mais poderosa do mundo: uma occupação imperialista por escalada e por assalto, a realização de um sonho expansionista deante do qual a ambição de Cecil Rhodes pareceria o innocuo projecto de uma partida de *sport*!

Os arbitros dos destinos do povo brasileiro precisam compenetrar-se que estão confessando á Nação e registando, para o futuro julgamento da

Historia, que vivem alheios da politica de seu paiz e da politica mundial de sua época.

Não espanta, por isto que, neste momento, em que o mundo inteiro offerece, aos olhos do observador, como traço typico da politica, o phenomeno de uma exaltação do nacionalismo, os nossos governantes não vejam que, ao passo que a China, vencendo as tendencias negativas de sua tradicional indolencia, consubstancia em um definido esforço de cohesão nacional o surto da sua reconstituição politica; ao passo que a Grecia e os Estados balkanicos concentram todas as energias da affinidade nacional, ethnica e religiosa, contra as forças desaggregantes do islamismo; ao passo que a Italia consumma, em Tripoli, a empresa da sua velha aspiração á renovação dos surtos da aguia romana; enquanto a Inglaterra e a Russia debatem, na Persia, as linhas do seu dominio economico e da sua influencia commercial; enquanto a partilha da China volta á discussão, nòs centros diplomaticos, financeiros e jornalisticos, onde se elabora o fermento das grandes intrigas e dos terriveis dramas da politica internacional; enquanto a incorporação definitiva do Egypto é levantada como problema de oportunidade, peios inglezes; enquanto as grandes potencias e os Estados balkanicos vêem abaladas as mais seguras esperanças da

paz, diante da guerra turco-balkanica; enquanto, em todos os paizes do mundo, a orçã que assoberba o horizonte politico e domina os sentimentos e as idéas, é a de um intenso e vivo nacionalismo: na Inglaterra, consolidando, por interesse da defesa, a concentração das colonias e do Reino Unido, na unidade imperial; nos Estados Unidos, expansionista, apesar de sua tradiçã: dispostos a "vencer industrialmente", na phrase infeliz do Sr. Philander Kuen; na França, tomada de um impeto de expansã e de rejuvenescimento, que estuam nas palavras de seus homens de Estado, na literatura, no nacionalismo de Barrés, na aspiraçã da influencia franceza, "educativa" e directora, da "Jeune France" e dos diversos coloridos intellectuaes de sua "volonté de puissance", e apoiados na força conquistadora do seu mercado monetario, nesse tremendo problema da Alemanha, — gigante contido pelo pulso de uma forte vontade politica, mas que o mais ligeiro accidente pôde, de subito, arremessar á satisfaçã da sua natural, espontanea, organica, necessidade de crescimento e de transbordamento de gente de energias: — enquanto a fibra da politica, o nervo das agitações, em todo o mundo, estã na vitalidade, na energia, na actividade, na aspiraçã de supremacia, — a gente que nos governa não veja que o Brasil, até

hontem sobranceiro a duvidas sobre a sua autonomia effectiva, vae sendo lançado para o nivel das nações de segunda ordem, no gozo da soberania, da liberdade de governar-se, do prestigio politico...

Por todo o planeta, os povos conscientes e criteriosos estão sentindo que precisam concentrar e robustecer o maximo vigor de sua energia, todo o valor de seu sangue, com o poder varonil da sua força nervosa, activa, resistente, offensiva, se tanto fôr mister, para enfrentar e vencer o impeto das competencias, que surge e se emmaranha, por todas as regiões da Terra: e, em meio desta lucta, que terá por arbitro a promptidão das iniciativas, a verticalidade incorruptivel dos caracteres, os que nos dirigem preferem dar-nos uma flaccida posição de emasculados, a molleza da affeminação, a postura horizontal das hospitalidades condescendentes.

E, enquanto, no terreno dos actos e dos factos, agrava-se, dia a dia, esta attitude de passividade — accentua-se e sublinha-se a realidade, com as luzes fatuas e as expansões mysticas, de um patriotismo oratorio e byzantino, substituida a virilidade consciente por nevroticos ataques de amor proprio, a coragem, por singulares e cœntios accessos de bravura impulsiva, a nobre e digna re-

acção da lucta pela vida e pela honra, por fervores mysticos e torvos delirios orientaes. . . Sabem os que acompanham os debates politicos mundiaes — pleitos em que se vae processando o julgamento dos povos e se vão determinando os futuros conflictos — que a these da capacidade das raças é um dos bastiões montados pela ambição dos que aspiram ao dominio. A ambição ao dominio universal, das raças teutonicas, fundada na pretensão da sua superioridade, é um ideal politico conhecido, que conta em seu serviço com a auctoridade de uma sciencia e de uma literatura, com a força economica, o poder militar, a apparente superioridade, physica e mental, a real vantagem actual, destas raças. É uma pretensão infundada e injusta; e a todas as razões com que a sciencia contemporanea responde á sciencia dos imperialistas, o Brasil — museu vivo de ethnologia e esplendido laboratorio de experimentação ethnica — pôde juntar documentos irrefutaveis. O teutão, localizado no Brasil, prospera ou declina, em funcção do meio physico ou da vida social, nas mesmas condições que o branco de origem européa meridional, o preto e o indio. Mas apesar disto, a theoria continúa a ser thema da polemica politica e eixo da lucta das hegemonias, das influencias, das supremacias.

As raças são julgadas pela energia, pela actividade, pelo vigor, pela independencia, pelo brio e o valor, com que sustentam a autonomia, — pelo conjuncto das qualidades que formam o caracter ethnico; e o que se está passando, actualmente, em nosso paiz, parece feito para documentar o libello das ambições teutonicas...

Os povos conquistadores são tambem moralizadores. A posição de superioridade, de supremacia, de simples sobrançeria, mesmo, ainda que passageira, inspira attitudes cathedrahticas, exemplares, disciplinares... Os barbaros foram o "fléau de Dieu", vibrado contra a dissolução romana; e mãos christãs, mãos limpas de peccado, abriram-lhes as portas de Roma... Não houve horda de hunos, ou de mongoes, que se não desse pelo povo "eleito de Deus", em missão de vindicta religiosa, ou de reparação moral. A Moral, como a Civilização, dá, por vezes, assim, boas flammulas de guerra. Nossos costumes e, ainda mais que os costumes, nossos moveis intimos e nossos sentimentos, em confronto com os moveis e sentimentos de outros povos, são de ordem a nos honrar, entre os que mais se presen. Os paizes mais civilizados são tambem os mais corruptos; suas capitales são sédes de vicio e de dissolução; suas sociedades, centres de corrupção e de venalidade;

mas a força não admite o contraste, nos julgamentos que instaura, e em que se arvora juiz final, de arria em punho. Processa, julga e dicta a sentença. Ora, o que se passa no Brasil, e que está em contraste flagrante com a nossa indole, seria de ordem a dar visos de justiça á sentença que nos condemnasse por indignos da guarda do nosso patrimonio e da nossa soberania politica. Um povo que renuncia á gestão de seus bens, para confial-a a mãos estrangeiras, que desiste da capacidade economica e social, não pôde presar sinceramente a capacidade politica. A liberdade não se divide. Desistir da parte da liberdade que interessa ao trabalho, á energia e á força productiva, ao zelo e estima pelo patrimonio, ao interesse pela conservação e pela melhor exploração da terra que pertenceu aos paes e deve pertencer aos filhos, e pretender conservar a liberdade politica, importa fazer-se parasita na propria terra, comprar o ocio á custa da miseria da prole.

Ha um dever de lealdade nacional, de fidelidade ao amor pelos irmãos na raça, na lingua, na religião, no solo natal, que é a primeira e a mais intima virtude do selvagem. A justiça da ambição e da força é implacavel para com os povos que concedem taes argumentos ás oppressões regeneradoras. . .

Nós somos patriotas, vivamente patriotas, calorosamente patriotas, mas o nosso patriotismo precisa exprimir-se, nesta hora, em termos diversos do cunho romantico, da feição emocional, que só vibram em transe de exaltação, que só apresentam á mente, como imagem e expressão do amor á Patria, a idéa da guerra, do sacrificio da vida, da lucta physica. E' a fórmula do patriotismo de feição medieval, com traços da hostilidade dos primitivos; do odio tribal e gentílico; é o patriotismo aggressivo; o patriotismo em cuja liga o sentimento adverso ao estrangeiro sobreleva ao sentimento de amor pelo compatriota; o patriotismo que tem por ideal a lucta, em lugar do ideal da fraternidade; o patriotismo do sangue e da morte, em lugar do patriotismo da vida, da solidariedade, da cooperação.

O appello a este patriotismo tem sido a nota mais vibrada neste momento. E' uma nota imprópria: mostra a má comprehensão da justa posição das cousas. Deixando de encarar a triste realidade de agora, protelamos, para transe imaginarios de uma guerra futura, o movimento de energia e de coragem, que se nos está impondo.

Illudimos e dissimulamos as difficuldades que se amentoam, os prejuizos que estamos soffrendo, a affronta que nos infligem á face do mundo. Este

brado oratorio de patriotismo encobre uma confissão de abandono. A invocação á bravura, para longinquas e duvidosas batalhas, em lugar de nos mostrar noção certa de seus interesses, moraes e materiaes, com a alta coragem de civilizados, que estimam os bens intangiveis da honra, do brio, do amor á terra e á gente de sua patria, capazes de trabalho e de organização, não nos faz apparecer senão como um povo de flibusteiros e de *condottieri*, valente para guerrilhas, com a intrepidez animal de leões, se quizerem, mas sem a coragem de varões livres. Explosão impulsiva, de fórmula oratoria, este patriotismo brota da fonte onde nascem as manifestações doentias da alma, explodindo na erupção de uma batalha homérica que não é, porém, do Homero da *Illiada*, mas do Homero da *Batrachomiomachia*...

Correr mentalmente para a idéa da guerra, deixando de attender á posição actual do problema e de lhe procurar as soluções, encerra todos os erros do balbuciar intellectual, todas as fraquezas de character, das crianças. Esta attitude serve, apenas, para mostrar uma das manifestações da enfermidade nacional — mal superficial, de educação, mas dominante em toda a extensão dos nossos sentimentos, das nossas idéas e dos nossos actos: a tendencia rhetorica da nossa mentalidade

— decorativa na arte, mnemonica no saber, pharizaica na acceitação, na cõnia, na interpretação e na applicação de idéas e de systemas; byzantina, no culto material da fôrma; quasi supersticiosa, no amor a conceitos e a formulas. Textuaes no que sabemos, exegetas e glossadores, no que produzimos, obsecados de idéas alheias e de illusões, vivendo o romance dos nossos devaneios e das nossas imagens, literarias, idolatras de homens e de nomes proprios, scepticos para os ideaes concretos, surdos ao optimismo que demanda esforço e ordena o exercicio da vontade, crédulo ás mais extravagantes phantasias e artificiosas theorias; affectando descrença na virtude, na seriedade, no trabalho; confundindo ouropéis e lentejoilas com a arte; admiradores dos torneios e das argueias da politica pessoal e partidaria; entusiastas de um progresso de palacios sem architectura e de cidades ostentosas, sem delincaimentos e sem enquadramento artistico sobre o fundo da natureza; — vamos sacrificando o que já haviamos conquistado, em apuro superior, na arte, em elevação e profundidade, nas intelligencias, em iniciativa, em autonomia e em força productiva, nos caracteres. O gosto pela musica ligeira, por effeitos vistosos por côres e luzes vivas, pelo luxo; um theatro de bambolata: todos os ruidos atordoantes da vaidade

e do mercantilismo, abafam os impulsos para as formas superiores da civilização e da cultura.

Neste estado de alma, não espanta que o nosso patriotismo reuna, num mesmo movimento, a indiferença pela perda da vida, a assomos de bravura, para a defesa — *provavelmente desnecessária* — do futuro.

D. João VI, com o Atlantico entre sua côrte e o exercito de Junot, poderia justificar o abandono da sua faixa de terra européa, pela fundação de um grande Império.

Pondo a nossa indiferença entre as conquistas de hoje e a nossa futura reacção, condemnamos a Patria á vassallagem economica, e, muito provavelmente, á dominação politica; e os nossos filhos, á sorte de um proletariado de *fellahs*, sem propriedades e sem educação, e, senão á miseria, ao alcoolismo, á morte por consumpção, nas tavernas, nos alcouces, á margem das estradas...

Neste estado de inconsciencia mental, com as nossas elegantes fatiotas de figurinos modernos, e de alheiamto de sentimentos e de idéas, sob o fulgor das palavras e o brilho decorativo das phrases, não admira que o patriotismo evite contemplar a verdadeira situação da Patria e corra á invocação liturgica da bandeira; que esqueça o Christo e apegue-se á cruz; que abandone a terra

e a gente e condemne a prole á miseria, delirando de extasis mysticos ao som do hymno nacional. . .

A substituição das imagens e dos symbolos, ás realidades, é signal de enfraquecimento do espirito.

Mas este patriotismo não é o patriotismo dos brasileiros. Nós somos um povo sensato, de espirito claro e pratico, de afeições reaes, de sentimento profundo, intimo e natural. — sentimento directo e espontaneo, que vae immediatamente ás pessoas, ao lar, aos compatriotas, á terra natal, sem liga de suggestões alheias aos impulsos do coração, sem laivos de conceitos adoptivos, de inspirações doutrinarias, de crença, de philosophia, ou de escola. Somos um povo franco, com o senso real das cousas, das afeições, das idéas. Entre cada um de nós e os objectos da nossa estima, do nosso amor, da nossa veneração, o effluvio que nos vem das almas não se esbate na imagem cultural da religião, nem o empanna a nevoa de um conceito convencional, de uma sensibilidade de emprestimo: estende se e penetra com a limpidez do sol nas manhãs claras. Um povo que assim sente, não pôde byzantinizar-se na idolatria dos symbolos, corromper o espirito na adoração das formulas, quitar se do dever, com a absolvição de con-

trições e de homilias, de penitencias e de holocaustos sacrificiaes.

Este patriotismo é o patriotismo official ou liturgico, o patriotismo dos protocolos e do ritual, bom, quando expresso com austeridade, para recordar, nos dias notaveis da vida nacional, os feitos gloriosos ou luctuosos que passaram, reavivando a chamma do amor patrio.

O patriotismo do povo brasileiro está vendo com inteira lucidez a realidade que o cerca.

Erramos uma nacionalidade dispersa, amorpha, em estado quasi liquido, sem elementos de condensação e de resistencia; um composto de admiraveis caracteres individuaes, moralmente unidos, sem caracter social; um conjunto de raças e de tipos, sem modelo nacional; *uma nação, sem nacionalidade.*

Entre esta população dispersa, disseminada em vasto territorio, vivendo tranquilla e segura como todos os povos para quem a vida é facil, sem incumetações e sem ambições, o estrangeiro, trazendo a educação para a lucta na concurrencia, ambicioso e pratico, assentou o trapiche, o armazem, o entreposto, a loja, a venda, o commercio de exportação e o de importação, o commercio intermediario. Como em toda a parte, os capitales, *fructos da producção,* fluem para as grandes ci-

dades; mais do que em outros pontos, os capitães, concentrados nas cidades, resistem á volta á circulação. Dos estrangeiros, uma parte regressa ao paiz natal, transportando as fortunas, ou aggravando o curso habitual das exportações de numerario; outra parte, fixada no paiz, depois de presentear os parentes que ficaram na terra, com fracção não pequena do trabalho extractivo das riquezas nacionaes, deixa aqui um patrimonio, ás vezes avultado, a descendentes que não possuem o estímulo, e, na quasi totalidade, a educação, do trabalho. A sociedade, formada com os descendentes dos antigos colonos, com os pretos e com os indigenas, vae sendo relegada para a miseria, para o parasitismo proletario, nas classes baixas: para o funcionalismo, para as profissões liberaes, para a politica, nas classes médias; para o capitalismo parasita, de fruidores de juros de apolices e rendas de predios urbanos, nas elevadas. O caso não é exclusivamente nosso: nos Estados Unidos, o anglo-saxonio, de geração americana, começa a sentir-se vencido pelas ondas dos novos colonos; nas attinge, aqui, proporções muito mais graves. A nacionalidade brasileira ficou, assim, composta de escassa camada de homens ricos, inactiva e estéril — fortunas dissipadas, em regra, em segunda geração; de immensa massa popular, pseudo-

proletaria, miseravel e analphabeta, quasi toda de funcionarios e doutores.

Ao trabalho escravo não succeder organização do trabalho livre. Importação official de colonos para o serviço dos fazendeiros, colonos para as capinas e para as colheitas, serviço official de colonização local, sem vantagem para as produções estabelecidas, sem valia, quasi, para o consumo geral, eis tudo quanto se tem feito pelo trabalho.

O productor nacional, não se habituando a capitalizar, não tendo chegado a organizar o trabalho, foi sempre dependente da pressão do custeio, quanto ao capital, e da pressão das colheitas, quanto ao trabalho.

Se as instituições de credito foram sempre escassas no paiz, o credito para o productor, em todo o mundo mais restricto, foi, ainda aqui, mais difficil e oneroso. Poucos, se raros serviços, deve a produção ao credito, sempre oneroso, aberto por commissarios, e, nos ultimos tempos, por exportadores — situação anormal, cujos efeitos são facéis de calcular. O credito rural e o credito agricola no Brasil têm taxas que attingem á usura.

Sem organização de trabalho, sem capital, sem credito, precisando de sommas avultadas para

o custeio das fazendas, dependendo, graças á natureza das culturas, de um serviço irregular, encontrou sempre a produção adversários tremendos na organização do commercio de exportação, estrazada, onerada de *jana frais* e de intermediários inúteis, e na organização dos mercados de importação no estrangeiro, sujeitos ás vicissitudes e oscillações dos negocios de productos exóticos, sem elementos seguros para fixação dos preços, de difficil, senão impossivel, pauta.

A lavoura nacional foi sempre, de facto, em lugar de agente principal, na serie das operações do intercambio, um serviço colonial da exportação, incumbido da extracção das riquezas; e, se, apesar de todos os percalços e de todas as contingencias, os lucros fabulosos das nossas especiarias davam para lhe fazer chegar ás mãos, ás vezes, proventos consideraveis, a falta de educação industrial, o absentismo, a prodigalidade, faziam-na collaborar com seus concorrentes, na obra da propria rotina.

No estudo dos problemas da produção e da riqueza nacional, cumpre ter sempre em vista os elementos — que têm servido de base a todos os meus trabalhos — da relação do valor das riquezas extrahidas em função do tempo e da extensão das regiões exploradas, e da relação da extracção

das riquezas e do exgotto do solo, em função da riqueza conservada no paiz, da riqueza em movimento, e da riqueza exportada para o exterior. Só assim se pôde chegar a formular conjecturas justas sobre o nosso ganho e as nossas perdas e sobre a realidade do nosso progresso material. Estes elementos deixam fóra de duvida a fallaz supposição da formação de uma riqueza nacional, consolidada ou móvel: a illusoria pretensão do nosso progresso material.

Nunca tivemos politica economica, educação economica, formação de espirito industrial, trabalho de propaganda e de estímulo para a applicação das actividades. Organizamos, pelo contrario, uma "instrucção publica", que, da escola primaria ás academias, não é senão um systema de canaes de exodo da mocidade do campo para as cidades e da producção para o parasitismo.

A política fiscal, motivada unicamente pelas necessidades dos thesouros, foi sempre adversa á producção — suporte effectivo, afinal, de toda a carga das tributações, directas ou indirectas. O proteccionismo, recente, viu contrabalançadas as vantagens que promettia á producção, pelos entraves á circulação e ao commercio, pelos tributos estaduais e municipaes, pelos açambarcamentos, pelo enxerto de intermediarios e de especuladores.

Sobre esta vida social pratica, a nossa politica e as nossas legislaturas edificaram, primeiro, o castello da monarchia parlamentar ingleza, depois, o castello do presidencialismo federativo americano; leis e regulamentos de Direito Civil, Commercial, Penal, Processual, Administrativo, de todas as origens; repartições, copiadas de todos os paizes. Esta montanha de preceitos legaes, que não interessam á vida do individuo e da sociedade, são em occasiões excepcionaes da existencia, em relação aos actos que têm origem e natureza juridicas, e este mundo de instituições e de repartições, realizando o trabalho, peculiar ás burocracias, de uma actividade quasi exclusivamente applicada aos objectos do seu proprio mechanismo e funcionamento, fundaram, em nossa existencia positiva, uma vida de theatro entretejiada na vida real, com discursos inglezes e interpretações literaes de textos inglezes ou americanos. Dominando tudo isto, duas grandes divindades presidem a ordem, garantem a segurança e mantêm, entre nós, o direito: a bondade e a probidade do povo, sem egual em qualquer outra parte do mundo.

Com a sua escassa policia e a sua insufficiente justiça, o Brasil poder-se-hia dizer um paiz em estado de anarchia, com ordem e direitos espontaneamente mantidos pela honestidade popular. Eli-

sée Réclus levou: daqui a illusão de haver encontrado a "terre promise" de seu ideal libertario...

Temos sido, assim, um paiz ao qual tem faltado: organização e educação economica, capital, credito, organização do trabalho, politica adaptada ás condições do meio e á indole da gente: um paiz desgovernado, em summa.

A supremacia do commercio e das colonias estrangeiras sobre a sociedade nacional, o enfundamento economico das populações a estrangeiros, são factos já antigos, crescentes, progressivos, notados por observadores isolados da nossa vida, mas desconhecidos ou desprezados pelos Governos. As observações de alguns politicos, entre os quaes o auctor deste estudo, eram utilizadas em seus trabalhos pessoais. Alguns escriptores trouxeram para a imprensa eruditos e documentados estudos, sem outro effeito além da polemica e do applauso literario. Um dos mais abalisados dentre elles, eleito deputado, o Sr. Sylvio Romero, consubstanciou as suas idéas em um projecto apresentado á Camera, mas, como era de prevêr, rejeitado.

A' falta de capital, de trabalho organizado, de credito, cumpre juntar-se, assim, a falta absoluta de uma *politica* nacional.

Este ponto, mais de uma vez desenvolvido em outros trabalhos, não perde por ser ainda destaca-

do. A política nacional de um povo se pôde definir como a actividade espontanea da sociedade, na defesa do seu caracter e da sua economia: no preparo nutritivo do seu desenvolvimento material, e no educativo do seu espirito. Esta politica resulta, em geral, de um *instincto* da propria nacionalidade, isto é, de um certo numero de habitos, gravados hereditariamente nos organismos, transmitidos pela tradição, que conservam o vinculo do interesse colectivo, a consciencia dos perigos communs, o senso do auxilio mutuo, da solidariedade e da cooperação, fixados, por experiencia secular, entre individuos relativamente semelhantes, habitando a mesma terra.

Longa posse da terra, lento e normal desenvolvimento das populações, devido, principalmente, á reproducção entre os indigenas, formam o terreno sobre o qual se enraizam os elementos psychicos, materiaes e sociaes do instincto nacional.

Ora, o descobrimento das terras e as colonizações, primitivas ou supplementares, fizeram surgir, nos tempos modernos, nações que não assentam sobre taes bases, e onde a acção do meio circumdante e a acção das camadas successivas de colonos não obedecem a nenhum processo espontaneo e vagaroso de adaptação. O Brasil é justamente um dos paizes onde a discordancia entre o meio

e os costumes do colonizador apresenta feição mais flagrante e tem dado os resultados mais desastrosos. Mas se a adaptação, a associação do homem com a sua nova terra, não foram adequadas, o homem obedecendo aos exemplos da sua época, querendo caminhar a par das civilizações e competir com seus concorrentes, não teve hesitações, no ardor da exploração, exaltando até à fúria devastadora a cobiça de converter os productos da terra em riqueza apreciavel. Destruiu e não enriqueceu.

Qual a lição que disto resulta? Resulta que a formação *artificial* das nacionalidades, tal como a nossa, impõe, como necessidade imperativa, a formação, por convicção racional, da consciencia nacional: a criação e o desenvolvimento, *par en haut*, — da intelligencia para os habitos, do raciocinio para os reflexos — do instinto de conservação e de progresso nacional.

Os homens que fundaram a nação brasileira não tinham o espirito dirigido para esta especie de observações. Com a cultura geral portugueza e a escassa cultura franceza, quasi exclusivamente juridica, não contavam sequer com os imperfeitos instrumentos da sciencia dos physiceratas e dos economistas, para receberem as primeiras luzes da vida social e economica. José Bonifacio seria, tal-

vez, capaz, com sua educação scientifica e seu genio, de deparar com a porta de entrada para o labyrintho da sciencia real da nossa vida, mas José Bonifacio foi o character forte e a intelligencia séria que, depois de ter realizado a independencia politica, teve de ser repellido, por indigesto, pelo estomago da mediania que a fruiu...

Uma vez fundada, a Nação Brasileira não sentiu o soffrimento do estado colonial effectivo, como sociedade e como economia. O povo — que age, nestas cousas, por sensibilidade — nunca mais teve, tambem, quem o advertisse. O povo não percebia, entretanto, a sua gradual eliminação, *só porque não soffria*. A perda incessante e paulatina da saude não se revela senão a olhos prevenidos, e a ingenua alma brasileira tinha, sobre a imperecível grandeza da sua terra e do seu futuro, a illusão do seu ceu azul e do seu bello sol de ouro puro.

Hoje, a realidade se lhe mostra, não só com uma copia de documentos que nos poem surpresas da nossa propria inadvertencia, mas com um facto *que representa, na historia das tentativas coloniaes, o caso mais arrojado de expansão economica*. Não ha, na chronica das conquistas lentas das semi-soberanias barbaras e das nações emasculadas, nada

que se approxime, que pudesse mesmo fazer conjecturar, a surpresa que nos assalta.

A attitude que nos cumpre manter, nesta situação, não é a attitude vacillante, a posição tibia, condescendente, de quem se propõe a negociar, a transigir. A diplomacia deste momento não seria a da negociação, mas a da repulsa, se pudéssemos admittir que a Nação tivesse de negociar diplomaticamente com os particulares que formam as associações de seus invasores.

Não é na faixa da fronteira que está o nosso problema actual; não são pormenores de defesa militar, de politica e de administração, que nos devem preoccupar; não se trata de saber se carecemos ou não de capitaes, se devemos ou não aceitar os capitaes que nos offerecem. Com a fórma que estas cousas revestem, dadas as condições do nosso estado social e economico (pelas quaes não somos responsaveis, e que, em confronto com a situação moral e politica de outros paizes, não nos põe em posição de inferioridade) nada mais temos que fazer senão oppôr a empresas e syndicatos estrangeiros a recusa limitar do *non possumus*, varrer o territorio da intromissão inhospita, e promover a nossa reorganização social e politica, de fórma a preparar o Brasil para ser um cooperador da

civilização, em vez de um logradouro internacional da especulação e do capitalismo ocioso.

Os brasileiros, e dos mais dignos, que, illudidos por uma falsa comprehensão dos nossos interesses, acceitaram posição na gestão de empresas estrangeiras; deixemos-lhes a liberdade de resolver seus problemas pessoais, mas, despersonalizando a questão, não hesitemos um momento em tornar bem claro, neste traço da nossa Historia, que as classes dirigentes do nosso paiz não se dispõem a acceitar o papel de prepostos das companhias de exploração colonial da sua terra.

O ideal nacional, que este caso desperta, contém a mais elementar, a mais pura das fórmulas, a fórmula essencial, do patriotismo. É simples abuso de tolerancia vernacula confundir a reivindicação da posse completa da nossa politica e da nossa autonomia com qualquer das fórmulas morbidas da exaltação nativista.

Queremos, para nós, a liberdade e a autonomia nacional, que tem toda e qualquer nação soberana; a autonomia e a liberdade de que nos temos mostrado dignos, e de que não usamos, senão para partilhar com o estrangeiro os bens da nossa terra e os affectos dos nossos corações. Contestar-se-nos o direito de reaver a parte desta autonomia que nos está sendo eliminada, equivaleria, para os es-

tranciros que aqui pretendem ficar, o repudío da sorte de seus filhos, e, para os que pensam em regressar, a confissão de que não se sentem interessados pela sorte de um povo do qual recebem a hospitalidade talvez mais franca no mundo inteiro.

O nosso nacionalismo não é uma aspiração sentimental, nem um programma doutrinario, que presupponha um colorido mais forte do sentimento ou do conceito patriótico. É um simples movimento de restauração conservadora e reorganizadora.

E, em torno deste objectivo moral e politico, deve concentrar-se, não mais a attenção, nem o espirito, dos que respondem pela sorte do Brasil, mas a sua actividade, para que não esteja longe a alvorada em que nos sintamos de posse da direcção dos nossos destinos.

TYPOGRAPHIA CUPOLO
Rua do Seminario, 187
S A O P A U L O